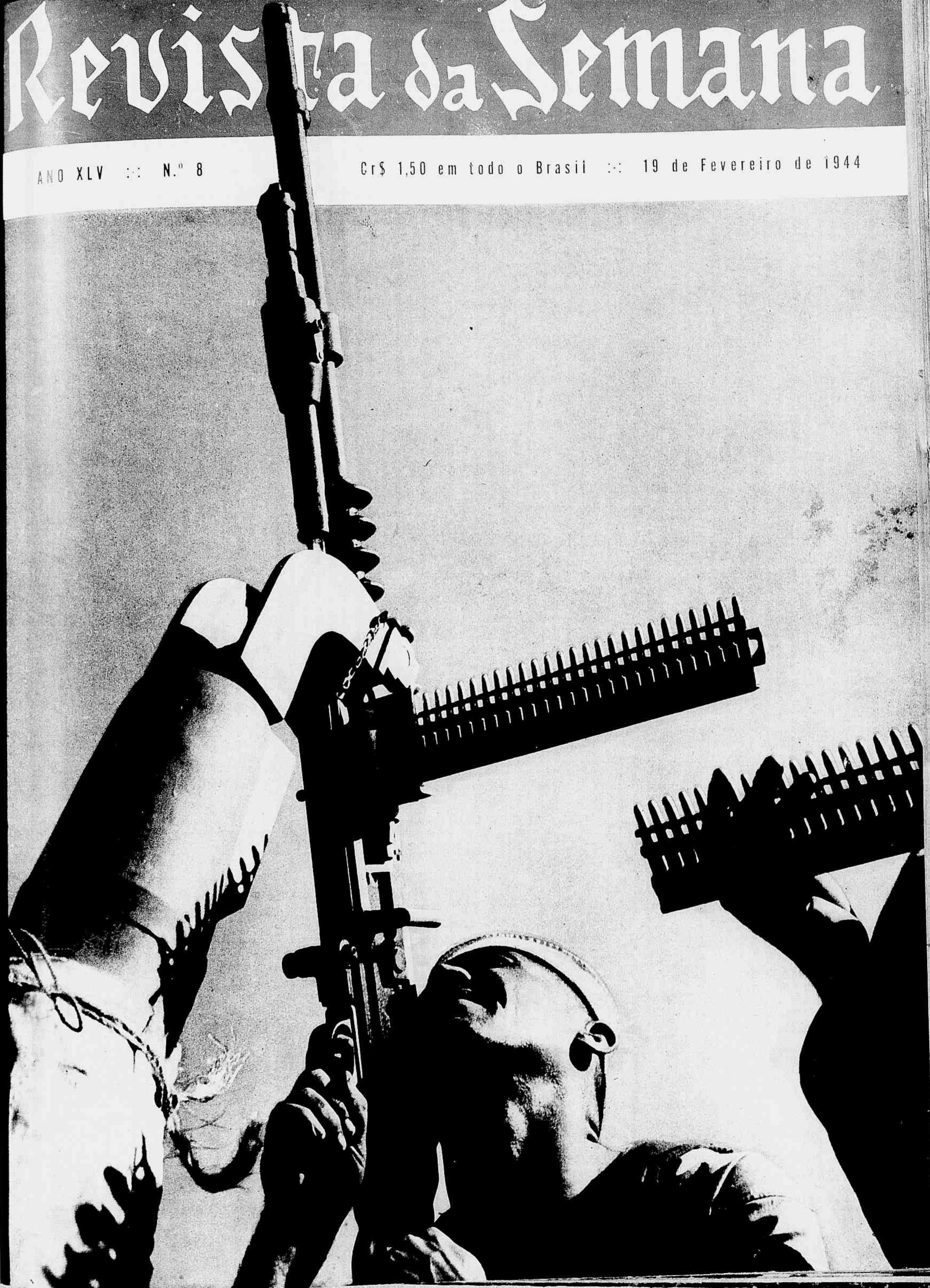


Revista da Semana

ANO XLV :: N.º 8

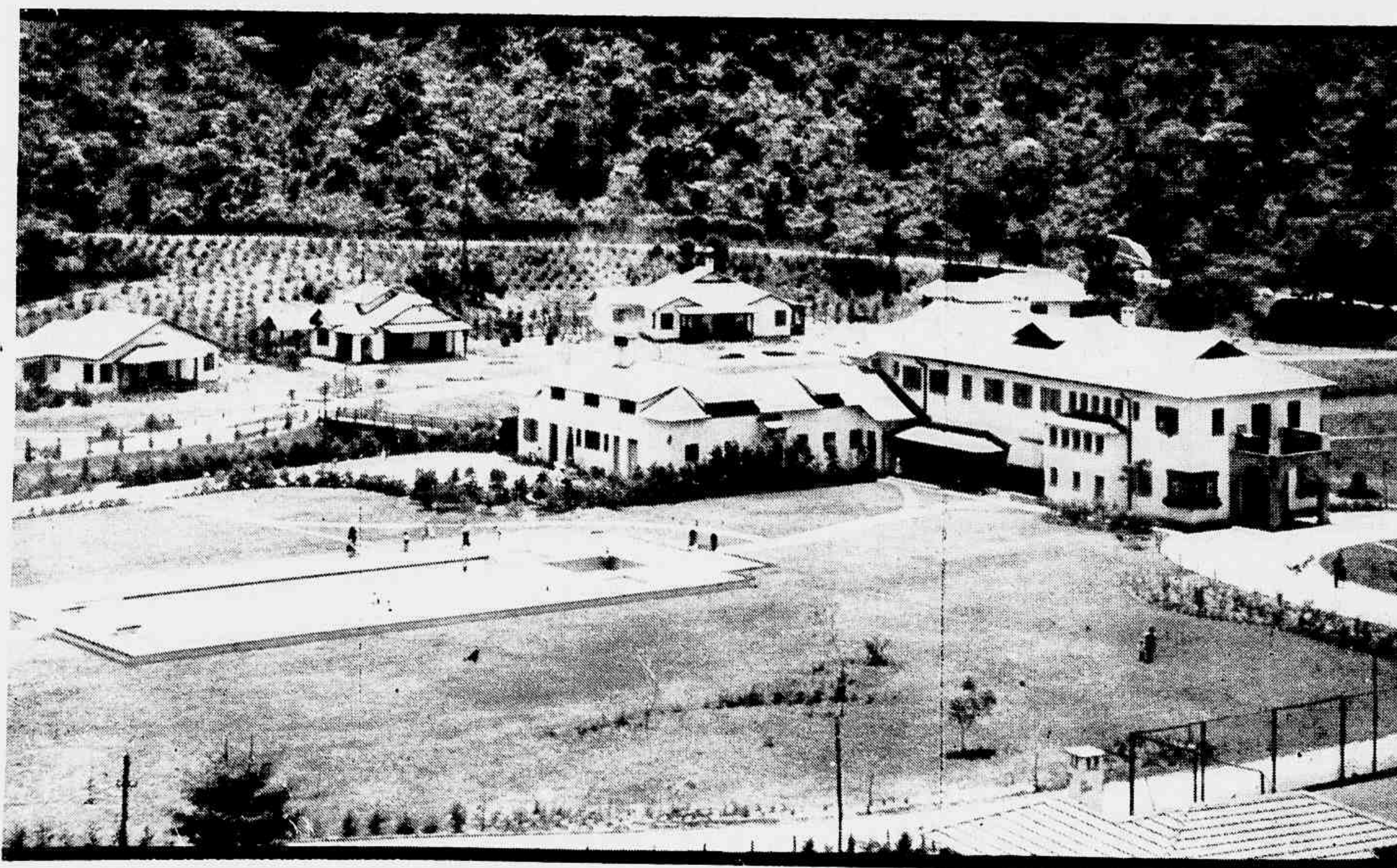
Cr\$ 1,50 em todo o Brasil :: 19 de Fevereiro de 1944



Teresopolis



HOTEL
DA
FAZENDA DA PAZ



Refugiado! Falha o termo ao tentar exprimir o drama que arrasta em trágica procissão a leva humana com os destroços do seu lar às costas. Refugiado é aquele que encontrou refúgio, não é aquele que, qual novo Ashavérus, cumpre, por entre fogo, suor e sangue, a maldição bíblica: Caminha... Caminha sempre!... E' isso o que está acontecendo às populações

inermes, nesta luta tremenda do homem contra o homem; Caim e Abel numa dramática parábola que se repete pelos séculos a fora.

Nas terras secas do nordeste, flageladas pela adustão de um sol implacável, o homem ergue-se teso e heróico em meio do exército, junta o pouco que ainda lhe resta e, seguido pela mulher e pelos filhos, empreende a caminhada. Seus olhos secos como o deserto que o cerca fitam o disco do sol que é um brazeiro no céu, e largando um suspiro de resignação murmura: Deus quiz! E a frase cristã é um refrigério.

O Refugiado, olhando a destruição, a morte, a fúria sanguinária da bête humana, foge levando na alma uma imprecisão de ódio e um desejo de vingança.

Não é o látigo de Deus que o flagela, é o ódio barbaresco de Caim.

Ele não tem o direito de levar, na caminhada sem rumo, os filhos; eles foram para

do meio dos escombros de sua pátria, para procurar abrigo e refúgio em terra estranha, é aquele que sabe que tem de construir um novo mundo para os porvindouros, com os rebutalhos desse mundo arrasado. A verdadeira vítima desta insânia é aquele que perdeu a fé, a esperança e o amor, porque viu de perto o corvejar do abutre humano, sobre a fraqueza do seu semelhante, tirando proveito das contingências, da miséria, da degradação.

O retirante, titan da terra calcinada, quando põe a mochila às costas, e segue acompanhado pelos parentes, inclusive o magro vira-lata, seus olhos antevisionam, dentro do próprio solo-pátria, outro rincão que é seu também; a planície edênica onde há pletora nas florestas e nas caudales, onde o rico fabulário conta lendas parecidas com as que ele ouvia no berço natal, onde as cantigas teem a mesma dolência e onde a palavra *Saudade* tem o mesmo perfume das flores que murcharam, dos beijos que se esconderam nas *trovas* e *desafios*.

O refugiado é o pária, é o caminhante das trevas, que procura tateando um lugar vazio onde possa sentar-se; é mudo porque ninguém lhe entende a estranha linguagem, está sosinho porque não conhece ninguém. O seu mundo era diferente, a sua vida era outra. Ele é um

RETIRANTES

outros lares em terras distantes. O pequenito chorava, num choro angustiante pedindo: Quero mamã! Minha mãe! O outro, o maior, tinha agora um olhar aterrorizado quando olhava o céu: (esse céu que deveria ter para ele só estrelas e luas) e, se o ronco de motores quebrava o silêncio, ouvia-o murmurar num tremor histérico: São eles! Tenho medo! As bombas!...

O refugiado pensa amarguradamente: O meu filho era uma criança forte e sadia, inteligente e ousada, amanhã será um ser combatido pela nevrose! O flagelo de Deus retempera o homem para as lutas da vida; mas a barbarie sanguinária de Caim aniquila-o, envenena-lhe o sangue e a alma. A verdadeira vítima da guerra não é a que tomba no campo da luta, herói anônimo de um entrevé sem glória; a vítima real é aquela que sobrevive a todos os horrores dessa dantesca tragédia; é a que acorda desse pesadelo, revendo ainda de olhos abertos as visões apocalípticas que lhe deram a sensação da morte, a medida do barbarismo humano, da torpeza, do assassinio de mulheres e crianças.

A verdadeira vítima desta guerra, sem idealismo e sem nobreza, é aquele que se ergue



DA GUERRA

ser transplantado tendo de suportar outro clima, outra lei, e essa amargura para a qual não há remédio: o exílio.

Se leva à boca um pedaço de pão fresco, risca-lhe logo a lembrança a cena daquele pequenino sentado à beira do caminho, o rosto sujo, a chorar de fome enquanto mastigava umas folhas cruas.

Se leva aos lábios o cachimbo, entrevê no seu véu de fumaça o fumo denso da casa incendiada; aquele cão que o fareja oferecendo-lhe lealdade, lembra-lhe o outro velho amigo, que ele viu de olhos esbugalhados pela dor, morrer-lhe aos pés ganindo de tristeza.

Por que meu Deus? Por que? Murmura desoladoramente.

E a vida continua, mas continua como se fôra uma bandeira rasgada, hasteada no topo de um mastro carcomido, qual um símbolo da pátria que precisa sobreviver e ser grande.

Ele — o homem — símbolo da espécie humana, também rasgado de desesperos, precisa sobreviver, para a reconstrução, para a Vitória que é o começo da grande batalha pró liberdade; mais do que isso a batalha pela dignidade humana.



As crônicas das revistas elegantes ocupam-se exaustivamente das herdeiras de milhões em todo o mundo, rendendo, assim, vassalagem ao denário amarelo, cujo brilho de fogo fátuo tem o poder de ofuscar até notáveis espíritos.

Lembro aqui, a propósito, uma significativa anedota de Luiz XIV. O fato é que adoeceram, conjuntamente, um alto dignatário da corte, titular de alta tradição e um plebeu, filósofo das mais notáveis da história.

Luiz XIV afligia-se de tal modo com a enfermidade do ilustre burguês que parecia ter esquecido por completo o nobre, gravemente afetado de moléstia perigosa. Um dos titulares, companheiro do enfermo, certa vez em que o monarca mandava o quarto médico saber do filósofo, sem mencionar uma só vez, o grande da corte, não se conteve e perguntou com intenção:

—“V. M. com a doença desse pobre filósofo, esqueceu que está mal o nobre marquês de X? Ao que responde prontamente o monarca:

— Não esqueci, mas aconteceu que, *marqueses* eu farei quantos quizer, ao passo que um *gênio* só Deus pode ter!”

Magnífica lição a do rei-sol, esse grande homem, magnífica, porém difícil de ser aprendida pelo espírito ambicioso e utilitário dos homens de todos os tempos e particularmente pelos do nosso tempo. A bajulação é, a meu ver, a mais baixa condição do ambicioso, porque ele não tendo nenhum

Miss Anne Buillit, filha do embaixador na França, terminou seu curso universitário, conquistando o melhor lugar.

Foi a oradora da turma e são notáveis seus dons de oratória. É bela e tem um talent fora do comum. Ingressou recentemente na sociedade, mas deseja cursar uma escola de arte.

HERDEIRAS NOTÁVEIS DE NOMES FAMOSOS



Faith Brook é filha de Clive Brook, o célebre ator; fez a "moça inglesa" e com sua brilhante atuação ganhou fama. Estudou na Escola Dramática de Beverly Hills, onde foi companheira de miss Barthelmess; seu talento notável é um augúrio de futuro.

valor pessoal, para vencer lança mão das suas qualidades mediocres e, armado do seu vocabulário vazio e com brilhos de lentigoulas, concorre para multiplicar ao infinito o grupo dos enfatuados ricos, à sombra dos quais se amolda. Estes, por sua vez, alisados em sua vaidade de payões, tornam-se cada vez mais fôfôs, marionettes, orgulhosos da sua mediocridade dourada...

E' tal como na quadra popular, tão sábia:

*O homem é como o vácuo,
Isso eu já compreendi.
Quando se sente vazio,
Enche-se todo de... si*

Sonya Stokowski, filha do famoso maestro, e da notável concertista e dedilhadora Olga Samaroff Stokowski, é ingênua como seu pae, e foi uma das grandes revelações no drama escolar da Universidade, num papel difícil e de dramaticidade forte. E' um talento, tendo as afinidades com o pae.

Herdar um nome ilustre nas ciências, nas letras, ou nas artes, é pertencer a

uma tradição, cuja árvore genealógica tem as raízes mergulhadas nas mãos de Deus. E' um braço cujo valor da herança a passagem dos anos torna maior, chegando, por vezes, a entrar nos domínios maravilhosos da lenda e além da história.

Felizes as herdeiras de nomes ilustres que os doíre e desdobre com qualidades e virtudes pessoais, como Eva Curie e sua irmã Irene, Sonya Stokowski, Nancy Wiman, Faith Brook, como entre nós, Maria Eugênia Celso, Itala Vaz de Carvalho, Carolina Nabuco, Violeta Coelho Neto de Freitas, Heloisa Torres, Margerida Lopes de Almeida e outras ainda, herdeiras ilustres de ta-

(Continua na pag. 7)



Nancy Wiman, filha do notável comediografo Weere Wiman, é a moça americana, expansiva mas refletida, e demonstra uma naturalidade extraordinária. Foi uma das quatro surpreendentes revelações, no drama de fim do curso universitário, que ela fez com grande brilho.

Mary Barthelmess, filha do famoso astro Richard Barthelmess, conquistou sua primeira oportunidade como "debutante" ao lado de misses Wiman, Stokowski e Brook; foi, também, uma revelação extraordinária no drama escolar, em sua Universidade, no qual fez a "moça franceza" diante da guerra atual. Foi mesmo notável o seu trabalho, mostrando-se digna herdeira de seus paes, pois sua mãe é a primeira atriz de Comédias Musicais.



E S C R A G N O L L E D O R I A

Caderno de Notas

PERGUNTE-SE ao dicionário o que significa a palavra caderno, outrora grafada quaderno. No habitual sem voz o dicionário responderá, caderno é porção de folhas de papel esitas em livro. Grande ou pequeno, pontado ou não, o caderno de notas é o companheiro inseparável de quem estuda para saber um pouco. De tudo só entendem os de meia ciência, pior que a ignorância.

O caderno de notas com ser proveitoso é arma de precaução, resguardando o possuidor das trações da memória, até este atirando o homem.

No registrar o caderno de notas tem para colega o diário, menosprezando talvez o papagaio ou nota da oritologia transferida para a secretaria burocrática. Os diários de celebridades são muito apetrechados pela crítica literária e suas dentadas. O papagaio este voador não raro lento de mesa em mesa de repartição, para desespero de requerentes. Os Diários podem abrir caminho às Memórias, o papagaio nasce; vive e morre dentro da burocracia.

A diplomacia tem o seu caderno especial de notas. Dele é folha solta e memorandum regalador de relações interacionais pacíficas, amercender nas crises bélicas.

São notas de caderno as seguintes.

EDILIDADE CARIOCA

No Brasil passado, mermente no interior dele, a Câmara Municipal tinha importância suble. Posto que gruitito, o cargo de vereador era ambicionado, obtido nas urnas eletrônicas, vítimas inóculas, em horas de conflitos sem necessidade de hospital para curativos.

A Câmara Municipal de maior vista no antigo Brasil era como de razão a do Município Neutro ou da Córte, o Município dando sede à capital do priz nos seus mil e poucos quilômetros quadrados. Ainda assim maior que Monaco, de principado pano verde, que o ducado teuto de Liechstenlein, que as republicas de Andorra e São Marino encolhidas em feliz obscuridade política entre grandes potencias gigantes.

Simbolos, veneras, braços, adjetivos valorizam as cousas inanimadas, num rol de casos as veneras melhor concedidas àquelas que a pessoas.

A Amazonas, navio maior em Riochuelo, içava o mastro de prôa a fita da ordem do Cruzeiro, a sua rôda de leme ostentando a venera de oficial da ordem muito pouco concedida.

O Rio de Janeiro, adjetivado pela corôa portuguesa, foi cidade herica e leal. Senado em tempos coloniais, a Câmara Municipal do Rio, a 18 de Julho de 1841, recebeu os tratamentos de Senhora e de Ilustrissima. Conservou os quarenta e oito anos completados na ultima sede edil, o edificio do Campo da Aclamação, entre as esquinas das ruas de S. Pedro e General Camara, de fachada olhando para o jardim arborizado por Glaziou.

O TELEFONE

Não é demasia dizer ao Rio de Janeiro ou Telephonopolis, alguma coisa sobre o inventor deste aparelho conforme os casos utilissimo ou neurastenizador.

As invenções formam duas classes, a dos inventos proveitosos e a dos desastrosos para a parecinhesa vida humana. O telefone figura na primeira classe por sua utilidade a serviço de bons interesses.

A tal invento liga-se o nome de Alexandre Graham Bell, nascido escocês de Edimburgo em 1847. Estudou primeiro na terra natal, depois na alheia, doutorado pela Universidade alemã de Wurtsburgo.

Nos Estados Unidos, dedicou-se Bell a estudos de electricidade e ao ensino de surdos-mudos, dizendo-se que Bell casado com surda-muda se aplicara a melhorar-lhe situação física. Vá por conta alheia.

Em 1876 os Estados Unidos pediram ao mundo a sua presença na Exposição de Filadelfia, nela Bell um expositor. Dava a publico um aparelho chamado telefone, numa só palavra combinadas duas raizes gregas significando distancia voz com o acrescimo de sufixo.

O telefonio, assim dizem helinistas, é o aparelho que na vibração de som por effito de corrente electrica de indução transcribe ao longe a voz humana. O aparelho provinha de um devotado á electricidade num compadecido professor de seres humanos privados de voz.

O invento de Bell ficou para um canto na Exposição de Filadelfia. Por esse canto passou D. Pedro II, de visita aos Estados Unidos. Interessou-se pelo invento e pelo inventor, oferecendo a este ida ao Brasil.

Posto em voga, o telefone selio dos Estados Unidos para estender teia de fios pelo mundo universo, o Brasil logo chamando a si o invento assim que passou a sua existencia de atorda.

Em 1882 duas companhias serviam o Rio de Janeiro, a Urbana atendendo a Ministerios, a Telefonica do Brasil assinantes, quarenta mil reis trimestrais pagos por linhas destinadas a escritórios e commercis ou de profissões liberais, majorados os preços de assinaturas residenciais por distancias excedentes de um quilometro.

Cada assinante recebia gratis um livro de cupões. Com estes nas estações publicas da Telefonica do Brasil pagava ligações para conversas ou recados, a ultima estação da Companhia no Hotel White no Alto da Tijuca.

O invento de Bell sofreu contestação de ecos no Rio de Janeiro. O americano Gray contestou a Bell a propriedade do telefone. Foi aos tribunais e estes lhe deram ganho de causa, anulando o privilegio de Bell em 1888.

Numa cidadecula canadense da Nova Escossia, Sydney, Alexandre Graham Bell terminou os seus dias.



JOÃO D'ALMEIDA
Primeiro reporter brasileiro

O CARTÃO POSTAL

Em 1894, em Londres, o Sr. Tuck poz em circulação invento seu bem singeloro cartão postal ilustrado. Corrido tempo, começou o invento a correr o globo, nele aguçando manias de colecionadores.

Em maior ou menor grão qualquer mania, geral, ou individual, pressupõe ideia fixa transitoria ou persistente. Transitoria foi a mania do colecionador de postais e se não diga de outras manias e muitas vezes satisfeitas a peso de ouro. As pulgas da raposa azul valem uma fortuna, outra uns tantos sêles ou umas tantas moedas.

As imagens ambicionadas pelos colecionadores de cartões postais ilustrados variavam conforme as predileções. Uns só queriam paisagens, outros caricaturas, outros retratos de belezas femininas, as atuais formosuras de cinema de muito precedidas por Cléo de Mérede, Cavalieri e Otéro.

Os fanaticos por postais compravam-os, vendiam-os e trocavam-os, determinando a abertura, no Rio de Janeiro e sem duvida em todo o Brasil, de lojas exclusivamente para comercio de postais ilustrados. Fecharam rapidamente aquelas lojas quando a mania cessou não sem encher albuns e albuns, substituida a mania do postal ilustrado por outras formas de loucura discreta e atrecadadora.

Não se contentavam os colecionadores dos postais de Tuck e de outros fabricantes com guardar o que ad-

quiriam às vezes por bom preço. Os poetas, os prosadores, os artistas se viram perseguidos sobretudo por colecionadoras para os seus postais lhes pedindo versos, pensamentos, desenhos, trechos de musica.

Quem mais lucrava com o cartão postal ilustrado foi o próprio inventor, e isto raro acontece a inventores, em geral esbilhados quando não perseguidos.

Tuck, porém, prosperou até milionario. Tuck, uma virtude, a prosperidade não o levou á avareza; multiplicado remunerando quantiosamente os seus empregados.

Em 1910 e rei da Inglaterra concedia a Tuck o titulo de *baronet*, titulo a conferir nobreza hereditaria e o tratamento de *sir*, de valor numa sociedade britanica quiseda como a inglesa.

Não ha muito, em Londres, faleceu *sir* Tuck, talvez ignorando o exito do seu invento no Brasil colecionado. Uma ideia simples deu a *sir* Tuck honras e cabalito. Realmente a ideia primava por simples e não arrastava ao inventor a felicidade que deve. Mas como disse antes era preciso ter a ideia. Passou por Tuck, ele sem perda de tempo, não a deixou escapar.

A REPORTAGEM

As empresas jornalisticas nossas, mesmo as de maior vulto, só assaz tarde conheceram o reporter, tal é o jornalista á cata de noticias para a imprensa periodica.

Os nossos antigos jornais tinham inúmeros ategraciosos, reporters não. Sem fixar data para a criação da reportagem no Rio de Janeiro e ainda menos no Brasil diga-se apenas dos reporters mais de predecessão na imprensa carioca.

E' indicado João d'Almeida como o primeiro reporter nacional, inaugurador das atividades da classe. Reporter sem atividade se não comprehende, o verdadeiro profissional arrostando tudo para não levar "ber-riga" ou atrazo de noticia importante para o seu jornal, pelo contrario desejo de apresentar-lhe o "furo" ou a noticia sensacional em primeira mão.

A menção cronologica de João de Almeida deve seguir-se a de Ernesto Senna. Em 1895 dedicou-as suas *Notas de Um Reporter* á saudosa memoria de colegas, João de Almeida, José Tinoco, Octaviano Hubert e Assis Ney", mais conhecido o ultimo por Paula Ney.

Segundo Ernesto Senna cabe a João de Almeida "a gloria de ter sido o primeiro que mais desenvolveu o serviço de reportagem na imprensa brasileira."

Após a criação do *Diario de Noticias*, propriedade dele Climaco dos Reis, a reportagem foi ganhando forcas com auxilio tambem da *Gazeta de Noticias*. Assinou a classe dos reporters por crear e usar gíria exemplificada por Ernesto Senna, gíria aquela na qual figuram termos de muita mordacidade.

O reporter antigo era o "pelanca"; o novato o "plano", "peneira" o reporter sempre em atrazo e carregado de furos. Reporter que não fornecesse noticia oficial passava a "combersa", "chefe" todo aquele que comunicava noticias a reporters.

As *Notas de Um Reporter* de Senna e poeta das *lilianas*, Emilia o nome de sua esposa, formam miscelanea muito curiosa. Nela se depara de tudo um pouco, descrição e historico de edificios, anedotas, cenas de vida, tais as de quatorze meses de serviço militar por ocasião da revolta naval de 1893-1894, perfis de D. Pedro II, Joaquim Serra, Ferreira Vianna, Luiz de Castro, Dom Jamin, Constant, Floriano, e outros.

Ao proclamar-se a Republica a classe dos reporters já contava Castro Vianne, Teotônio Regadas, Baldemiro Carqueja, e Marques de Castro, mais graduados em serviços profissionais.

A palavra reporter no vernaculo é anglicismo, e anglicismo ha gíria dos reporters, o *clearing-house* (em inglês escritório de liquidação) na gíria jornalística o termo designando o reporter que permutava noticias com os colegas.

HERDEIRAS NOTAVEIS DE NOMES FAMOSOS

(Continuação da pag. 5)

herdeiras privilegiadas, que continuam as glórias dessa divina herança, herdada por Deus a seus ancestrais.

Para todas elas as herdeiras de nomes famosos e nobres, de gênios e homens de talento e saber, é a frase de Cristo:

Glória aos que nos dão o orgulho de viver pelo sentimento da beleza.

*

E' interessante constatar como o destino uniu numa mesma festa escolar,



Eskimé O'Brien é uma herdeira que honra o nome ilustre e foi uma das mais impressionantes estreias de "debutantes"; hoje deseja ir para os grandes centros de arte para aperfeiçoar seus conhecimentos. E' tão talentosa quanto bela.

"Dae a Cesar o que é de Cesar, e dae a Deus o que é de Deus"

Ao homem vulgar, coberto de ouro e pedras mundanas, daí o vil metal que lhe pertence, a Deus, daí graças pela glória e pela dádiva divina que ele vos fez

de fim de curso estas quatro jovens filhas de pais famosos e herdeiras, elas, por sua vez, dos dotes de talento raro que os elevou entre os homens do mundo atual. Um drama intenso e atual, onde entram em conflito moças de várias



Sonya Paravicini, filha de Somerset Maugham, um dos maiores nomes das letras no mundo.

Miss Virginia Cowles ilustre autora de "Looking for Trouble", o "Best Selling" do ano.

nos dons miríficos do talento, que semeia a grandeza das civilizações imortais, do poder avassalador, da força, da flama do espírito bafejado pelo sopro divino, que funda as pátrias e dignifica a condição humana na sublimação da raça.

nacionalidades, reunidas na mesma Universidade: Sonya Stokowski, Mary Barthelmess, Nancy Wiman e Faith Brock.

L. M.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr.\$ 1.50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na própria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsso, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrôtos, gases, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilla e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2650; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bala: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

A nossa capa

Está mesmo frio o carnaval deste belicoso e difícil 1944. E não é por outra razão senão esta que a nossa capa deste número estampa um caboclo brasileiro, olhos voltados para o infinito, perscrutando atentamente o que vai pelo ar em alguma parte de nossas costas ou de nossos mares queridos.

E o homem do povo como que se sente à vontade, embora no seu mister de hoje não esteja a seu modo: fardado e empunhando uma arma tão complicada quanto eficiente, não é aparentemente o mestiço lépido e valente das quebradas e das caatingas; entretanto, é o militar tão eficaz, tão lutador e tão resolutivo quanto os mais úteis soldados da terra.

Hoje, como ontem, "descansa na pontaria", na atitude simbólica de quem espera a undécima hora da ação.

Numeros atrasados desta revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

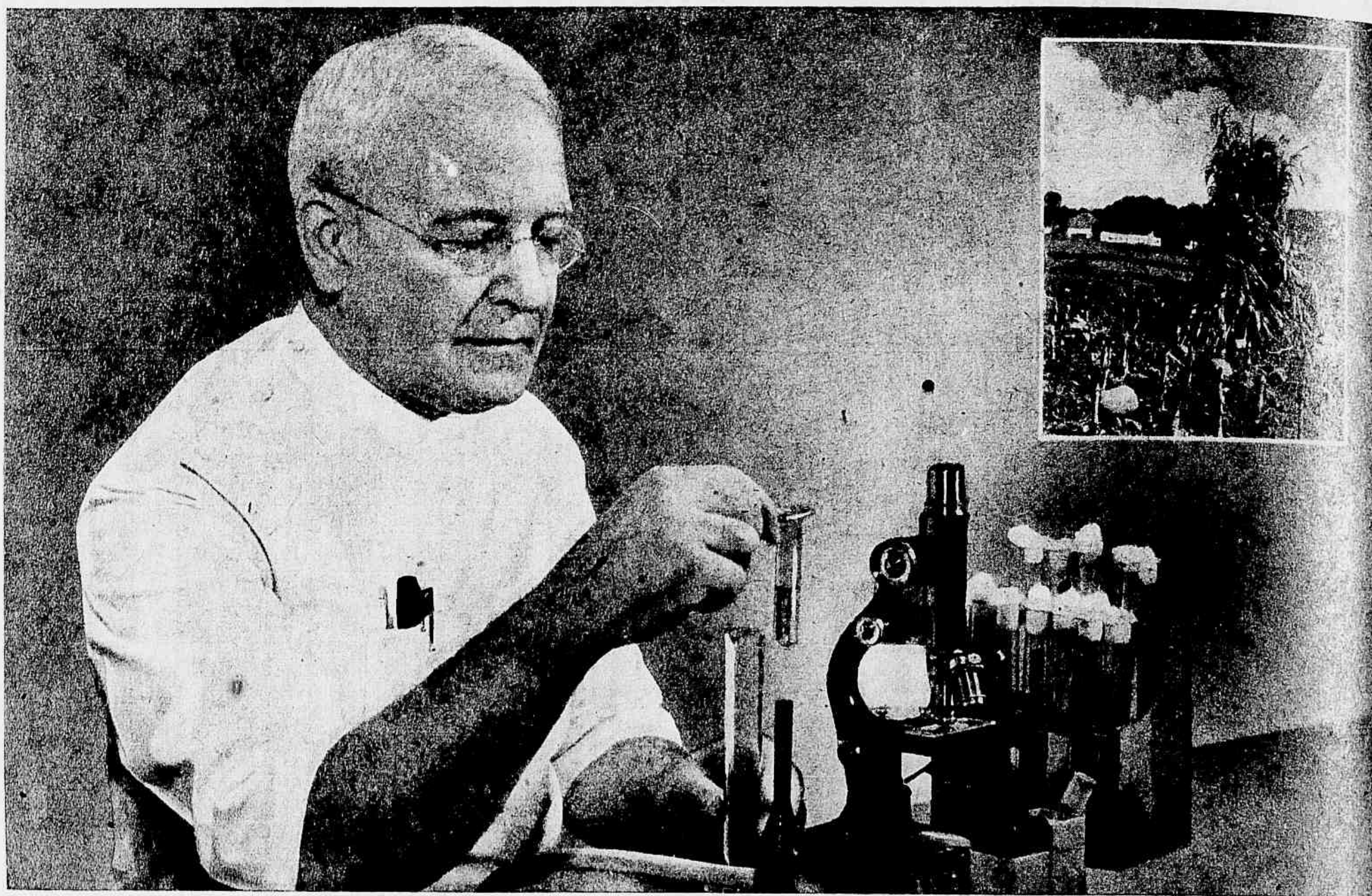
Travessa Campas Sales, 85 - Belém

Numeros atrasados desta

Revista em Sergipe

PROCURAR NA

LIVRARIA REGINA



A CIÊNCIA MODERNA EXPLORA OS MISTÉRIOS DOS ALIMENTOS

A ciência médica tem demonstrado que o homem, ao tornar-se mais civilizado, desenvolveu gostos e apetites que o privam de certos fatores alimentícios necessários e que, se tais hábitos não forem modificados, acabará sofrendo as consequências da nutrição deficiente. A natureza muitas vezes coloca em abundância estes fatores vitais — vitaminas e minerais — nos alimentos que o homem encontra normalmente. Mas, como achamos meios de tornar os alimentos mais apetitosos, muitas vezes cozinhamos-los e retiramos deles grande parte do valor alimentício de que precisamos. Assim, muita gente hoje em dia sofre de distúrbios de origem dietética, que podem ser evitados mediante a absor-



Sempre que comprar um produto medicinal para o hospital ou para sua casa, verifique se tem o Selo da Casa Squibb, pois, Squibb é um nome de confiança.

ção adequada de vitaminas e minerais. Como, pois, podemos obter uma quantidade suficiente de tais fatores alimentícios vitais? Um dos meios é incluir na dieta uma quantidade suficiente de alimentos ricos em vitaminas. Um plano melhor é consultar o seu médico, que o aconselhará sobre a escolha de uma dieta de acordo com

as suas necessidades e a completará com as vitaminas e minerais que o seu estado exigir. E. R. Squibb & Sons, pioneiros nas investigações sobre vitaminas, oferecem produtos vitamínicos que contêm em abundância algumas das vitaminas que faltam nos alimentos. Estes produtos são agradáveis de usar e provêm um auxílio eficiente para criar e manter força e vitalidade.

E. R. SQUIBB & SONS, NOVA YORK
QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

A personalidade de ANDRÉ GIDE

De ERNEST BOYD

KLAUS MANN, o filho de Thomas Mann, que se encontra servindo atualmente no exército norte-americano, acaba de escrever, em língua inglesa, um ensaio sobre *André Gide e a Crise do Pensamento Moderno*.

Foi publicado anteriormente, o mesmo autor confessara: "Lembro-me ter passado uma tempestade nas chicanas de chá da literatura ao declarar André Gide o mais importante autor contemporâneo. Essa afirmação, vinda de minha pena, foi considerada inepta". Todos, continuou, "esperavam que eu julgasse Thomas Mann o mais importante escritor", e por isso citou o único homem que corre parrelhas com Thomas Mann, sob qualquer ponto de vista, e que bem pode ser preferido para todos aqueles que admitem serem ambos os únicos autores de nosso tempo que já ingressaram na imortalidade. "Não pretendo decidir a qual dos dois devo um estímulo mais profundo e duradouro, se a meu pai ou a André Gide. Pois, si o mundo intelectual do primeiro é a base e o ponto de partida de meu próprio pensamento e reivindicações, a obra de Gide acompanhou-me através dos anos como um irmão mais velho, um amigo bem-amado".

Este ensaio é o primeiro estudo de grande extensão sobre Gide a ser escrito em inglês.

tificado, o homem que lutou pela perfeição em si mesmo e nos outros, é a expressão estética dos alicerces huguenotes dos quais Gide herdou sua integridade intelectual. Deixar de ter sido esse alicerce o que atraiu o Gosse de "Pai e Filho" nesse francês muito independente e rebelde ante as convenções e tradições de sua sociedade, ou antes de sua infância.

Não é necessário nem possível resumir aqui as exposições e análises de toda a obra de Gide, da qual ele se mostra um apreciador entusiástico, e um crítico inteligente. Nada nessa grande produção criadora; desde *Les Cahiers de André Walter*, em 1891, até o *Journal*, em 1939, fica à margem dessa extensa apreciação, cuja conclusão é que Gide, diferente sob esse ponto de vista, de Proust e Joyce, que foram quase exclusivamente artistas, "era e é moralista dotado de gênio artístico". O artista em Gide é fundamentalmente um huguenote, e a fascinação de sua obra repousa em grande parte na descrição das duas almas, para empregar a frase de Goethe, que moram dentro dele. Esta dicotomia deu ao protestantismo francês seu único e grande artista literário, redimindo-o brilhantemente de sua esterilidade. No começo da carreira de Gide, seu primeiro livro, anônimo, foi descrito como a obra de "um Barrés protestante" e há poucos anos Renan e Barrés eram citados, com Gide, como aqueles "que tinham exercido influência idêntica na elite espiritual da nação."

Klaus Mann analisa maravilhosamente o curioso esforço de Gide para converter-se ao comunismo e sua desilusão após visitar a Rússia. "Sentiu-se paralizado como artista", disse ele, "depois que se tornou comunista." Não podia escrever, "receioso do Index", e disse que "a ortodoxia marxista parece-me tão perigosa quanto qualquer outra." O relato da sua visita à Rússia, recordando impressões nada favoráveis, despertaram as impropriedades costumeiras de seus camaradas que se regosijaram barulhentos ao pensarem que ele se tinha convertido. Gide não era e jamais fôra a espécie de pessoa apta a qualquer forma de dogma. Em 1907, notara a típica arrogância dos nazistas quando Madame Strauss objetou-lhe ante a indiferença de Paris por Salomé: "Evidentemente já é tempo de voltarmos aqui com brionetas."

O inteligente interesse de Gide pela Alemanha e pela cultura alemã, motivaram que fosse atacado pelos super-patriotas que agora são os cooperadores servís dos invasores nazistas. Klaus Mann dá uma lista extensa dessas pessoas e descreve-as com a merecida desprezo. Aqui, após tributar sua admiração àqueles que mantiveram os princípios de Gide, Klaus Mann conclui por um tocante retrato do artista sofrendo em sua solitária velhice, a afronta da invasão no país de que é o grande e incorruptível emblema.



André Gide.

Pois a versão inglesa de Léon Pierre Quint é uma tradução do francês — e o mais que, até mesmo existe não passa de trabalhos fragmentários. Isto é bastante curioso porque, como Edmund Gosse apontou, há algum tempo, o espírito de Gide está mais estreitamente relacionado às idéias inglesas, ou às que em tempo o foram, do que as de qualquer outro escritor vivo da França. Quando Gosse escreveu estas palavras, Gide ainda não produzira o grande escândalo de publicar sua franca análise da homossexualidade e da aceitação dela como um fato da vida cotidiana. Klaus Mann aborda esse aspecto de seu tema sem véus e sem insistência descabida, colocando o assunto na exata perspectiva de um estudo sobre a personalidade de um grande artista. Nada existe aqui que possa atrair os pesquisadores de escândalo, ou os *habitués* da pornografia.

O autor interessa-se mais profundamente, como era de esperar, pelo desenvolvimento artístico de Gide, e expõe e aprecia toda a sua obra com a minuciosidade de um crítico e o ardor de uma grande admiração. Não tenta reconciliar as inúmeras contradições que vivificam as opiniões de Gide iguais às de qualquer homem inteligente. Insiste contudo naquele senso protestante da auto-análise e do ceticismo que são a essência do pensamento e das especulações de Gide.

Nunca a acurada introspecção do puritanismo foi transporta tão resolutamente em proveito dos mais absorventes problemas da integridade artística. O artista insi-

Síntese do Ano Literário 42-43

Trabalho completo é a Síntese Literária do ano, que vem publicada no "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1944, à venda em toda parte. É uma supervisão perfeita do movimento literário no Brasil no citado período: apreciação minuciosa assinada por um dos nossos melhores críticos.

Além disso, publica o "Almanaque" 14 contos escolhidos e ilustrados, calendários, informações sobre o novo ano, artigos e estudos de interesse para militares, advogados, médicos e agricultores, notas sobre o Brasil e magnífico suplemento bancário a cargo do Sr. Vieira de Alencar.

Páginas coloridas, cinema, turismo, assuntos para a mulher, enchem as 300 páginas da 24.ª edição do "Almanaque Eu Sei Tudo".

Encontra-se em todas as livrarias e bancas de jornais.

Pedidos à Cia. Editora Americana mediante vale do correio ou pelo reembolso postal.

Maranguape, 15 — Rio.



Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Eljxir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

BETHEL MERRIDAY — Sinclair Lewis — Rio.

Os bastidores do teatro nos Estados Unidos — eis o tema de Sinclair Lewis neste romance que, embora não possua a força da crítica social e a ferocidade do *Babel*, continua a honrar as brilhantes tradições de seu autor. *Bethel Merriday* é a eterna história da jovem que se deixa fascinar pela luz da ribalta, e que, rompendo contra os preconceitos de sua família, resolve ingressar numa carreira teatral. Sinclair Lewis serve-se desse tema, não muito novo, para estudar uma série de tipos que enxameiam nos bastidores do teatro americano: o jovem milionário que nada entende da arte cênica, mas que pretende gastar a fortuna seja lá como for; os artistas com suas invejas, intrigas, as debutantes, etc. Percebe-se em todo o livro estreita familiaridade do autor com a atmosfera teatral. A cada passo vemos citados com intimidade os nomes das maiores figuras da cena estado-unidense. O romance é tratado no estilo realista, jocoso que fez a glória de *Babel*, *Arrowsmith* e outras obras de idêntico valor. Parece a primeira vez que Lewis preferiu neste livro o desenho de tipos à sátira. No entanto, andou certo e crítico que viu no romance uma caricatura inteligente da mocidade estado-unidense, que pretende galgar sem estudo nem preparo técnico os principais postos do estrelato.

OBRAS PRIMAS DA LÍRICA BRASILEIRA — Edgar Cavalheiro e Manuel Baccalari — S. Paulo.

A lírica é positivamente um dos pendores da alma brasileira. A ausência parcial de temas propriamente épicos, o ter surgido mesmo numa época em que a epopeia principiava a agonizar, a herança da sentimentalidade portuguesa, tudo isso foram fatores que apontaram à nossa poesia o caminho amplo e resgado do lirismo, no qual deu os primeiros passos pela mão de Anchieta.

A riqueza do estro lírico entre nós é sobejamente provado por este volume de antologia, em que Edgar Cavalheiro e Manuel Baccalari procuraram reunir, com discernimento, bom gosto e largueza de vistas, o melhor da nossa produção no gênero. Uma antologia, o próprio Manuel Baccalari é o primeiro a confessá-lo no prólogo, é uma obra difícil e nunca isenta de defeitos. Cada um de nós tem suas poesias preferidas, diante das quais todas as outras empalidecem. É difícil satisfazer a todos e livrar-se da crítica costumeira: "Ora, o Sr. se esqueceu desta, ou daquela..." E não faltará quem censure o antologista a ausência de tal ou qual poeta, apenas por ser o bardo de sua cidade natal e julgá-lo superior a Homero ou Dante. Apesar de todos esses escolhos com que deviam contar os dois escritores meterem mãos à obra, e dela se saíram com galhardia.

Neste volume temos uma visão completa de que existe de melhor em nossa poesia lírica, e até mesmo recebemos a revelação de grandes poetas sobre os quais o esquecimento começava a tecer a sua implacável teia. Não são apenas os luminares que aqui encontramos, mas também os poetas menores que deram à poesia brasileira algumas joias sem jaça. Já houve mesmo quem dissesse ignorar a diferença que se convencionou estabelecer entre os grandes e os menores poetas. Temos por vezes a tentação de subscrever esta opinião ao depararmos com o soneto de Marcel Monteiro, *Formosa qual pintor em tela fina*, por exemplo, ou as *Ilusões da Vida* de Francisco Otaviano, dignos de igualarem o que de melhor produziram Gonçalves Dias, Castro Alves e Fagundes Varela.

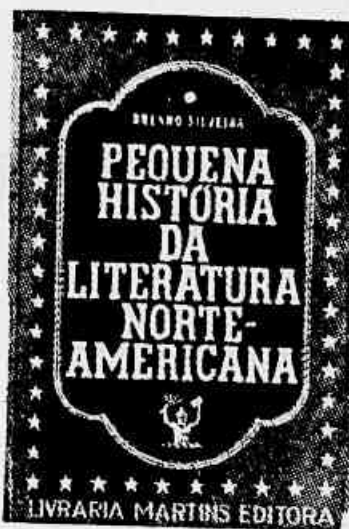
A antologia dá-nos também uma visão da evolução que sofreram as formas poéticas desde os árcades até os modernistas. É um verdadeiro prazer espiritual encontrar os mesmos motivos sob a pena de um poeta do século XVIII repontarem, embora em forma mui diversa, na de um modernista extremado.

Por todos estes motivos, julgamos que os Srs. Edgar Cavalheiro e Manuel Baccalari fizeram obra digna dos melhores aplausos. Esperamos que outras antologias venham conferir a sagração definitiva a autores de outros gêneros literários, que o olvido e o desleixo de seus concidadãos ameaçam trazer para sempre.

PEQUENA HISTÓRIA DA LITERATURA NORTE-AMERICANA — Breno Silveira — S. Paulo.

Um sugestivo panorama da atividade espiritual norte-americana do século XIX aos nossos dias, eis o que realmente encerra este livro de Breno da Silveira. Apesar da atualidade de uma obra desse gênero que não deixa de representar um meritório esforço na obra de intercâmbio entre os Estados Unidos e o Brasil,

teríamos preferido que seu autor, em vez de nos contar a evolução literária da nação norte-americana, úmida através das biografias de seus principais escritores, nos oferecesse perspectivas gerais, fazendo uma introdução mais pormenorizada às diversas fases em que aquela literatura se desenvolveu. Teríamos assim, a par da análise, a indispensável síntese. O estudo parcelado da vida e da obra de cada autor importante não nos esclarece muito sobre a fisionomia geral da literatura a que pertencem, sobre as influências sociais, econômicas e propriamente literárias que está sofrendo. É o que, a nosso entender, falta no livro do Sr. Breno da Silveira. Depois, é preciso lembrar-nos que o estudo da vida e da obra de um escritor célebre, que já dominou as influências e evoluiu num todo harmonioso as contribuições de diversas espécies buscadas em setores múltiplos, não esclarece tanto a evolução literária de um povo, como o estudo de seus escritores de segunda plana, menos representativos. Entretanto, pode ser que estejamos a exigir demais e que o estudo do Sr. Breno da Silveira não tenha sido tanto uma história da literatura americana, qual o nome do livro parece indicar, como uma tentativa de vulgarização dos principais nomes e obras dessa literatura. Colocada a questão nessas medidas, não podemos deixar de louvá-lo. É com prazer que percorremos as páginas do livro e encontramos, bem desenhadas, as fisionomias de velhos conhecidos, como Whitman, Poe, Irving, Emerson e tantas outras que honram a cultura estado-unidense.



Novos

EREMO QUIETACÃO — Fontenla — Rio.



O Sr. Fontenla quis fazer um romance no qual pretendeu retratar os dramas do Rio e dos seus *bas-fonds*. O enredo do livro envolve delegados que se apaixonam por mulheres de *dancing* e outras finezas semelhantes. O assunto já é muito soado e o escritor necessita de muita segurança para aberdá-lo sem cair nas repetições ou no lugar-comum. O Sr. Fontenla limitou-se a seguir as pégaças de Benjamin Costalat nos seus romances de cordel de engraxate. O desenho dos tipos é superficial e o realismo, arremedo de Zola, é chôcho. Parece que o autor quis também escrever num estilo de cinematógrafo, porque não nos dá tempo de respirar, passando de um a outro fato, de capítulo a capítulo com rapidez de aeroplano. Talvez o Sr. Fontenla estivesse, como nós, doido por terminar o livro.

TERRA BANDEIRANTE — Célio Conde Leite — S. Paulo.



Eis um livro útil, porque revela um grande esforço humano. Passando em revista as principais cidades do interior bandeirante, o autor alinhou algumas impressões de viagem que encham de orgulho todos os que prezam a sua terra. E' pena que o Sr. Célio Conde Leite não tenha dado um cunho mais sociológico às suas observações. O *hinterland* paulista, em via de crescimento, deve possuir uma riqueza enorme de contrastes cujo estudo talvez viesse a elucidar grandemente a evolução social do Estado paulista e talvez indicasse a melhor maneira de solucionar problemas de ordem populacional e econômica que tanto nos atormentam. Livro documentário, *Terra Bandeirante* eleva-se do nível de simples guia turístico pelo minucioso de suas descrições e a preocupação, assás louvável, de exaltar o trabalho, a perseverança, a indomável energia que fizeram de S. Paulo um padrão para todo o Brasil.

Uma tradução norte-americana de "Os Sertões"

Sairá em breve, editada pela Universidade de Chicago, a tradução norte-americana de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, a cargo do Sr. Samuel Putnam, com o título *Rebellion in the Backlands*.

O Sr. Samuel Putnam não é uma figura desconhecida. Seus trabalhos em prol de um maior conhecimento mútuo entre as duas Américas, a latina e a saxônica, já têm valorizado o seu nome. Compreendendo que não bastam os tratados e os banquetes diplomáticos para favorecer a aproximação entre os povos, o Sr. Putnam tem envidado esforços fecundos no sentido de patentear ao povo das Américas suas profundas identidades espirituais. Nada melhor para isso do que tornar conhecida a literatura de língua latina na América do Norte, já que é maior o nosso conhecimento da literatura de língua saxônica, o que é mais compreensivo. Diretor do *Hand Book of Latin American Studies*, participou o tradutor de Euclides da Conferência Inter-americana de Publicações e Bibliotecas, acedendo a um convite do Sr. Cordell Hull. Não é a primeira vez que faz traduções brasileiras. Não podemos deixar de louvar sua iniciativa, tratando-se, além disso, de uma obra tão difícil como *Os Sertões*. Para isso não eram suficientes meros conhecimentos da nossa linguagem, mais uma estreita familiaridade com nossa cultura.

Apesar das dificuldades que teve de enfrentar, o Sr. Samuel Putnam saiu-se galhardamente da empreza. O livro está cheio de notas elucidativas, que refletem um trabalho intenso de seu tradutor. Dizem respeito à flora, à fauna, a expressões regionais, enfim, a tudo que o livro apresenta de mais típico e o torna de mais difícil compreensão a um leitor estrangeiro. Completam-no diversos mapas, índices de assuntos e nomes, e sua leitura é amenizada com gravuras sobre a vida sertaneja, o que ajudará sem dúvida o leitor americano a familiarizar-se com um ambiente que lhe é completamente estranho.

A obra é prefaciada pelo Sr. Afrânio Peixoto, em que o eminente homem de letras explica a significação da obra de Euclides na nossa literatura com a percuciência que lhe é habitual.

A edição é também precedida de um estudo do tradutor sobre o autor e a obra. Neste estudo, porém, foram apontados alguns equívocos, naturalmente derivados de má informação que o Sr. Samuel Putnam obteve. Um deles é atribuir o fim de Euclides a um soldado que, com seu gesto, visou desagrar o exército de supostas acusações feitas pelo escritor num livro em preparação. Essa afirmação causa estranheza num autor geralmente tão bem informado sobre as coisas do Brasil. Referindo-se ao discurso com que Sílvia Romero recebeu Euclides na Academia, declara que era vasado na linguagem do sertão, o que desmente um mero exame nos volumes de discursos daquela instituição e um pouco do senso comum.

Apesar desses lapsos, no entanto, a iniciativa do Sr. Putnam merece os maiores louvores, porque concretiza a única maneira realmente construtiva de se fazer americanismo. Esses erros mesmos mostram a necessidade de uma difusão maior e mais inteligente de nossa cultura, dos fatos de nossa história e das principais figuras de nossas letras.

Euclides da Cunha, entre outros, merecia-o. Sendo um dos mais regionais de nossos autores, possui um iniludível sentido universal e humano que o tornam digno de ser revelado e conhecido nos quatro cantos do globo.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCEPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Alivio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc. Se V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríasis — as mais obstinadas e rebeldes molestias da pele. Num clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczemas obstinadas, psoríasis, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.

BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

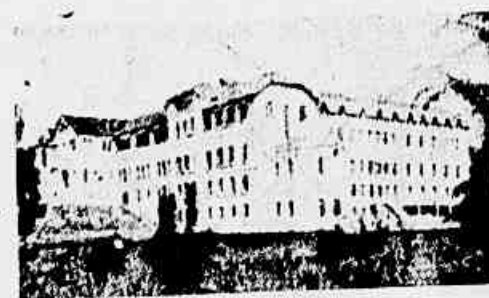
Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA

COLÉGIO SANTO ANTONIO

(SOB INSPEÇÃO PERMANENTE — DEC. 21.318 DE 25-4-932).

S. JOÃO DEL-REI — MINAS
DIRIGIDO PELOS PADRES FRANCISCANOS HOLANDESES.



Vista parcial da fachada principal do Colégio Santo Antonio.

O Estabelecimento mantém cursos de admissão, secundário fundamental e colegial (científico e clássico).

PREÇOS PARA O INTERNATO

Curso de admissão, por ano	Cr\$ 2.000,00
Curso secundário fundamental, por ano	Cr\$ 2.200,00
Curso colegial, por ano	Cr\$ 2.700,00

Não se pagam taxas nem lavagem de roupa.

O Estabelecimento possui amplas salas de aula, ótimos gabinetes de Química, Física e História Natural.

Para as horas de recreio há uma piscina olímpica de natação, 3 campos de esporte, 2 grandes pátios internos e amplo auditorium com cinema sonoro.

Para pedidos de estatutos dirigir-se à Diretoria.

PRISÃO do VENTRE?



DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis
BANKETS





CENA DE DEVASTAÇÃO NA ITALIA. À beira de uma estrada, em uma parte da Italia, jazem dois cadáveres de soldados norte-americanos, envolvidos em cobertores. Ambos viajavam em caminhão quando uma bomba atirada de um avião nazista os atingiu em cheio. Vê-se no primeiro plano uma parte do caminhão e, adiante, a cratera causada pela bomba.

FLAGRANTES DA GUERRA



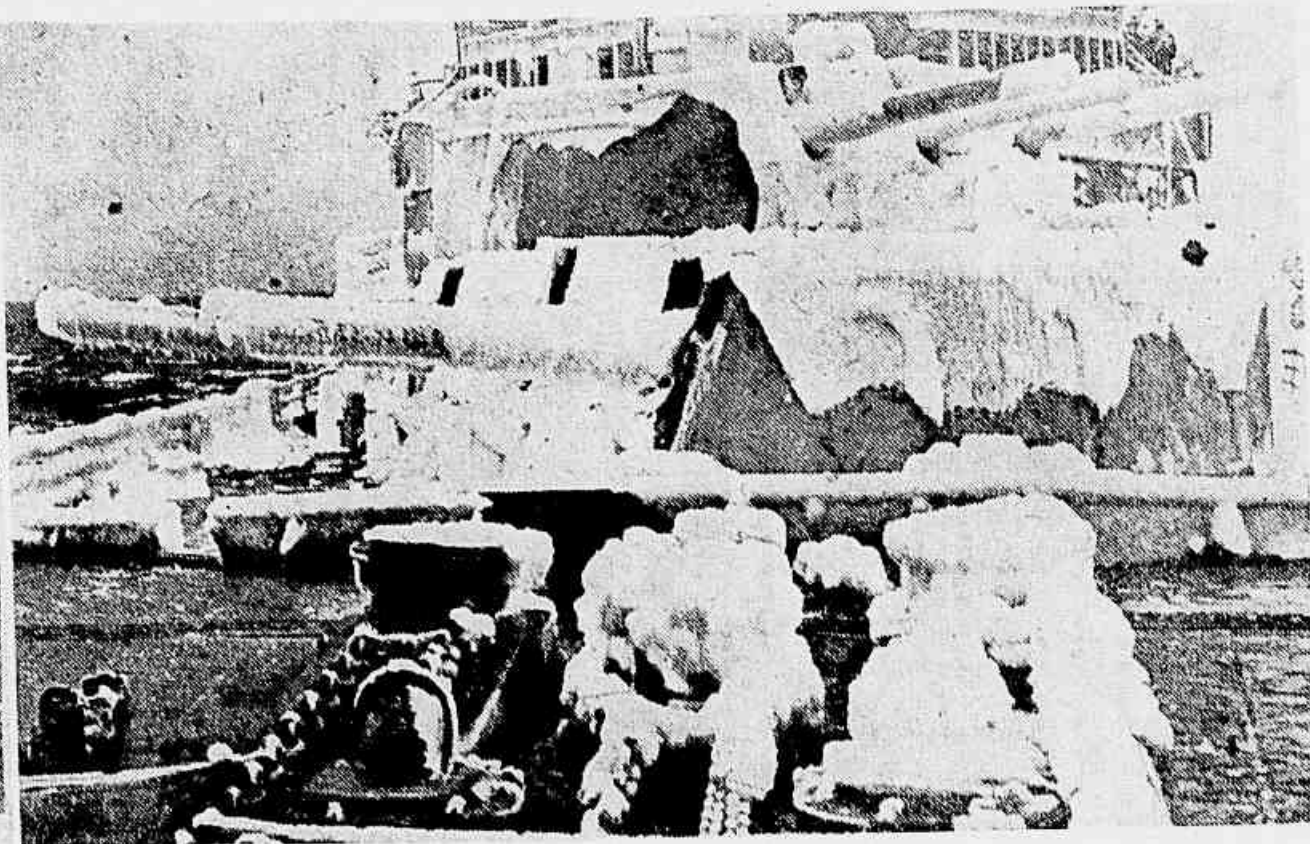
EM MEIO ÀS PREOCUPAÇÕES DE GUERRA OS SOLDADOS ALIADOS NÃO DESCUIDAM DOS SEUS DEVERES RELIGIOSOS. Na fotografia acima vemos soldados de um regimento de fuzileiros navais americanos assistindo a uma cerimônia do culto católico, em plena selva, antes de um ataque em que saíram vitoriosos.



A ILHA DE TARAWA MARCOU UM EPISÓDIO E PÍCO NA HISTÓRIA MILITAR DOS ESTADOS UNIDOS. A guarnição japonesa que se calcula em cerca de seis mil homens, foi quase completamente exterminada. Vemos na fotografia um dos desembarques ali realizados, sob a proteção dos balões de barragem, para evitar a aproximação de aviões inimigos. Após a conquista da ilha, altas patentes do Exército e da Marinha dos Estados Unidos fizeram um giro de inspeção, em companhia do almirante Nimitz, que vemos na fotografia (ao centro).



O EXERCÍTO ALEMÃO EM RETIRADA NA RUSSIA. Esta fotografia mostra os destroços do exército alemânico que se retiram no front russo. O granadeiro miseravelmente sentado num círculo que transporta estes restos de uma tropa derrotada. Um dos homens está ferido e sua cabeça envolta numa atadura improvisada. A' esquerda outro homem ferido está muito fraco para manter-se sentado. Nenhum deles dispõe do capote. E' realmente um quadro desolador este dos "super homens" de uma "raça superior".



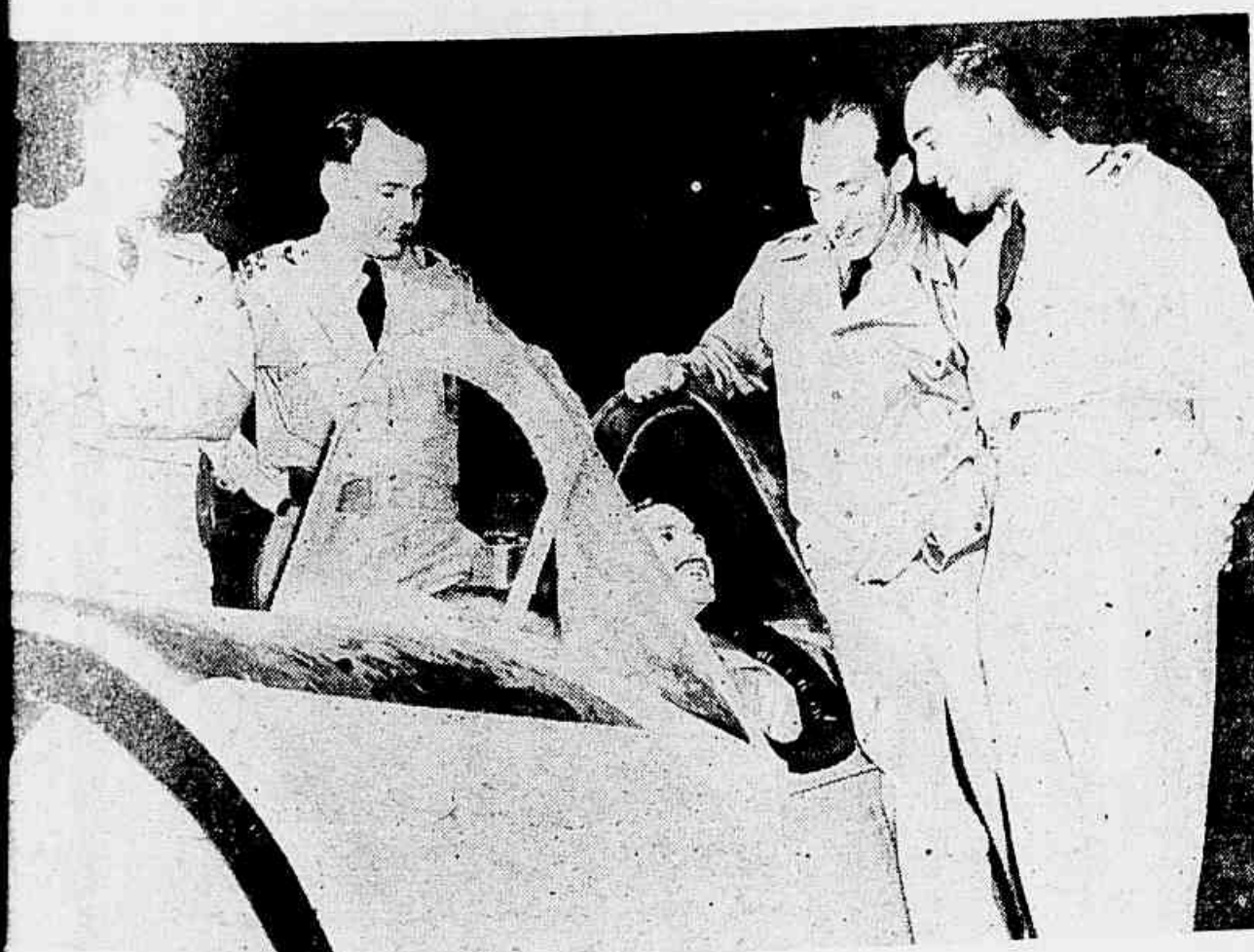
A marinha Britânica está alerta e ativa em todos os mares, escrevendo páginas gloriosas na sua longa e brilhante história. Aqui vemos um navio britânico quando em ação de patrulha nos mares árticos, num comboio para a Rússia.



Estes combatentes Americanos que lutam numa das mais perigosas zonas do Pacífico, procuram reunir o útil ao agradável, transformando numa distração o descarregamento de tambores de gasolina. Trabalham tomando ao mesmo tempo um banho de mar. Os tambores são atirados do navio à água e dali "pilotados" pelos soldados até à praia.



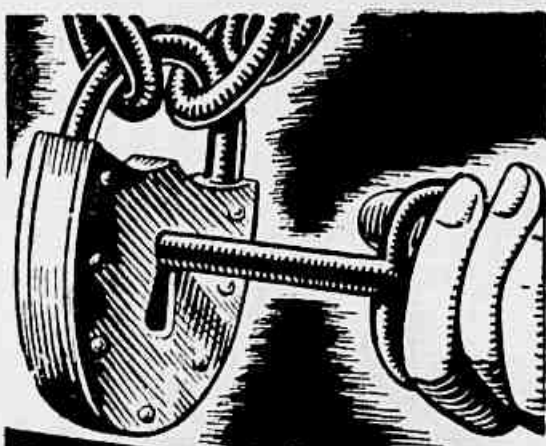
AVIADORES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS. Instantâneo do tenente Newton de Figueiredo, numa aula da A. A. F. T. A. C.



Vários oficiais da F. A. B. tendo à frente o major Nero de Moura, inspecionam um aparelho de treinamento do exército pertencente à A. A. F. T. A. C. A bordo do avião está o capitão Fortunato Camera de Oliveira.



O major William C. Lindley, oficial de ligação dos aviadores brasileiros, fala perfeitamente o português, sendo por isso grandemente solicitado pelos nossos bravos pilotos da F. A. B. Na fotografia aparece o oficial norte-americano auxiliando os aviadores brasileiros a traduzir os textos das aulas do dia.



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

Ele Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$3,00

Almanaque Eu Sei Tudo para 1944

**OS BANCOS E A SUA
FUNÇÃO SOCIAL NA
VIDA DOS POVOS**

de autoria do Dr. Vieira de Alencar, cuja importância se adivinha através deste substancioso sumário:

"Visão panorâmica" — "Origem e evolução dos bancos" — "Classificação dos sistemas bancários" — "Bancos ingleses" — "Bancos franceses" — "Bancos alemães" — "Bancos norte-americanos" — "Atualidade bancária brasileira" — "Síntese e evolução dos bancos no Brasil" — "Bancos estrangeiros e sua nacionalização" — "Expansionismo bancário no Brasil".

A' venda em toda parte.

Preço em todo o Brasil **Cr \$ 8,00**

Atende-se pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio.

Pedidos á

Cia. Editora Americana
MARANGUAPE, 15 - RIO.



Lingua
de fóra

- Que foi isso?
- Coisas de headball, um goal na testa.

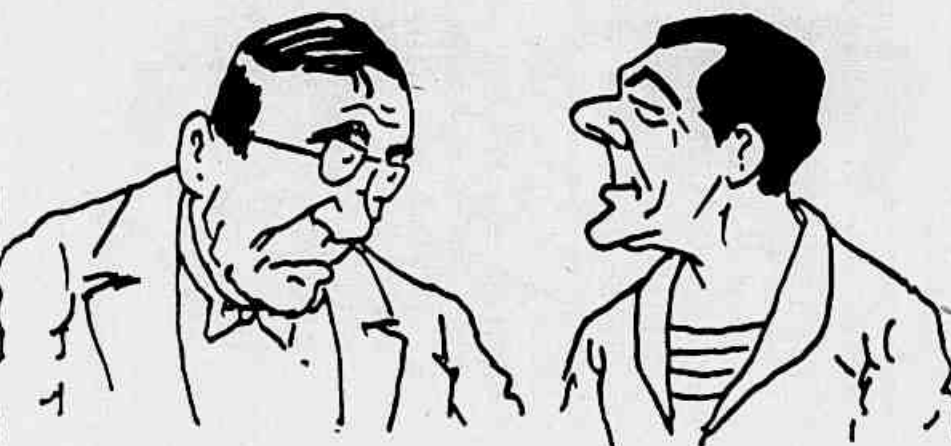
- Acha que tenho it?
- Sim. It...erícia.



- Sou fan do match.
- Prefiro o matchiche.



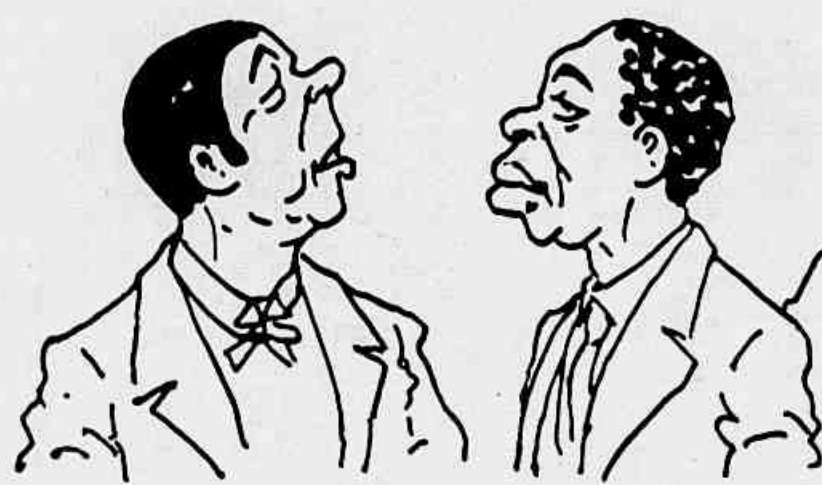
- Então, batêu o record?
- Com toda a performance.



- Você entra na equipe?
- Não. Fico of side.



- Desejo figurar num trailer.
- Ora! Dê o suite.



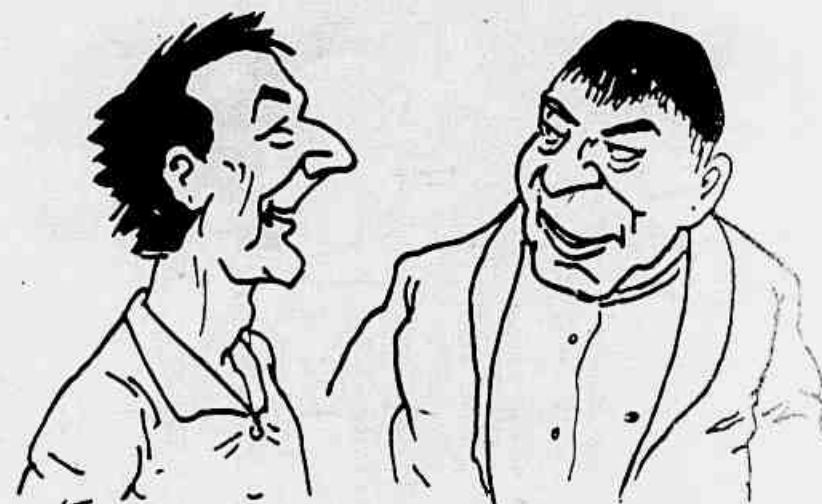
- Já sei que ontem esteve avec.
- Sim, mas sahi' grogy.



- Está's com cara de penalty
- E você com ares de crooner



- A casa tem um living room.
- Very like?



- Para que serve esse palavriado?
- Para abafar o pensamento nacional.





(IMPRESSÕES DA PROVINCIA)

Ilustração de ORLANDO MATTOS

NAQUELE sábado, o Cantidiano tinha que sair dos seus hábitos. Faria anos o diretor da secretaria do governo, onde ele exercia as funções de amanuense. Sua senhoria convidara-o para tomar chá. Ele, que era não só o mais calvo, como também o mais acanhado, o mais submisso, o mais respeitoso dos funcionários subalternos, de modo algum poderia faltar a tão honroso convite.

Portanto, calçou as botinas de polimento, enfiou as calças brancas irrepreensivelmente engomadas, desengavetou, escovou e vestiu a sobrecasaca dos dias solenes, pôs o chapéu alto — que só a custo lhe entrou na cabeça, por ter estado muito tempo fora de serviço — e quando o sino do Carmo bateu a primeira badalada das oito, saiu de casa e lá foi, a passos graves e medidos, agitando entre os dedos a bengalinha de junco.

Ao entrar em casa do seu chefe, o Cantidiano encontrou sua senhoria no corredor, a ralar com uns moleques da vizinhança que tinham sido atraídos até a sala de jantar pelo aspecto festivo da residência.

Ao ver o seu superior hierárquico, o amanuense tirou o chapéu, que lhe deixou na testa um vinco enorme, e curvou-se reverentemente, depois da clássica mesura.

— Seja bem aparecido, Sr. Cantidiano. Agradeço-lhe não ter faltado.
E o diretor acrescentou com ar misterioso:
— Já sabe da grande novidade?
O amanuense arqueou os lábios num sorriso interrogativo.
— O Sr. presidente quis causar-me uma surpresa: dignou-se vir tomar chá comigo!
— Sua excelência o Sr. presidente está aí?
— Está; soube que hoje era o dia do meu aniversário natalício e quis honrar a minha casa com a sua presença.
— Nesse caso vossa senhoria ha de permitir que eu me retire...
— Porque, Sr. Cantidiano?
— Sou um simples amanuense... não posso ombrigar com o presidente da província...

— Não, senhor! isso não! Ora essa! Não se aproxime de sua excelência, não lhe dirija a palavra, guarde a distância conveniente para a boa moralidade da administração, mas fique. Fique e divirta-se.

— Então acha vossa senhoria que não incorrerei no desagrado de sua excelência?
— Ora essa, Sr. Cantidiano! O senhor está em minha casa e o Sr. presidente é muito boa pessoa.

O Cantidiano entrou e, como o presidente, um homem alegre, solteiro, ainda moço, se achasse na sala de visitas, conversando com as senhoras, ele deixou-se ficar na varanda, sentado a um canto, fumando tranquilamente, depois de obter do dono da casa a necessária licença para acender um cigarro.

O presidente aventou a idéia de dançar-se, mas não havia piano em casa e era muito difícil àquela hora improvisar uma orquestra. E' verdade que sua excelência podia mandar buscar, se quisesse, a banda de música do 5.º batalhão de infantaria; mas para que proporcionar ao Conservador matéria para mais um artigo de oposição?

Uma das moças lembrou que se jogasse o Padre cura. A idéia foi entusiasticamente acolhida. O presidente da província — que decididamente era muito dado, muito despedido de cerimônias e etiquetas — foi o primeiro que se manifestou:

— Apoiado! Apoiado! E permitam, minhas senhoras, que eu, como primeira autoridade da província, nomeie padre cura ali àquele senhor.
— Bravo! Bravo!

A filha do dono da casa, uma repargida de quinze anos, observou tímidamente:
— Papai, porque vocemecê não chama aquele moço que ficou lá na varanda?
— Que moço?, perguntaram diversas vozes.
— E' o Cantidiano, respondeu o diretor voltando-se para sua excelência; um empregado da secretaria... Ficou lá dentro porque... sim, como vossa excelência está presente... e ele é muito acanhado...
— Essa agerai disse num ímpeto o delegado de governo imperial. Então eu sou algum desmancha-prazeres?
E sua excelência foi em pessoa à varanda:
— O' Sr. Cantidiano! Sr. Cantidiano! Quem é aqui o Sr. Cantidiano?
E reparou numa calva reluzente que ia quasi ao chão, graças à curvatura que o seu dono dera à respectiva espinha dorsal.
— E' o senhor? Ora faça o obséquio!
E, agarrando na mão trêmula e fria do Cantidiano, levou-o até a sala de visitas.
— Aqui está o Cantidiano reclamado, minhas senhoras! Vamos ao jogo de prendas!
E reparando que o amanuense tremia que nem varas verdes:
— Meu caro senhor, ponha-se à vontade! O presidente ficou lá em palácio aqui só está o amigo.
O pobre diabo suava por todos os poros.
— Vamos! Distribuam-se os nomes!
— Eu sou a rose.
— Eu o cravo.
— Eu a angélica.
— Eu a sempre-viva.
— Dona Fifina, a senhora é a madressilva; sabe por quê?
— Sei, e a senhora é o amor perfeito... entende?
— Não! o amor perfeito tinha eu escolhido.
Finalmente, depois de grande discussão, os nomes foram todos combinados.
O Cantidiano ficou sendo a papoula.
Principiou o jogo:
— Indo o padre cura passear, em casa do jasmim foi descansar.
— Mentos tu, respondeu o presidente, que era o jasmim.
— Onde estavas tu?
Sua excelência olhou para o Cantidiano e, só de mão, respondeu:
— Em casa da papoula.
O Cantidiano remexeu-se na cadeira em que estava sentado.
— Responda!
— Responda ou pague prenda!
— Vamos, Sr. Cantidiano! disse a meia voz, muito sério, o diretor. Responda!
Mentos tu.
O Cantidiano levantou-se, sorriu, dobrou a espinha numa mesura e disse:
— Vossa excelência falta à verdade...

ARTHUR AZEVEDO



*De
Londres
para as
brasileiras*



1 — Quando "as luzes tornarem a brilhar" todas as mulheres sonham usar um vestido como este lindo modelo desenhado por Molyneux; de fina renda preta "chantilly" e "chiffon" branco numa encantadora combinação.

2 — Eis aqui dois modelos de vestidos que servem para todas as ocasiões, até mesmo para casamentos. O da esquerda é em tafetá "noir" preto e o da direita é uma alegre apresentação cor de mel de lã muito fina. O cinto bordado terminando em franja.

3 — Nesta época tão barulhenta é preciso evitar os ruídos excessivos. Estes sapatos com sola de madeira, por exemplo, levam pequenos pedaços de borracha que os tornam silenciosos.

4 — Este sapato apesar dos saltos tão grossos são perfeitamente cómodos. Esta elegante londrina apresenta-os numa rua de Londres.

5 — Voltam à moda os casaquinhos: com as saias "entravés" dão uma impressão alegre sem afetar a austeridade. A necessidade que origina as inovações em moda é responsável por mais estas duas. A esquerda um vestido de "crepe" marrom enfeitado com galão cor de ouro. Os botões são feitos à mão e recobertos de preto e ouro. O modelo da direita apresenta um vestido preto enfeitado com "viéses" vermelhos.

6 — Esta linda jovem é a Condessa de Warwick que está contemplando um modelo usado pelas elegantes do tempo da Rainha Vitória. A Condessa usa uma blusa graciosa em que foi aproveitada uma antiga crenolina.



OUTROS RIRAM



— A senhora me diz uma coisa?
— Que é, meu bem?
— Em que idade lhe nasceram os dentes de ouro?
— Eu também queria ter...



— Parece indignada. Que aconteceu?

— Encontrei uma carta no bolso de meu marido.

— E de que teor era a carta?

— Não era dum teor, era duma atriz!



HOTEL MEX

— Agora que já ganho o bastante para sustentar uma família, espero que a senhorita não veja inconveniente em nos casarmos.
— Muito bem. Devo, porém, preveni-lo... de que somos dez.



— Um momento... isto está incluído nas minhas despesas de estadia?



— Estou dizendo que agora que o senhor está bom é hora de pagar minha conta.

— Que está fazendo aí, parado?
— Nada.
— Então, vá andando. Se todos ficarem parados na rua, como hão de os outros passar?



— Faça você que se arranjará com o conto e quinhentos que eu ganho?
— Talvez. Mas você, com que se vai arranjar?



— Dona Eulália, onde está a sua coruja?
— Eu não tenho coruja nenhuma, meu bem.
— Como é então que, ao sairmos de casa, mamãe disse: "Vamos ver a coruja da Dona Eulália?"



— Tenho o prazer de lhes apresentar o Sr. Fonseca, filho do ilustre cirurgião...
— E' extraordinário! Tão moço e já filho dum homem tão célebre!

Um roubo impossível

Novela de JOHN DICKSON CARR, traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA

Os fatos são bem conhecidos. Encontraram Francis Seton caído, junto à sua mesa, com grave fratura no crânio. Tinha sido golpeado três vezes na cabeça com um cabo de vassoura de madeira e cheio de chumbo. Seu cofre fora esvaziado. A vítima foi achada pela secretária, Iris Lane, e pelo bibliotecário, Harold Mills. Ambos "estavam sendo interrogados" — para usar o polido eufemismo jornalístico, tipicamente inglês.

Até aqui, nada de extraordinário. Nada, nesse resumo, explica por que o Superintendente Hadley, do Departamento de Investigações Criminais, o famoso C. I. D., ficou intrigadíssimo ou por que, numa bela manhã de junho, ele estava batendo à porta da casa do Dr. Gideon Fell, no bairro de Chelsea.

O verão dava novo aspecto às velhas casas. Havia um brilho estranho no rio e no dique cheio de flores. Lá em cima, na biblioteca, com as grandes janelas abertas, o Superintendente encontrou o doutor, de charuto à boca, folheando uma revista.

Sua figura volumosa emergia da cadeira, quase que suficientemente grande para contê-la. Um riso franco animava a série de queixos e dava-lhe um ar de bonhomia.

Olhou para Hadley por cima dos óculos, colocados na ponta do nariz, com as faces, recém-barbeadas, ainda brilhantes. Acolheu Hadley com demonstrações de agradável surpresa, mas ao ouvir suas primeiras palavras, ficou sério.

"Seton já voltou a si," anunciou Hadley. "Acabo de falar com ele".

"Hum!" Foi a única resposta que teve, e "Hum!" podia significar muita coisa.

Com relutância, Dr. Fell pôs de lado a revista.

"Ah!", disse, por fim. "E Seton não confirma o testemunho da secretária e do bibliotecário?"

"Ao contrário. Ele diz que ambos falam a verdade."

"Até nos mínimos detalhes?"

"Exatamente".

Dr. Fell respirou forte. Tirou, depois, várias bafaradas do charuto, que contemplou, em silêncio. Parecia refletir. Quando falou, novamente, foi em voz baixa e pausada.

"Sabe, Hadley? Eu estava esperando qualquer coisa assim."

"Pois eu não estava," replicou o outro. "Não estava e ainda não estou. Isso, aliás, é o que me traz aqui. O senhor deve ter alguma ideia sobre este ladrão impossível que quase arrebenhou o crânio de um homem, e depois evaporou-se sem deixar vestígios. Eu pensava e ainda penso que Harold Mills e Iris Lane estavam e estão mentindo. Senão, Olhe!"

Falava de pé, junto à janela. Parecia de repente, e olhou para a rua. Foi então que disse: Olhe! Dr. Fell, com muito esforço, levantou-se da poltrona e arrastou sua pesadíssima carga até onde estava Hadley. Espiou.

De pé, na calçada fronteiria, sob o sol brilhante e forte, uma jovem, vestida de branco, observava a janela do Dr. Fell. Este afastou as cortinas e ela encarou-os um instante.

Era de tipo esportivo, harmonioso e rebusto, e tinha bonito rosto.

Cabelos castanhos e sedosos caíam sobre os ombros. Os olhos eram azues e fulguravam no rosto queimado de sol. Aparentava franqueza e honestidade. Talvez sua boca fosse um pouco rasgada, mas os dentes eram regulares e alvos. Não se podia dizer que ela fosse bela mas era atraente; a mocidade e a vivacidade acentuavam ainda mais os encantos.

"Iris Lane", disse Hadley, em voz baixa.

Dr. Fell ficou surpreendido. Imaginara a datilógrafa de Francis Seton feia e desleigante.

Ao ver os dois homens à janela, a expressão do rosto da moça não ocultou desapontamento, surpresa e, talvez, temor. Moveu o pé como se fosse batê-lo no chão, impaciente. A prin-

cípio pensaram que ela ia retirar-se. Mas, afinal, pareceu decidir-se. Atravessou rapidamente a rua, quasi que correndo, e veio bater à porta do Dr. Fell.

"O senhor acha que esta moça... Hadley não pode acabar a frase.

"Ela quer falar comigo, ou queria falar comigo, antes de você amedrontá-la. Quasi desistiu."

O que disse foi confirmado por ela, alguns segundos depois, quando entrou na sala, evidentemente esforçando-se por parecer calma e despreocupada, mas com os olhos sempre voltados para Hadley.

"Parece", disse, "que eu ando sempre atrás do Superintendente. Ou vice-versa. Não sei bem."



Hadley fez que "sim" com a cabeça. Sim, o que? parecia perguntar o olhar assustado, porém a expressão dele era vaga.

Disse Hadley: "É provável o que a senhora supõe. Alguma coisa a preocupa? Que a traz aqui?"

"Eu queria falar com o Dr. Fell. A sós."

"Sim? E por que?"

"Porque ele é a minha última esperança, porque dizem que ninguém jamais deixou de ser atendido por ele — nem mesmo um cão vagabundo."

"Bobagem!" exclamou Dr. Fell, que, secretamente, exultava. Sempre que lhe chegavam ecos de sua popularidade ficava contentíssimo. Protestou, entretanto, com a devida modéstia e abundância de gestos, fazendo oscilar os quadros nas paredes e alarmando o superintendente que temia um desastre. Hadley notou que a moça tinha conquistado a simpatia de Dr. Fell. Sem saber, tocara no seu fraco. Isso não lhe agradava nada, pois queria justamente o auxílio de Fell para desmascará-la.

Entretanto, vendo-a, espigada, na cadeira, abrindo e fechando a bolsa, nervosamente, parecia quasi impossível estivesse mentindo. "Tudo é impossível nesse roubo," pensou Hadley.

"É simples", explicava ela, curvando-se para falar. "Harold Mills e eu estávamos sozinhos na casa com o Sr. Seton. Havia, aproximadamente, três mil libras no cofre do gabinete."

Dr. Fell franziu as sobrancelhas: "Três mil libras? E por que o sr. Seton guardava tanto dinheiro assim no

seu cofre particular? Por que esse dinheiro não foi depositado no banco?"

"Mr. Seton ia partir," explicou Iris, contendo o tremor da voz. "Ele ia viajar, tencionava passar um ano na Califórnia. Sempre tomava decisões de repente, sem refletir muito."

Estava cada vez mais nervosa. Falava rapidamente, aos arrancos.

"Harold e eu nada sabíamos da viagem. Naquela manhã mesmo foi que ele nos contou que ia partir. O empregado do banco trouxe o dinheiro e o Sr.

Seton era um bibliófilo. Quando Iris foi procurá-lo, com o anúncio que ele puzera, pedindo uma secretária e datilógrafa, esperava encontrar um velho magro e pigarro, de enormes óculos de tereruga. Não sabia por que, mas fora assim que imaginara o futuro patrão. E como era diferente! Forte, robusto, tinha cabelos de fogo e olhos azues. Uma energia prodigiosa. A casa toda se movia sob seu comando, como por electricidade. Aquele homem tinha mesmo qualquer coisa de elétrico. Sua mania era colecionar livros raros — e conseguira verdadeiras preciosidades.

Não era mau, e, quando isto não lhe causava inconveniente, chegava a ser generoso. Um egoísta.

Naquela manhã, quente, de ar abafado, quando ele chamou Iris Lane e Harold Mills ao seu gabinete, sua expressão era típica. Dava àquelas duas pessoas uma notícia que não só era má e lhes causaria prejuízo grande, mas também as magoaria por se verem despedidos assim, sem mais nem menos.

Não tergiversou, não procurou rodeios.

Harold Mills e Iris estavam trabalhando na biblioteca do primeiro andar quando os mandou chamar.

O gabinete era contíguo a esta — a uma sala grande com duas janelas para o jardim dos fundos.

Seton estava de pé, ao lado da mesa de trabalho, colocada bem no centro do gabinete; em cima da mesa via-se cheia de pacotes de notas, uma pasta que ele esvaziava quando entravam. Um dos pacotes caiu na cesta de papeis.

"Olhem," disse ele, com a franqueza de uma criança. "eu vou-me embora para a América. Tenciono passar lá um ano no mínimo."

Parecia agradecer-lhe a surpresa de Iris e Harold.

"Mas, Sr. Seton, começou Harold. "E a crise", atalhou Seton, mostrando um jornal. "E a crise!", repetiu, apontando para um outro. "Estou farto de crises. Vou para a Califórnia. Sei que vou me dar muito bem lá. Laranjeiras e brisas marinhas; é disso que eu preciso. Os livros de turismo estão cheios de fotografias tentadoras. Além do mais, quero fazer o velho Isaacson invejar a minha edição de 1593 de *Péna* e *Admis* e o *in folio* de 1623."

A fisionomia do colecionador demonstrou, aqui, o seu embaraço. Um pouco tardio, talvez.

"Tenho que despedir vocês", falou. "Queris levá-los comigo, mas não é possível. As coisas não vão lá muito bem e... Enfim, eu sinto muito mas não há outro remédio. Vou lhes dar o ordenado de um mês porque tenho pressa e não posso esperar mais. Ou, melhor, dou-lhes o ordenado de três meses. Que é que vocês acham?"

Radiante e aliviado, porque achava que já cumprira seu dever, com muita generosidade até, passou a outros assuntos.

Apanhou o pacote de notas, que caíra na cesta. O esforço para abaixar-se fê-lo ficar muito vermelho. Dr. Woodhall já lhe tinha avisado que tomasse cuidado porque sua pressão arterial era muito alta; mas logo tudo se normalizou e ele estava novamente cheio de energia.

Havia um pequeno cofre encostado na parede. Seton abriu-o com a sua chave, depositou o dinheiro numa lata, fechou o cofre e trancou-o. Iris notou os algarismos escritos no papel que envolvia cada pacote: 1 libra, 5 libras, 10 libras, 20 libras. Uma pequena fortuna.

Talvez fosse o calor que fazia Harold Mills transpirar. Sua testa estava coberta de pequenas gotas de suor.

"Quando é que o senhor parte?"

"Eu parto..." hesitou. "Depois de amanhã", disse, por fim, decidido.

"Depois de amanhã?"

"E", No sábado. Sempre há um bom navio que parte aos sábados. E, sábado."

Seton guardou no cofre. Foi então que ele nos anunciou a sua viagem à Califórnia. E que não precisava mais de nós, que podíamos procurar outra colocação, porque ele tencionava demorar lá um ano."

Contou, depois, o que aconteceu no dia do roubo.

Estava nervosa, confessou, ia perder um bom emprego, assim sem aviso prévio, e, ademais, chovia torrencialmente. De quando em quando brilhava um relâmpago, seguido do ruído surdo do trovão.

Aquela hora, lembrou-se de tudo, de como conhecera Francis Seton e se tornara sua secretária.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ ÀS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

"Mas seu passaporte"... protestou Iris.

"Eu já providenciei," explicou Seton, frio.

Num lampejo, ocorreu a Iris uma ideia: roubo. Não pôde impedi-lo. Quando a gente vê tanto dinheiro junto, às vezes os dedos têm um movimento involuntário para agarrar, e sonhos fantásticos de fortuna veem, tentadores.

Não tinha intenção criminosa, explicou, depois, à polícia, com franqueza. Mas era tal a tentação que não pôde deixar de pensar naquilo.

Na véspera estava bem. Havia uma semana voltara das férias em Cornwall, onde pouco mais fizera do que tomar banhos de mar e de sol, sentindo o agradável contraste entre o calor que queimava a pele e a água fria envolvendo o corpo, água salgada e saudável do mar. O futuro sorria-lhe.

Além disso havia um rapaz encantador que vinha desenhar na praia. Aliás, desenhos tão mal feitos que Iris só se tranquilizou quando soube que ele era médico e vivia em Londres.

O vento carregou um dos desenhos e ela apanhou-o. Conversaram. Chamava-se Charles Woodhall e era médico de Seton. Iris ficou surpreendida mas a coincidência pareceu-lhe de bom augúrio. Gostava de Woodhall. Ele era tão bom conversador quanto Seton e mais calmo, mais gentil. Sabia ouvir.

Sentava-se numa cadeira de armar e desenhava Iris em todas as posições. Pendia-lhe da boca um cigarro. Às vezes o vento levava-lhe a fumaça aos olhos e ele, piscava. Falava. Falava alegremente de tudo; desculpava-se também, repetidamente, da má qualidade dos desenhos. Mas Iris que,

a despeito de vários protestos polidos, concordava com ele secretamente, guardava-os todos. E assim decorreu a quinzena.

Tornariam a encontrar-se em Londres.

E ela possuía um bom emprego lá.

O futuro, repito, lhe sorria — até que, naquela manhã, uma palavra puzera fim aos seus sonhos.

A tempestade que estivera iminente o dia inteiro chegou por fim. Mas a atmosfera pesada não desapareceu. Agora era interior e nada tinha a ver com a natureza. Iris trabalhava com Harold Mills, depois do jantar, na biblioteca, à luz de lampada de mesa. Era uma sala enorme com tapetes espessos como, aliás, todas as salas da casa; mas era úmida. Iris estava com dor de cabeça. Endereçara duas dúzias de cartas e arranjara tudo para a viagem; tudo o que restava a fazer agora — e não era coisa que lhe competisse — era arrumar as malas.

Seton estava no gabinete, com a porta fechada. Dissera que ia arrumar a mesa, rasgar uns papeis.

Harold Mills largou a caneta.

"Iris", disse, baixinho.

"Que é, Harold?"

Mills olhou a porta fechada e acrescentou ainda mais baixo: "Quero perguntar-lhe uma coisa."

"Pois não."

Surpreendeu-lhe o tom da voz dele. Estava sentado à sua mesa, um pouco afastada dela. À sua esquerda tinha uma lampada cuja luz iluminava os ca-

belos louros, muito lisos, penteados para traz e o rosto cor de cera. Era muito moço mas um pince-nez dava-lhe um ar austero.

Falou: "Eu queria perguntar se você está bem de finanças."

"Estou."

Nem sabia. Não estava pensando naquilo. Dr. Woodhall prometera passar lá, para visitar Seton. Eram quase onze horas. Seton, que sempre jurara que sua imensa vitalidade era devida à regularidade dos seus hábitos, tinha horário tão regular como um relógio. Às onze horas, fumava o último dos dez cigarros que o médico lhe permitia por dia, tomava seu "whiskey" com soda, e, às onze e meia em ponto, estava na cama. Se Dr. Woodhall não se apressasse...

A cabeça de Iris ainda doía. Mills continuava falando, mas ela não o ouvia. De repente, voltou a si do seu devaneio.

"Desculpe, Harold. Eu não estava ouvindo."

"Eu disse", repetiu o rapaz, muito nervoso, "que a minha profissão é muito especializada. Não poderei encontrar outro emprego muito cedo." Corou. "Não, não era isso que eu queria dizer. Não estou me queixando. É muita generosidade até, isso de dar dois meses de ordenado. Mas esperava que este emprego fosse mais ou menos permanente. Porque, se fosse, eu queria fazer uma coisa..."

"Que coisa?"

"Queria pedir você em casamento."

Houve uma pausa. Ela olhou para Harold. Nunca pensara nele como um rapaz desajeitado e tímido, como o via

agora. Na verdade, nunca pensara nele. E, pela expressão do rosto, ele mostrava que sabia disso muito bem.

"Não diga nada, por favor," levantou-se. "Não quero que você pense que tem que dizer alguma coisa." Começou a andar para cima e para baixo. "Eu nunca... nunca me fiz... atencioso com você."

"Você nem mesmo..."

Atalhou-a com um gesto: "Sim, eu sei. Não é esse o meu feitiço. Eu queria ser assim mas não posso". Parou de repente. "Esse Dr. Woodhall, por exemplo..."

"Que é que Woodhall tem a ver com isso?"

Não teve oportunidade de responder à pergunta, pois foi então que distintamente ouviram ruídos na sala contígua.

Quando, mais tarde, tentaram descrevê-los, nenhum dos dois pôde precisar se tinha sido um grito, ou um grito, ou palavras incoerentes. Poderia ter sido uma combinação dos três. Seguiu-se uma série de golpes surdos como se o machado de um açougueiro cortasse a carne. Depois silêncio. Silêncio dentro de casa, porque, lá fora, o vento uivava, as árvores gemiam e o trovão reboava.

Assim começou a história que Iris contou no apartamento de Dr. Fell. Este e o Superintendente Hadley ouviram-na com a maior atenção, se bem que já a conhecessem.

"Não sabíamos o que tinha acontecido", falou Iris. "Chamamos o Sr. Seton mas ele não respondeu. Esperamos a porta, mas não abriu."

"Estava trancada?"

"Não estava emperrada. A umidade da chuva tinha feito inchar a madeira. Harold tentou abrir, mas não conseguiu. Por fim, afastou-se um pouco e jogou-se de encontro a ela. O Sr. Seton estava sozinho no gabinete. Reparei bem. O gabinete estava iluminado. Há um lustre em forma de candelabro de bronze, com lampadas imitando velas. Havia até uma luz acesa no quarto onde se guardam, sobretudos e chapéus — é pouco maior do que um armário grande e dá para o gabinete. Olhando em torno, via-se tudo. Não havia ninguém escondido lá."

Fez uma pausa, como para lembrar-se bem do quadro.

Francis Seton jazia perto da mesa, entre esta e a janela. Estava desmaiado e das suas narinas brotavam gotas de sangue.

Seu cigarro, que fora depositado na ponta da mesa, queimava a madeira com um cheiro acre. A cadeira da mesa e uma outra mesa pequena tinham sido viradas. Havia uma mancha no espesso tapete cinzento, onde caíra o copo que usara para beber, um vidro que não se derramou, e um sifão com capa de metal. Seton gemia.

Quando viraram o seu corpo de lado, encontraram a arma.

"Era um pedaço de pau grosso, cheio de chumbo," disse Iris. "Só tinha umas 6 ou 7 polegadas de comprimento, mas pesava quase uma libra. Harold, que principiara o curso de medicina, examinou a cabeça de Seton. Disse, em seguida, que era melhor chamar um médico depressa. Eu tinha recuado até uma das janelas — lembro-me bem. As cortinas não estavam corridas. Virando, temendo que alguém estivesse escondido atrás de uma delas. Foi então que vi uma escada, apoiada na janela da direita. Notei ainda outra coisa que não era verdade. Mas eu falo nisso mais tarde. Corri para chamar, o Dr. Woodhall pelo telefone, mas não foi preciso. Encontrei-o já subindo para o primeiro andar. Não sei como entrou. Seton despedira os criados depois do jantar."

(Continúa na página 21)

Narciso Azul
de GALLY

Eternisa os momentos
sublimes com as mais doces recordações.

Uma situação agradável jamais será esquecida
com **NARCISO AZUL**: um perfume imortal!

EXTRACÇÃO PEQUENA Nº 1504
GRANDE Nº 1517

PÓ Nº 1550

LOÇÃO Nº 1575

COLÔNIA
1 Lit. Nº 1531 3/4 Lit. Nº 1533
1/2 Lit. Nº 1532 1/8 Lit. Nº 1534

BRILHO Nº 1513

BRILHO Nº 1512

A VENDA EM TODO O BRASIL

Uma originalidade bancaria em pagamentos de cheques

Banco Nacional do Comercio e Produção S. A.

Em certos empreendimentos que surgem de quando em vez, em silêncio, sem que o grande público fique sabendo como apareceram, nem tampouco os seus autores. Só o jornalista, que se interessa pelas novidades afim de transmiti-las em primeira mão aos seus leitores, é que, num golpe de esforço fora do comum, vencendo todas as dificuldades que se lhe esbarram, consegue divulgar o que o público a todo o custo não pode mais ignorar.

Ainda há pouco, estivemos balanceando algumas de nossas últimas observações que mais merecem publicidade. Escolhemos, dentre algumas, um proveitoso melhoramento recentemente adotado num dos nossos estabelecimentos de crédito. Pela originalidade que se reveste, pela eficiência sobejamente demonstrada, pela utilidade incontestada que atinge não somente o público, assim como o próprio Banco, trata-se, sem dúvida, de uma iniciativa preciosa, que muitos benefícios está proporcionando no momento.

Vejamos como fizemos a "descoberta". Um dia destes, tivemos de nos dirigir ao Banco Nacional do Comércio e Produção S. A., para providenciar a cobrança de um cheque ao portador. Em poucos minutos o nosso carro nos transportava ao referido Banco, na rua da Alfandega, 34. Dirigimo-nos à Secção de Contas correntes onde apresentámos o mencionado cheque, tendo um funcionário nos encaminhado ao Caixa sem nenhum exame no documento. Qual não foi a nossa surpresa, quando, em menos de um minuto, o Caixa nos entregava o numerário respectivo! Ficámos admirados da extraordinária presteza com que fomos atendidos. E essa admiração se justifica pelo fato de outros bancos levarem muito tempo para promoverem a liquidação de um cheque visto terem de recorrer à rotina co-

mum que é o sistema de verificação prévia do cheque, lançamento nos livros, conferência do saldo e em seguida passagem para a Caixa, depois de ser lançado em um protocolo.

Como tivéssemos outros compromissos naquele dia, deixámos a nossa "descoberta" para outra oportunidade.

Ontem, porém, voltámos de novo ao estabelecimento. Os "guichets" estavam completamente cheios. Não havia, entretanto, nenhuma perda de tempo dos que se dirigiam ao Caixa para pagamentos de cheques. Notámos que cada pessoa não se demorava mais do que um minuto e que todas volviam satisfeitas, comentan-

campanhas em favor de tudo que pode, direta ou indiretamente interessar o nosso público.

Não quiz, porém, adiantar nada com relação ao novo processo de pagamentos adotado, sem antes nos apresentar ao dr. Ronan Rodrigues Borges, um dos diretores do mesmo Banco, e ali também presente no momento. Conduzidos ao seu gabinete, mantivemos animada palestra.

O Dr. Ronan Borges, que é bastante viajado, tem estado em quase todos os países da Europa, demorando-se em cada um deles, quer em estudos, quer em passeios turísticos.

Nem apenas um minuto. Foi só apresentar o cheque, num virar dolhos, eis o dinheiro às minhas mãos. De fato o processo era fantástico.

Houve um silêncio.

Fumámos demoradamente o nosso charuto.

A pausa foi interrompida com uma pergunta nossa.

— Mas o processo inglês tem algo que ver, em seus pormenores, com a sua iniciativa?

— Absolutamente. O processo é de autoria do nosso Gerente.

Ouvimos êste que nos informou o seguinte:

— Tendo já há tempos idealizado o processo, encontrei no espírito adiantado da Diretoria campo propício para a sua adoção, uma vez que com a sua experiência tinha visto os benefícios que poderiam advir para a clientela, com um serviço mais rápido sem perder de vista, é claro, as necessárias precauções de que nos deveríamos cercar. Posto em prática o processo, foi o mesmo positivamente coroado de êxito, porquanto apesar do grande movimento da nossa secção de Contas Correntes, não houve ainda um caso que o contra-indicasse — pois além de rápido é absolutamente seguro, segundo os detalhes que presidem a organização.

Conquanto o jornalista tivesse procurado obter uns detalhes do processo, compreendeu, por uma hábil escusa da Diretoria, que não deveria se aprofundar muito, pois, normalmente os Bancos guardam segredo daquilo que pode afetar a sua segurança o que achámos muito razoável.

Satisfeitos pela delicadeza e lhanza de trato com que fomos recebidos, despedimo-nos dos diretores do Banco Nacional do Comércio e Produção S. A. começando a pensar no esforço generoso dos que ainda se lembram, muito a propósito, em favorecer, de qualquer modo, à coletividade.



Flagrante tomado no dia da inauguração do Banco Nacional do Comércio e Produção S.A., tendo ao centro o seu director dr. Ronan Borges.

do a nova modalidade de serviço seguida pelo Banco Nacional do Comércio e Produção S. A.

De fato, se a iniciativa do Banco Nacional do Comércio e Produção S. A. é de tão grande alcance, naturalmente cumpria fosse logo divulgada. Mas não quisemos fazer qualquer resolução sem antes procurar um entendimento pessoal com os seus diretores.

Apresentadas as nossas credenciais ao Gerente do referido Banco, sr. J. A. Mota, e explicada a razão que nos conduzia á sua presença S. S., numa linguagem polida e escoreita teve louvores à "Revista da Semana", ás nossas

— De uma feita, disse-nos acendendo um charuto depois de nos oferecer um outro, estava em Londres, em companhia de alguns amigos. Precisei, de momento, dirigir-me a determinado Banco, onde tinha algumas reservas. Não conhecia ninguém. Ninguém me conhecia. Um mundo de gente turbilhonava naquele estabelecimento. Homens que entravam e saíam rapidamente. A um boy que passára por mim, perguntei onde era o caixa. Lá fui eu, meio desanimado do tempo que iria perder até que fosse despachado.

— E demorou-se muito no Banco?

— Qual nada, meu senhor.

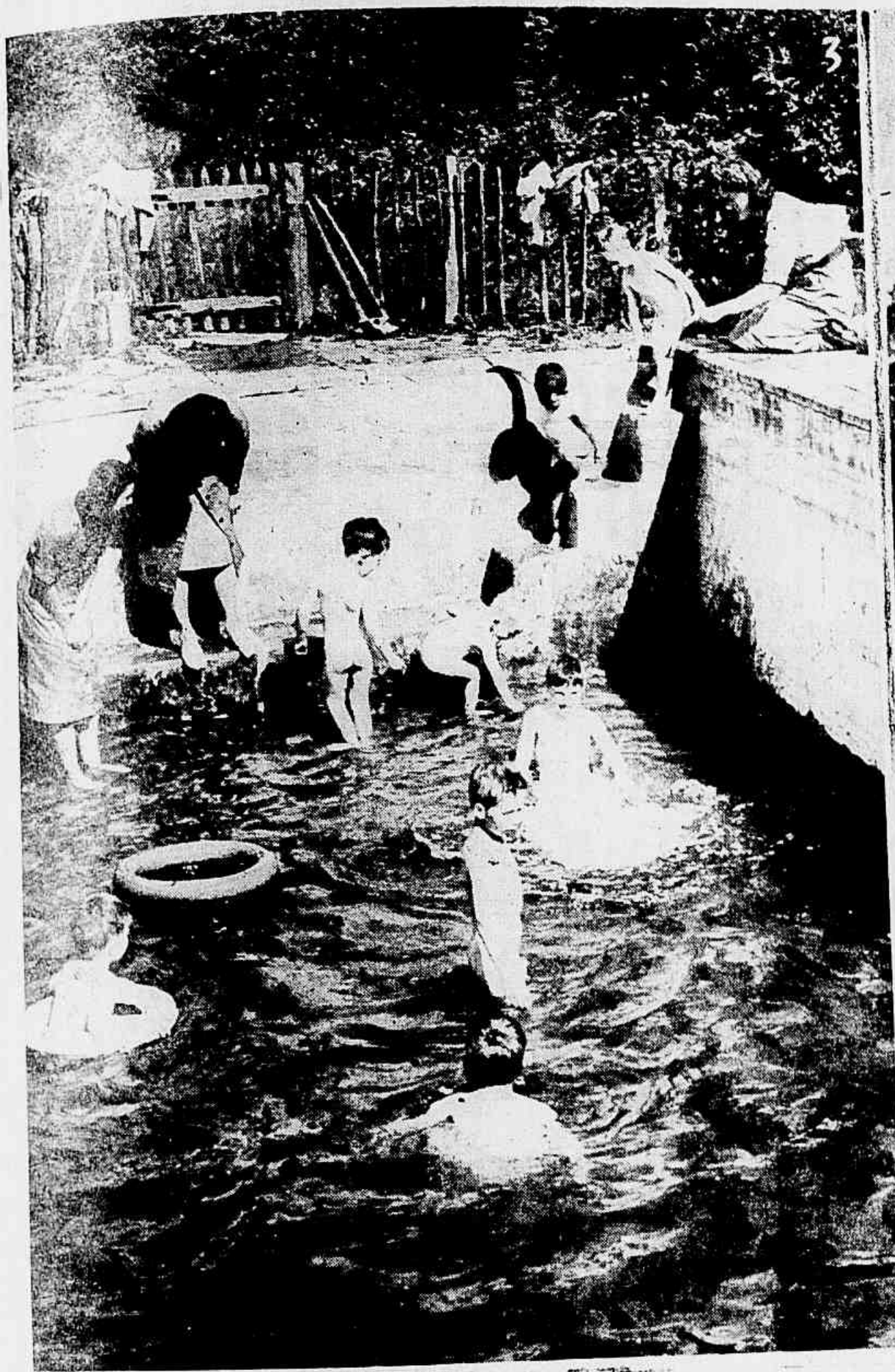


1 — Crianças recebendo um tratamento de raios solares, numa clínica. 2 — Esse pequeno aluno sentado á cadeira do dentista, é um dos milhares de meninos britânicos cujos dentes são conservados em perfeito estado.

HOMENS DE AMANHÃ



Alunos de um curso de dança em recreio.



3 — Meninos tomando um banho de água e um banho de sol. Logo aprenderão a nadar. 4 — Jovens jogando bola. Nas horas de lazer esses jovens cultivam parte do terreno de esporte transformado em horta. 6 — Alunos trabalhando a terra, tendo destinado parte dos seus feriados a trabalhos de importância nacional.

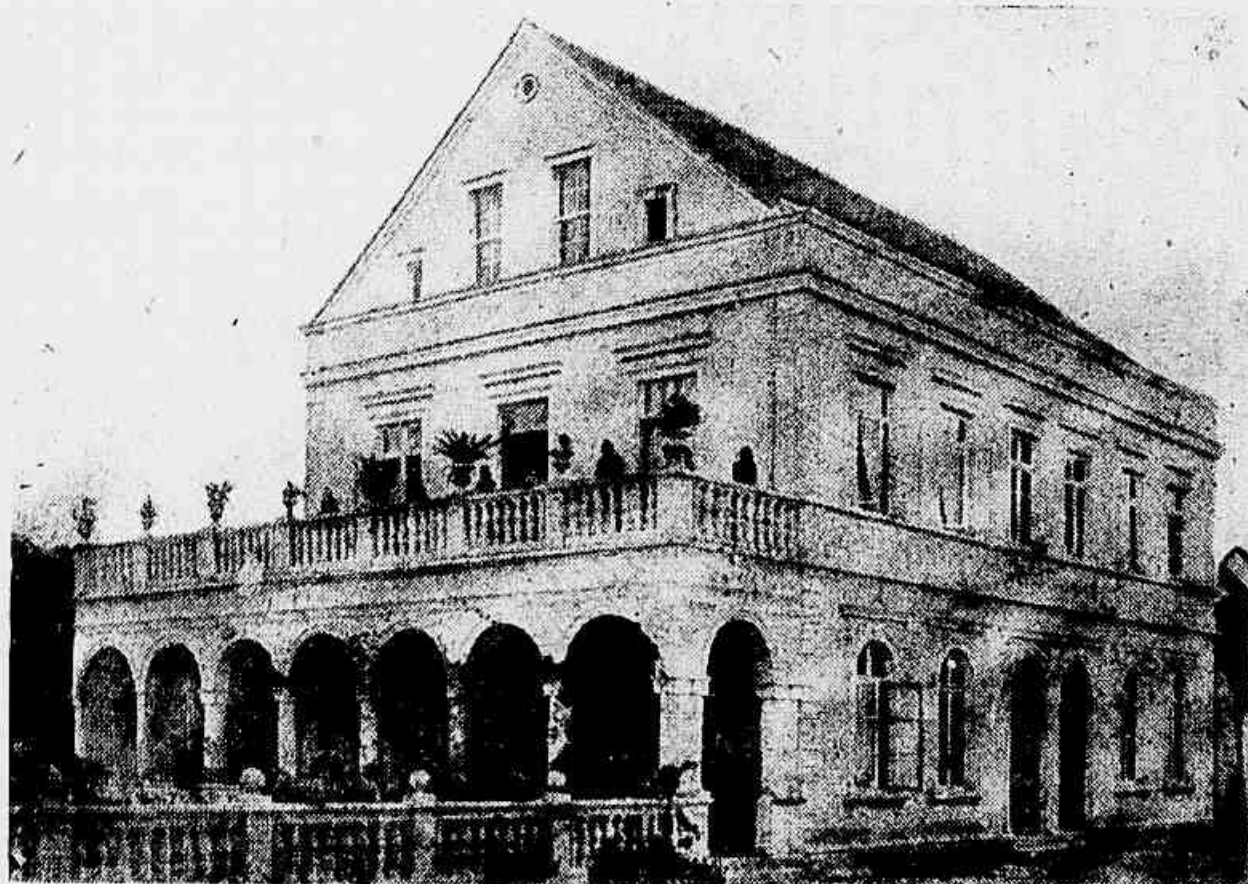
(Do B. N. S. especial para a REVISTA DA SEMANA)

Londres. -- **E**M todas as escolas britânicas os alunos se entregam aos esportes. Esportes de toda a espécie: o futebol e o hockey, que enrijem o corpo, o tenis que dá agilidade. E, naturalmente, o tradicional cricket de verão. Esses agradáveis passatempos ao ar livre são considerados como parte essencial da educação de todos os jovens de ambos os sexos. Os ingleses acreditam que com isso, constroem não somente corpos fortes e saudáveis, como também caracteres sãos e de boa tempera. Consideram os campos de esporte como terreno de treino para os negócios da vida. E, ainda mais, procuram inculcar o espírito de partido — a ideia de jogar não para si mesmo, mas para o lado a que se pertence; de cooperar com os companheiros de jogo, trabalhando para uma vitória comum, sem o desejo de qualquer honra ou glória pessoal. Acreditam também que os esportes fornecem algumas receitas valiosas para o manejo das dificuldades da existência: jogar tão bem quando se está perdendo, como quando se está ganhando; saber perder. Não se importar com a vitória ou a derrota, desde que o jogo seja bem disputado. O povo britânico crê que aprender a ser correto nos jogos ensina a ser espiritualmente honrado em outras coisas. Não é, pois, motivo de surpresa se muitas frases peculiares aos esportes passaram para o uso comum de todos os dias.

Assim, a maioria dos cidadãos britânicos de amanhã joga toda a espécie de jogos e, ao mesmo tempo, aprende a crescer forte, enquanto ainda na escola. Os rapazes jogam o futebol e o cricket. Boxeiam, correm, nadam e remam. As jovens jogam hockey, tenis, cricket e basket. Todas aprendem a nadar. Seguem cursos de ginástica e de adestramento físico. São disputados campeonatos entre várias escolas. Alguns desses jogos se tornaram acontecimentos anuais em que toda a nação se interessa, como o matche de cricket, todos os verões, entre as velhas escolas de Eton e Harrow, as regatas entre as Universidades de Oxford e Cambridge, todas as primaveras. A guerra pode ter impedido temporariamente alguns desses espetaculares acontecimentos esportivos. Mas não impediu os alunos britânicos de continuarem nos seus jogos.



O CRIADOR DO CONCRETO ARMADO NO BRASIL



Casa de negócio e residência de G. Baumgart, pai de Emilio, onde este nasceu. Blumenau, Santa Catarina.

porque o urbanista é, em última análise, um artista como os outros.

E as cidades crescem tanto para os lados como verticalmente.

Tais reflexões a propósito do arranha-céu trouxeram-nos á mente o concreto armado, esse recurso arrojado de que a engenharia hodierna vem lançando mão quase para tudo: pontes enormes, edificios monumentaes, pistas a bem dizer sem fim, estradas deliciosas em que muito motorista, embaldado na vertigem, morre sem sentir,

como quem vai voando para o céu ou se precipitando no inferno.

Pois bem: o concreto armado, grande propulsor de civilização, coisa em que toda gente fala — até porque nas cidades ou nos campos, sobre ou sob a terra, por cima ou por baixo d'agua — está sempre presente, é mais uma criação de brasileiro nos domínios da ciência.

Assim, na época em que foi construído, o edificio de *A Noite*, era este o maior do mundo em concreto armado. Porque os grandes prédios que, então, se



Um grupo de alunos do Ginásio Santa Catarina em Florianópolis. Ao centro, sentado, o João Baumgart.

As cidades, ao contrario das pessoas, devem remogar á medida que o tempo vai passando. E os artifícios desse fenomeno, os transformadores da fisionomia

urbana são, evidentemente, os engenheiros que planejam e constroem, que cortam e recortam, rasgando aqui, fechando ali em requintes de atenção.



A direita:

Emilio, rapazinho, usando o uniforme do tiro de guerra.

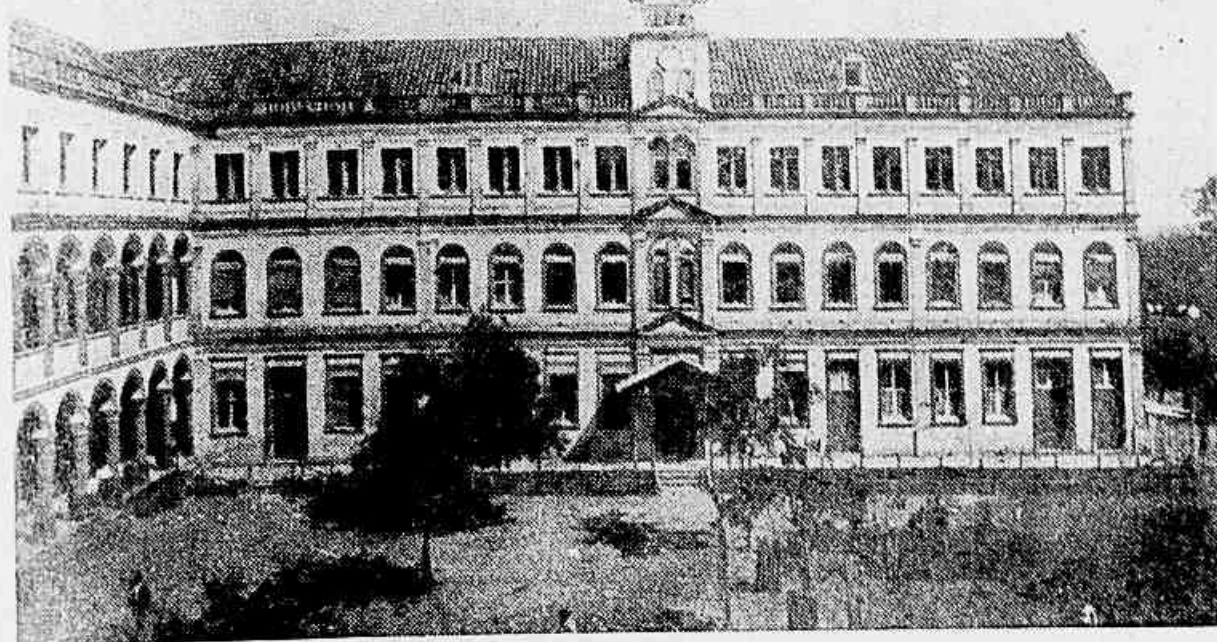
A esquerda:

Baumgart já aos 15 anos lidava com instrumentos de engenharia.



EMILIO BAUMGART, O HOMEM QUE NOS DEU O "ARRANHA-CÉU"

Ginásio N. S. da Conceição



Ginásio N. S. da Conceição, em Florianópolis, Santa Catarina, onde Baumgart terminou seu curso.

erguiam em outras capitais do orbe levavam em sua composição muito aço; entretanto, o concreto armado tal como se usa hoje (ferro, e não aço, em vigas redondas) foi aplicado intensivamente em grandes obras, pela primeira vez, pelo engenheiro brasileiro Emilio Baumgart, falecido em Outubro do ano passado. Homem excepcional, dede o só a um ideal, por toda a vida Baumgart se fez pioneiro: sonhou, sofreu, conheceu dissabores, mas viu com seus próprios olhos o que muitos outros não lograram ver, a "concretização" de seu sonho: o cimento armado erguendo a civilização material de sua pátria e contribuindo para que, lá fora, em outros países, mais uma conquista nossa contribuisse para o bem da humanidade.

Fomos, pois, procurar a senhora Stela M. Baumgart, viúva do grande técnico. Sim, porque ninguém melhor

do que ela — companheira diuturna do mestre admirável, que deixou tantos discípulos e tantos admiradores — poderia relembrar o homem superior que foi Baumgart, ajudando-nos a fixá-lo aqui, para exemplo de novas gerações.

E a viúva Baumgart, em seu apartamento em Bot. fogo, cercada de lembranças, falou-nos com emoção e saudade de seu esposo:

"Ele tinha a ingenuidade de uma criança ao lado de uma extraordinária inteligência".

E ainda, contendo a emoção:

Este boletim de Baumgart revela a sua capacidade. Estas notas, obtidas nas disciplinas mais variadas, são um testemunho eloquente da sua capacidade de trabalho e de estudo, e uma antecipação do espírito enciclopédico que já então revelava. Grau dez em tudo!



A viúva Baumgart, em sua residência, fala-nos sobre a vida do grande engenheiro



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

GYMNASIO SANTA CATARINA

FLORIANOPOLIS

EQUIPARADO AO GYMNASIO NACIONAL

pelo Decreto n. 6187 de 22 de Outubro de 1906

Certificado

DE

exame de Promoção da quinta anno ao sexto anno da curso seriada

Em 1.º

Fol. 10.º

Em T. R. Henrique Book

director do Gymnasio Santa Catharina, faço saber aos que o presente virem que o Sr. Emilio Henrique Baumgart natural de Blumenau, Estado de St. Catharina, filho de Gustavo Baumgart, nascido em 25 de Junho de 1889, prestou em a epocha de 11 de Novembro de 1909, de conformidade com o vigente Regulamento do Gymnasio Nacional, os exames das materias que constituem o programma da 5.ª serie do anno, incluindo as facultativas, obtendo as seguintes notas:

Portuguez	grau
Francês	grau
Algebra	distinção com louros grau dez
Geometria	distinção com louros grau dez
Trigonometria	distinção com louros grau dez
Geographia	grau
Chimica	grau
Mathematica	grau
Algebra	grau
Geometria	grau
Trigonometria	grau
Phisica e Chimica	distinção grau dez
Historia Natural	distinção com louros grau dez
Historia Universal	distinção com louros grau dez
Historia do Brasil	grau
Litteratura	distinção grau dez
Geog.	distinção grau dez
Mecanica e Astronomia	distinção com louros grau dez
Logica	grau
No conjunto das materias	distinção com louros grau dez

Florianopolis em 11 de Dezembro de 1909

O Director

T. R. Henrique Book

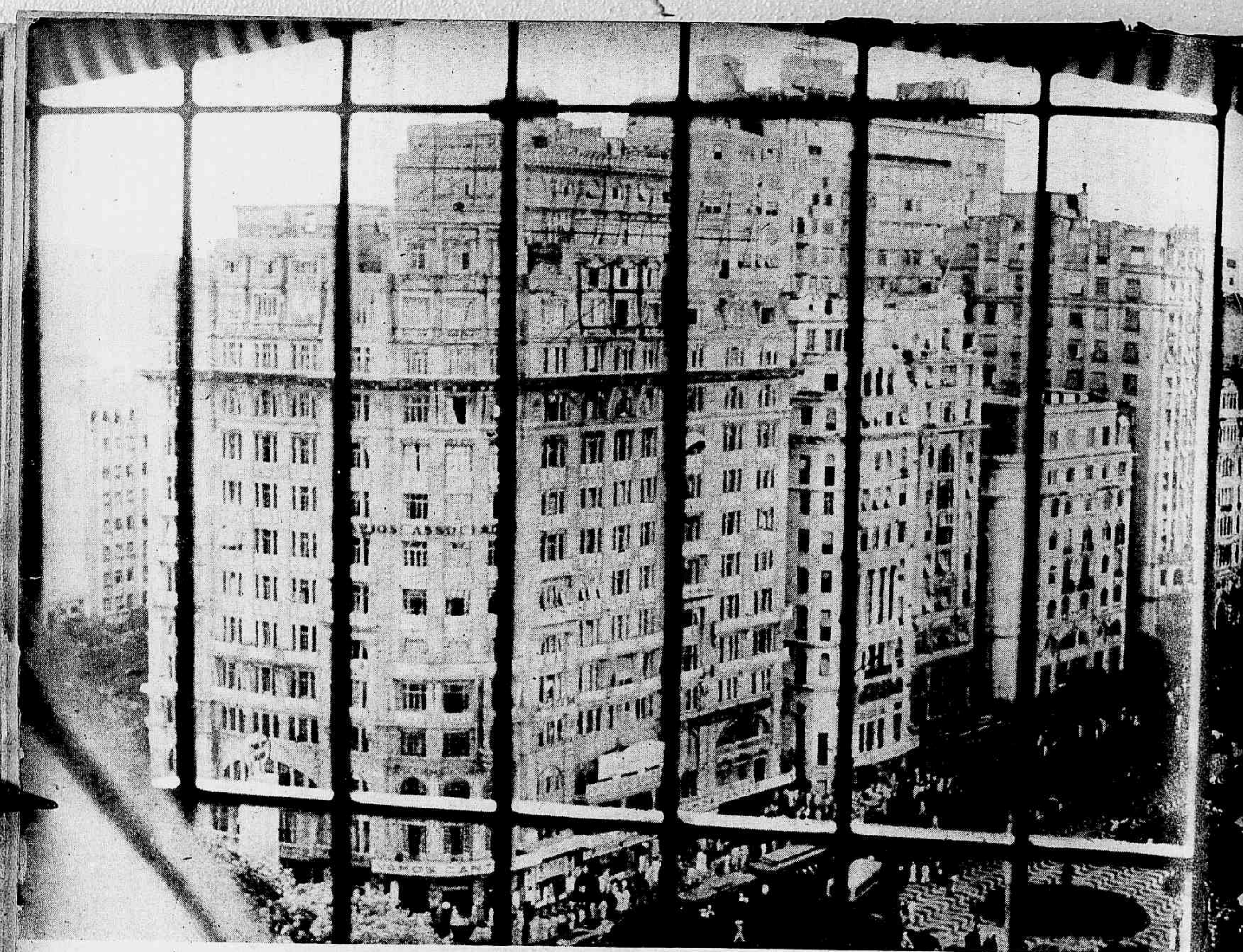
O Secretario

V. de Jesus de Mattos e Silva

O Delegado Fiscal do Governo

Joaquim de Almeida

Deposito, no livro de notas, no livro de notas, no livro de notas



Aspecto da Cinelândia onde foi feito o primeiro edifício em concreto armado no Brasil.

"Como ele trabalhava! Não me recordo de tê-lo visto deitar antes de uma madrugada; e nunca o vi de férias. Muitas vezes, levantava-se durante a noite e ia fazer experiências."

Depois recordou:
"Emílio nasceu em 1889 em Blumenau, descendendo, pelo lado materno, de uma família de engenheiros. E ele muito cedo revelou a sua grande vocação para a carreira, sem prejuízo da capacidade que tinha para aprender tu-

do. Veja o senhor esse boletim: distinção em todas as matérias do curso de humanidades. Baumgart conhecia todos os ramos do saber humano."

Sabíamos que Baumgart estivera na Europa, onde fora, certa vez, aperfeiçoar seus conhecimentos e, por isso, perguntamos à Sra. D. Estela qual a impressão que seu marido trouxera. E ela recordou o que ele disse então:

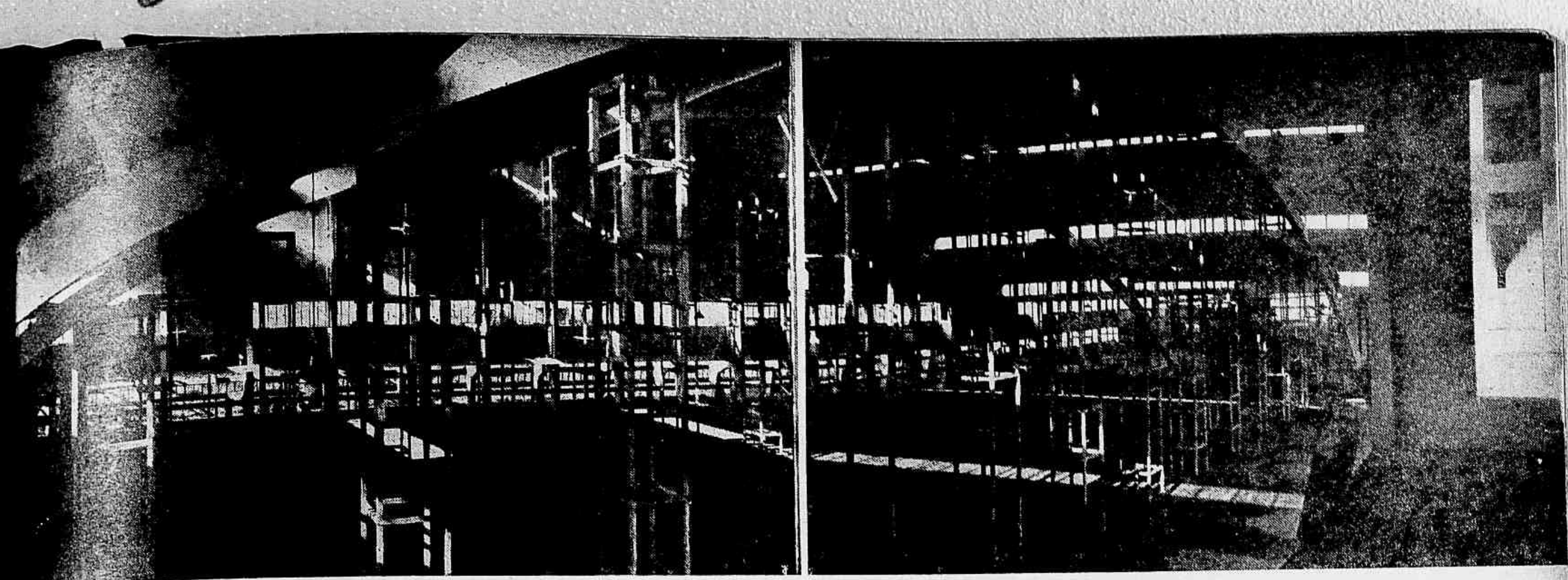
"Fui com grande sede de saber mas nada encontrei que já não conhecesse; creio que, no Brasil, poderei executar tudo que tenho em mente."

Por fim, a senhora Baumgart lembrou o espaço de tempo durante o qual estava sendo construído o edifício de *A Noite*:

"Telefonavam de noite para nossa casa dizendo que a construção tinha desabado, e eu ficava aflita; mas ele

me tranquilizava, é brincadeira, o prédio está firme."

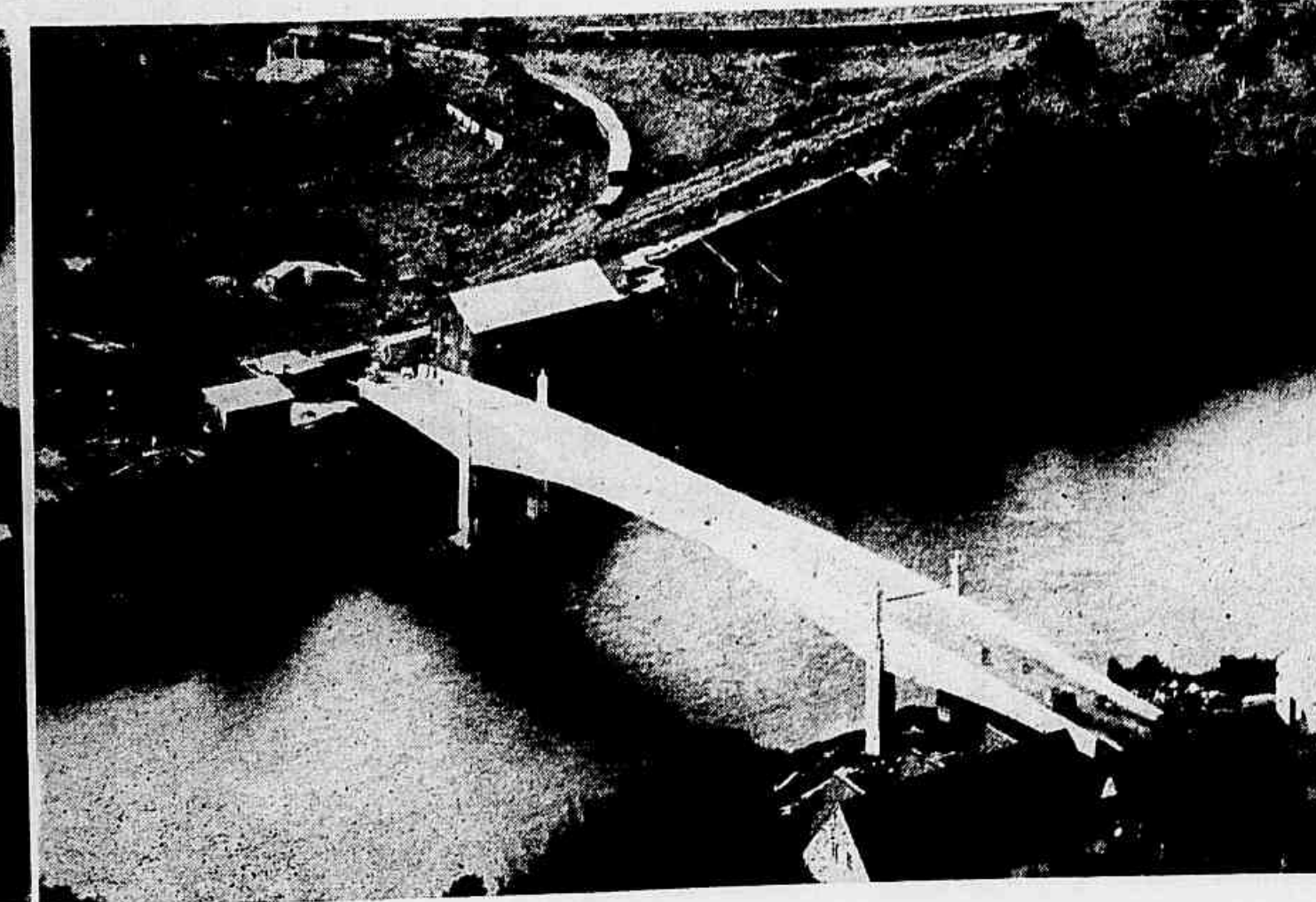
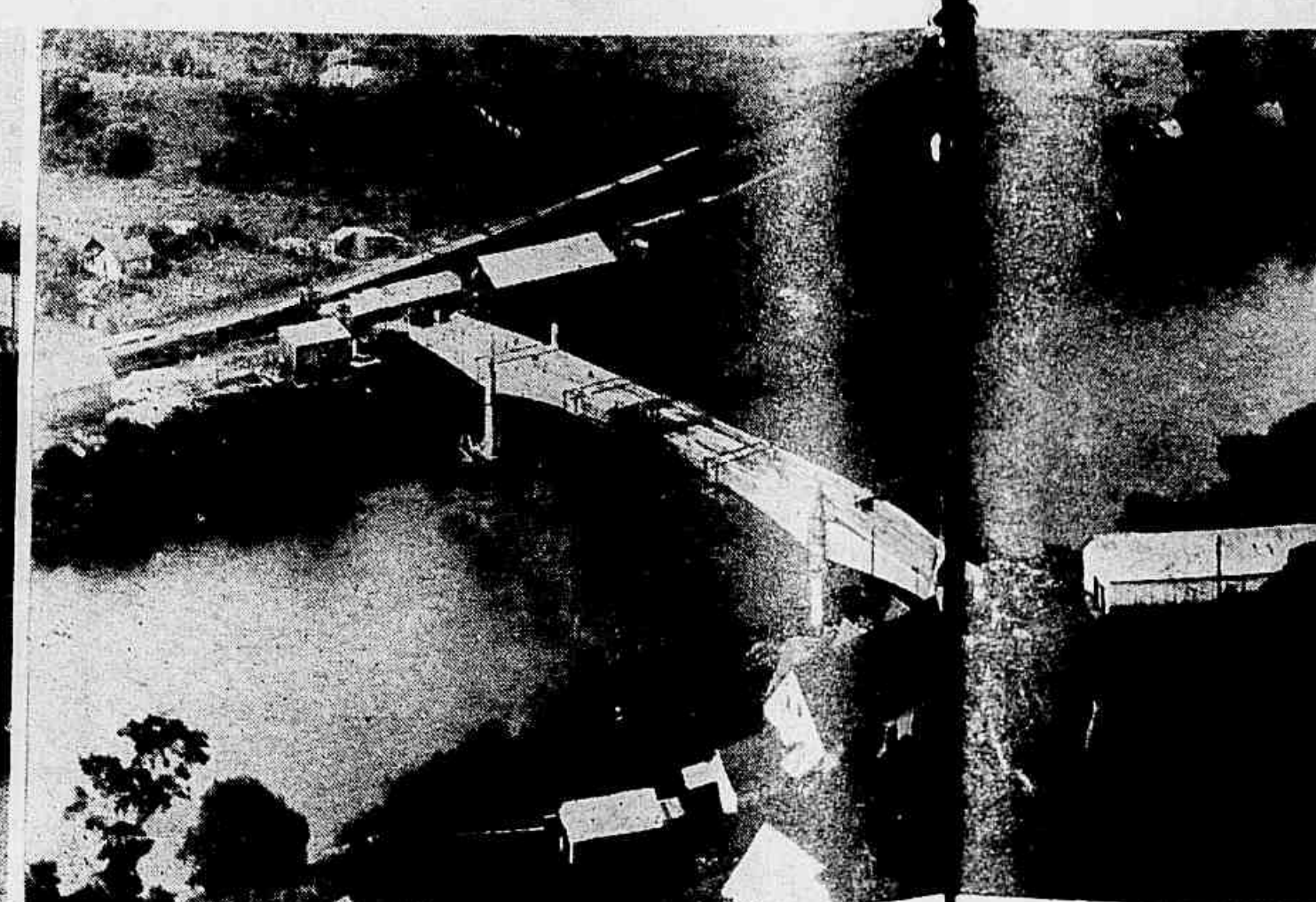
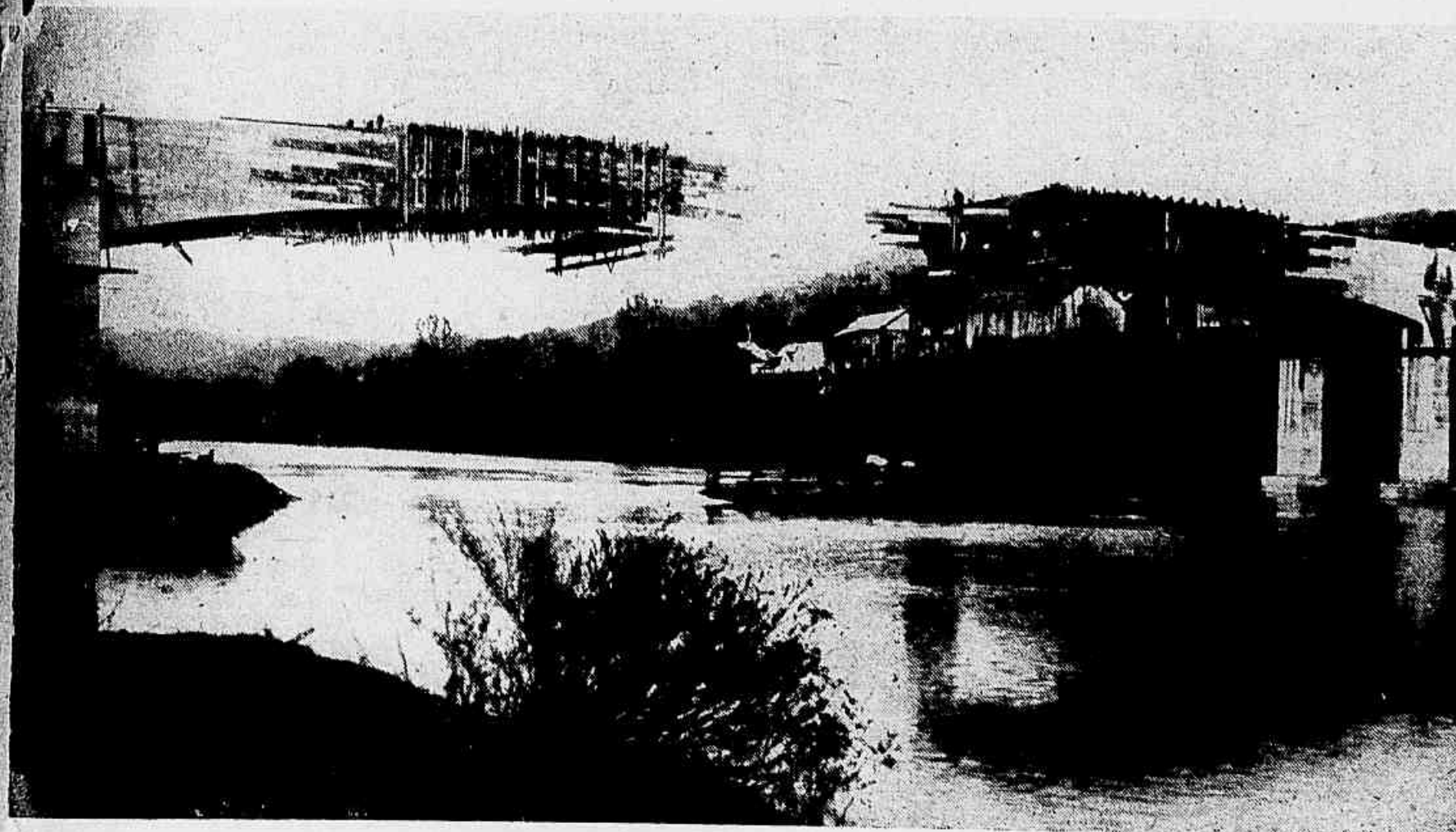
Emílio Baumgart frequentou a escola primária em Blumenau, terminando ali, o curso em 1905; fez o 1.º e 2.º anos ginasiais no Ginásio São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, transferindo-se depois para o Ginásio Santa Catarina em Florianópolis, onde foi colega de



Visão das oficinas gerais do Campo dos Afonsos, cujos arcos de 100 metros de vão são os únicos no gênero. Outra inovação interessante desta construção são os escoramentos em concreto, deslocáveis.



A ponte Baumgart resiste galhardamente às enchentes do rio Peixe. O sistema de escoramento anteriormente usado apresentava o grave inconveniente de ceder à força das águas.



Aspectos da ponte sobre o rio do Peixe em Herval, mostrando diversas fases da sua construção e depois de concluída.

D. Jayme de Barros Camara, arcebispo do Rio de Janeiro, e do cónego Tomás Fontes, ambos seus conterrâneos. Veio, depois, para o Rio onde fez o vestibular para a Politécnica, obtendo o primeiro lugar.

Custeou seu curso nesta Escola com o dinheiro que recebia dando aulas no Ginásio São Bento e trabalhando, desde o segundo ano, numa firma construtora; em 1915 casa-se com D. Stella M. Baumgart e as necessidades obrigam-no a suspender por dois anos os estudos.

Em 1919 diploma-se finalmente engenheiro civil.

Enfrentando toda sorte de dificuldades causadas pela incompreensão de muitos, Baumgart realizou uma obra notável, vencendo preconceitos e a oposição dos espíritos rotineiros.

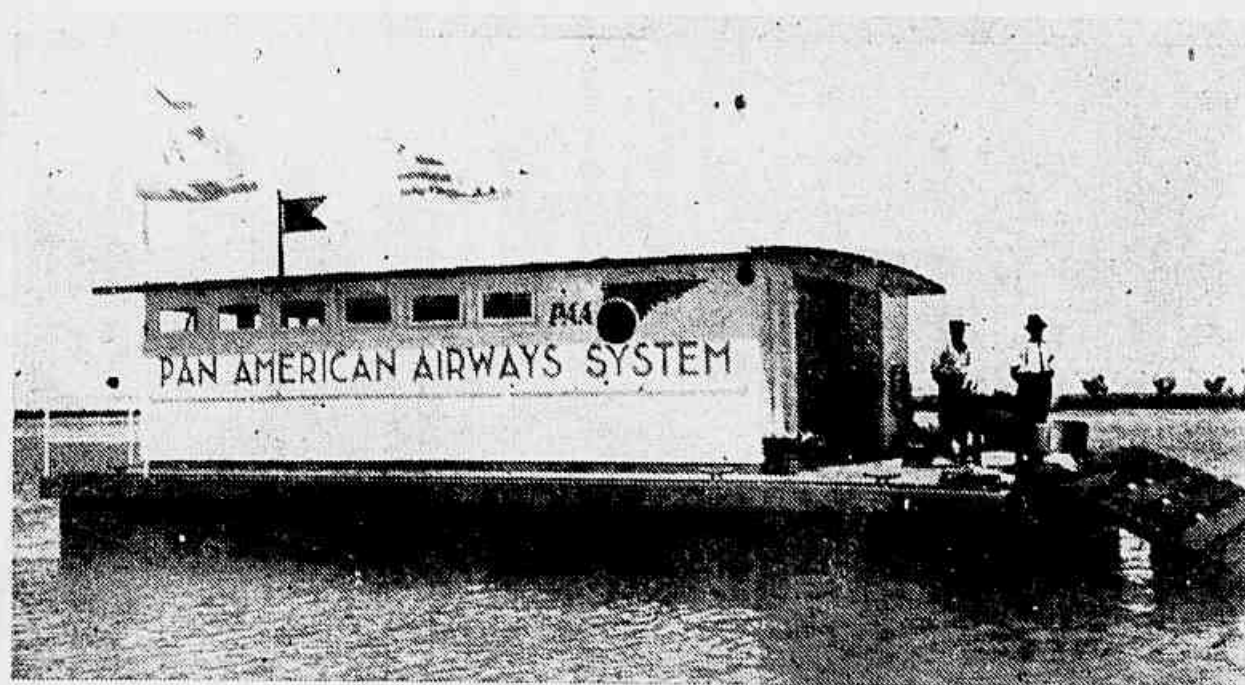
Alguns dos maiores e mais conhecidos prédios do Rio, bem como obras monumentais no interior, foram calculadas por ele, segundo nos informou o Escritório Técnico que ele montou, ainda existente, no qual seus auxiliares não encontraram somente um centro de trabalho mas também uma verdadeira escola onde hauriam novos conhecimentos ao lado do mestre.

Das mãos do Dr. Eugénio Germano o reporter recebeu muitas das fotos que estampamos e outros elementos informativos.

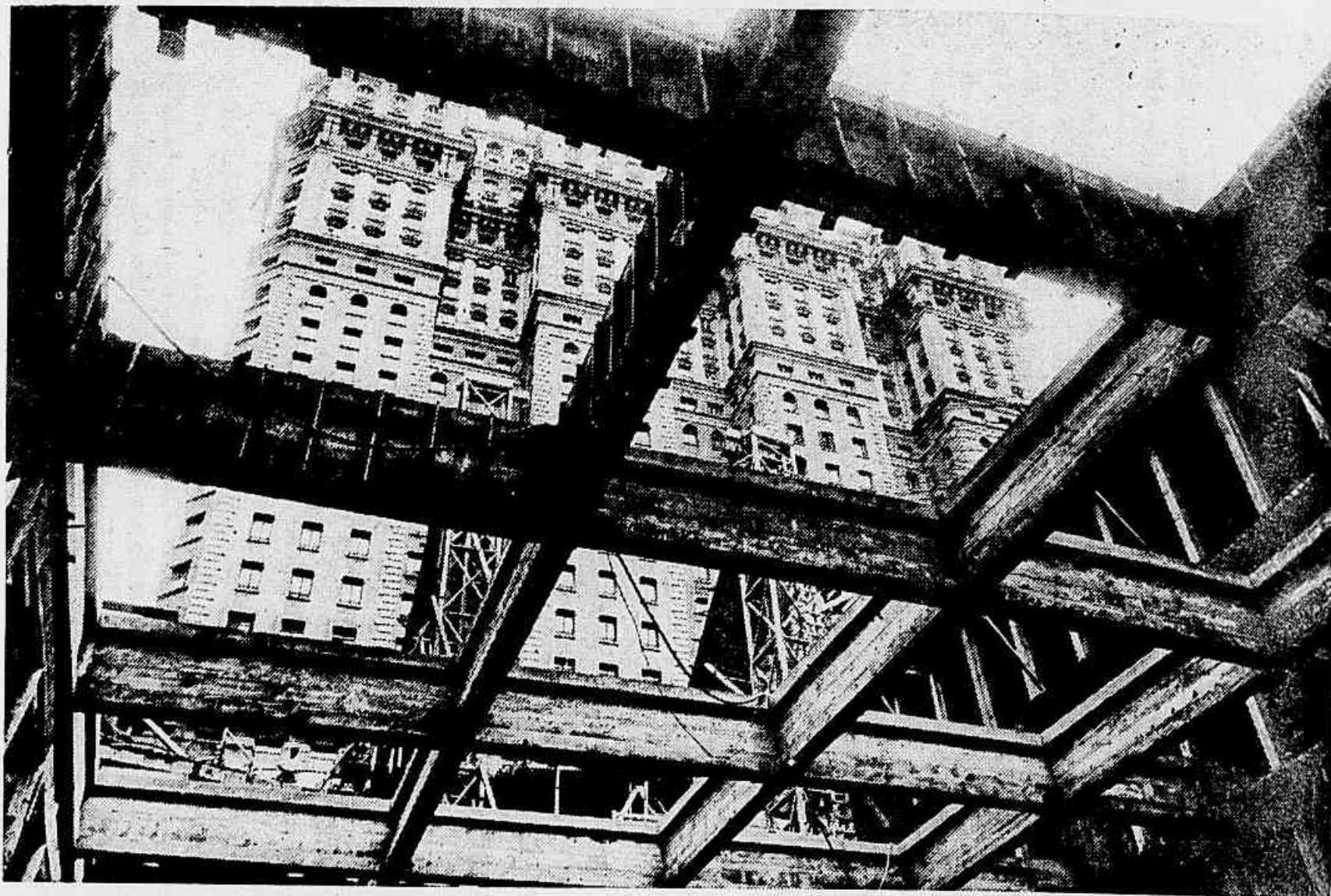
São de Baumgart os cálculos da sede da Rede Vição Cearense e da parede



O futuro engenheiro quando cursava com brilhantismo a Escola Politécnica do Rio de Janeiro.



Flutuante de concreto, uma das muitas inovações que o arrojo de Baumgart criou. Esses flutuantes eram anteriormente de madeira, apresentando sérios inconvenientes.



O Banco do Brasil, em São Paulo, será o maior edifício em concreto armado do mundo. Aqui vemos um aspecto da sua construção, notando-se as vigas de escoramento, feitas 16 metros a pique em pleno coração da cidade. O último cálculo de Emilio Baumgart.

do Açude Orós, no Ceará; a ponte Maurício de Nassau, em Recife; a Standard Pipe, na Bahia; os hotéis Gloria e Palace no Rio, bem como o hangar de concreto armado do Campo dos Afonsos com arcos de cem metros de vão, os únicos no género; a ponte de Herval, sobre o Rio do Peixe, ponte que tem

atualmente o seu nome, com 67 metros de vão, record mundial em viga reta, construída pelo processo de "cantilever", avançando de ambas as margens do rio para se encontrarem no meio, sistema de trabalho que evita rescoamento, tornando a obra mais resistente.

Emilio Baumgart teve dois filhos: uma mulher e um homem. Este, engenheiro como o pai, faleceu aos 24 anos, o que muito abalou o seu progenitor, que, um dia ao sair de casa para o trabalho foi surpreendido pela morte—após despedir-se de sua esposa amada.

A modéstia e a grande capacidade de trabalho eram os traços predominantes do seu caráter. Era um desses trabalhadores silenciosos que passam pela vida sem estardalhaço e que espantam os seus contemporâneos depois da morte.

pela grandiosidade da obra executada sem alarde.

Que a sociedade, a quem tanto protegeu e estimou, saiba seguir o exemplo desse brasileiro ilustre.

Neste Rio monumental onde se multiplicam os prédios de concreto armado, dir-se-ia que Emilio Baumgart mora em toda parte: cada colosso que se ergue é, por assim dizer, uma homenagem ao seu trabalho, um monumento à sua memória. Não seria demais que uma rua da cidade ostentasse o seu nome, ainda que nela todas as habitações fossem de simples alvenaria. Porque, no fundo, não se encontraria nisso um paradoxo: ele foi humilde e simples como certos edifícios que, embora encerrando tesouros, permanecem confundidos no casario comum.



Aqui, nesta modesta residência, à Rua Pompeu Loureiro, que ha de ter muito pouco concreto armado, faleceu, repentinamente, o homem que incentivou a construção de tantos arranha-céus.

Jockey Club Mundano



Na "pelouse" do Hipodromo da Gavea, durante a reunião de domingo, enquanto as graciosas afeccionadas do "turf" aplaudiam entusiasticamente os seus favoritos, ou faziam o "footing" despreocupadas, a reportagem fotografica da REVISTA DA SEMANA colheu os flagrantes que ilustram esta pagina.



"Um por todos, todos por um" é um lema que os soldados norte-americanos não esquecem. Dois soldados feridos em combate auxiliam-se mutuamente, procurando alcançar o hospital de campanha mais próximo. (Foto Inter-Americana).

O telegrama veio, como sempre acontecia, quando eu menos o esperava. As notícias nos vespertinos eram bem animadoras. O exército dos Estados Unidos havia tomado mais três cidades, a batalha da Tunísia seguia o seu curso favorável.

O mensageiro da companhia-telegráfica entregou-me o telegrama, apresentando desculpas, e saiu quase correndo como se estivesse com medo de me ver chorar.

Eu vivia sempre preocupada desde que Greg foi para ultramar. Sabia que o pior tinha acontecido.

Com dedos nervosos abri o telegrama. As palavras dansaram diante dos meus olhos e o alívio inundou meu coração em grandes e fortes ondas.

O Departamento da Guerra sente infor-

mar-vos que vosso marido ficou seriamente ferido em ação.

Ferido! Nem sequer pensei na gravidade do ferimento: o importante era saber que Greg estava vivo. Cumprira o seu dever e estava vivo! Poderia voltar para casa; a nossa casa encher-se-ia outra vez com a sua presença e nosso mundo estaria novamente completo.

A medida que os dias iam passando, meu alívio foi sendo obscurecido pela incerteza. Não tive outra palavra, além do telegrama. A Cruz Vermelha mostrava-se diligente quando eu procurava saber notícias, mas nada podia adiantar-me. Existiam muitos milhares de soldados na frente da Tunísia. Onde quer que estivesse, estaria bem tratado. Não havia senão esperar.

Finalmente veio uma carta de Greg. Tudo estava "O. K." garantia-me. Não ficasse preocupada. Os médicos e as enfermeiras eram excelentes. Tinha tomado tanto plasma que bem pouco lhe restava do seu próprio sangue. Sentia-se satisfeito por ter voltado. Estava no Halloran Hospital no porto de Nova-Yrk. Poderia eu ir vê-lo? Havia apenas uma corsa errada. A caligrafia era estranha, não me parecia de Greg. Greg não havia escrito aquela carta.

Tinha a impressão de que o trem ia muito devagar para Nova York. Olhava o campo tão meu conhecido e ouvia animadas e confiantes palestras de soldados que iam no mesmo compartimento. Há seis meses passados, na sua última folga, Greg iria muito bem na-

ELE

Por ELDA

(Da Interamericana, especial)

quele grupo. Agora era um veterano; já tinha a marca da guerra, e um pouco da sua alegria devia ter desaparecido. Entristecia-me pensar em tal coisa. Era um homem que se distinguia pelas qualidades. Seus gergilhadas eram sempre mais alegres que as dos outros, seus olhos mais brilhantes, seu coração infinitamente mais quente.

A última vez que tomei aquele trem para Nova York foi na nossa lua de mel — apenas há dois anos. Era primavera e as clematis estavam cheias de flores e maçãs.

— Que maravilha de pátria temos aqui — disse Greg.

Houve um momento de silêncio.

— Vê a pena lutar por ela, não vale?

Sim.

Sabia que partiria quando fosse chamado e desde então fiquei torturada pelo pensamento de que ele talvez fosse e não voltasse... ou de que regressasse seriamente ferido. Agora era o momento de enfrentar tal situação.

Não ia ser fácil.

Atravessei, correndo, a estação de Nova York. Tropecei num tapete. Pedi desculpas. Repentinamente gelou. As mangas de seu casaco estavam vazias do ombro para baixo. Eltavam-lhe os braços.

No ôibus, a caminho do hospital, fiquei ansiosa por ver Greg, e pensava horrorizada no que poderia aguardar-me. Sentia um alívio quando a luz do tráfego fechava o sinal, porque ainda não me sentia bem preparada.

Os prélios do hospital ficavam no topo da colina, eram modernos e espaçosos. Um carro da Cruz Vermelha levou-me ao hospital. O dia estava excepcionalmente quente e vi dezenas de rapazes andando de um lado para o outro, em pijama e roupas de casa.

— São doentes? perguntei.

— São, sim — respondeu a jovem que dirigia o carro — Estão convalescentes.

— Parecem muito bem tratados.

— Com certeza. Os nossos melhores médicos estão nas Forças Armadas.

— Temos que esperar um pouquinho aqui, pois vou levar uma das enfermeiras.

Não me importei. Ainda não estava preparada.

Paramos em frente do edifício dos "Raio X". Três ambulâncias estavam ao nosso lado; vi dois soldados trazendo um rapaz numa maca. A impressão quase me estrangulava.

O motorista da ambulância abriu a porta do fundo do seu carro.

FOI FERIDO NA GUERRA

GREGORY

para a REVISTA DA SEMANA)

— Ainda querem tirar mais outra fotografia? perguntou ao rapaz.

Seu tom parecia muito alegre e trivial. Mas, o rapaz riu.

— O Hollywood quer-me para seus filmes.

Tinha uma perna toda enrolada em ataduras e a outra parecia bem. Fosse qual fosse o ferimento, não havia perdido o espírito. O nêdo em mim cedeu um pouco. Era um hospital, mas ninguém andava nas pontas dos pés.

Senti-me bastante melhor. Agora não podia esperar para ver Greg.

Estava no edifício 25. Fui para lá. Debaixo de uma árvore um veterano metido numa pijama, fazia um picnic com uma mulher jovem e duas crianças. Tive a impressão que aquela já havia esquecido a Tunísia.

— Os doentes do Edifício 25 estão fora de perigo? perguntei.

Oh, sim. Estão todos muito bem.

O carro parou um pouco e eu sabia o que significava quando soldados dizem que estão sentindo "borboletas" no estômago. Meus joelhos tremiam enquanto ia subindo a escadaria.

Dentro do edifício não havia aquele insuportável odor de hospital. De um dos cantos vinha o som de um piano. Um funcionário da Cruz Vermelha dirigia um carrinho com cigarros e revistas. Olhei para uma das enfermarias e vi como as camas estava assediadas e em fila. Então Greg veio na minha direção, andando com as suas duas pernas, dando como se nada lhe houvesse acontecido. Vi que seu braço direito já não existia.

Por um segundo, meu coração parou e o choque foi atenuado ante a alegria de vê-lo outra vez e o braço esquerdo que me apertava parecia fortíssimo. Tio Sam para fazer o trabalho dos dois.

— Querido, está bem? sei que chorava como uma louca, mas era o alívio que abria as comportas das lágrimas.

— Está bem? perguntei de novo.

— Nunca me senti melhor... exceto...

Uma enfermeira tomou-lhe a palavra.

— Exceto pelo que lhe aconteceu na Tunísia, mas está forte como um touro! A Senhora nunca mais o alimentará com livro de racionamento, Mrs. Greg.

O que lhe aconteceu na Tunísia...

— E' terrível para a Senhora, prosseguiu a enfermeira. Ao Exército chega um homem magnificamente educado a ponto de poder auxiliar a esposa. Depois acontece isto. Mas algumas semanas, te-lo-emos enxugando pratos para não perder o hábito quando chegar em casa.

Rimos. Penso que jamais deixarei



Depois de receber os primeiros socorros na linha de frente o soldado ferido é submetido a uma transfusão de sangue no hospital de campanha. Em seguida partirá para os hospitais da retaguarda de onde, no caso de impossibilidade de continuar na luta, regressará ao lar. (Foto Inter-Americana).

de querer bem àquela enfermeira. Fomos para uma saleta no andar térreo e conversávamos à vontade. Suas canseiras o esperavam. Tinha que habituar a mão esquerda a fazer o que fazia a direita...

— Veja como posso escrever. Apanhou um lapis e papel e começou a escrever um provérbio que conhecíamos bem.

— Está melhor do que antes, não está, perguntou todo orgulhoso.

— Quasi...

— E posso dar o laço da minha gravata, calçar meus sapatos e abotoar meus botões... nunca terá de esperar por mim.

— Quero esperar por você — protestei, violentamente. — Quero levá-lo para casa a hoje e agora.

Balançou a cabeça. Seria melhor ficar no hospital.

O Exército dos Estados Unidos tinha os melhores médicos e enfermeiras e para os rapazes que se achavam no edifício 25 era tudo mais fácil enquanto estivessem no hospital. O seu médico assistente era um veterano. Sabia que muita gente o criticava por ter feito amputações, mas ele mesmo tinha uma perna artificial. Quando ensinava aos doentes a usar as suas pernas artificiais, o médico contava como ele mesmo se tinha acostumado. Pernas mecânicas eram como dentaduras postiças — era só acostumar.

— Esta manhã já segurei uma garrafa. Talvez depois possa usar um lapis. E' questão de tempo.

Estava com muita coragem... e paciência.

— Greg — perguntei eu — você se sente muito triste?

Encolheu os ombros. Não.

— Você iria outra vez para a guerra?

— Sim, iria. Sou mais feliz do que os que nunca mais voltarão.

— Você perdeu seu braço direito.

— Que importa!

Fui para casa mais contente do que estava antes. A cruel incerteza havia desaparecido e quaisquer que fossem os problemas, poderíamos enfrentá-los.

Partilhei com Greg do orgulho dele ter sido um bom soldado. A Deus devo a gratidão dele ainda estar vivo. Quanto ao percalço da Tunísia... o que é uma mulher senão um bom braço direito do seu marido?



DE SÃO PAULO

Em Campos do Jordão, a maravilhosa cidade paulista que se desenvolve numa altitude de mil e oitocentos metros, acaba de ser plantado mais um marco de desenvolvimento e de civilização: a 25 de Janeiro p. passado, foi inaugurado o "Hospital Ademar de Barros", cuja solenidade teve a presença do Sr. Dr. M. Moraes, Secretario da Agricultura do Estado, D. Borja do Amaral, Bispo de Lorena, Monsenhor Azevedo, Vigário Capitular de Pinda, Dr. Ademar de Barros e exma. senhora, Dr. Benjamim Ferreira e exma. senhora, Dr. Mota Bicudo, Diretor do Hospital, outras autoridades e pessoas gradas.

A obra se recomenda por todos os motivos como digna de Campos do Jordão que é ao mesmo tempo Sanatório e cidade de turismo.

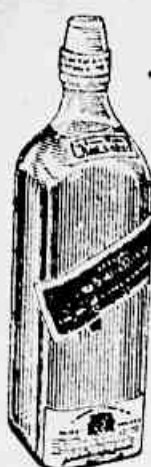


BIO-HEPAX
 PACIFICADOR DO FIGADO
 PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

WHISKY ESCOCÊS
 EXCELENTE

**JOHNNIE
 WALKER**

Nascido em 1820 —
 Ainda continua forte



Conto de
*ALPHONSE
D'AUDET*

Conserva a sua
idade em segredo

Noticiário Elegante

DESFILE DE MODELOS



Senhorita Dalva Fossati, ornamento de nossa sociedade, aluna distinta de curso superior e poetisa brilhante.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

29 — Sras.: Anita Gastão de Oliveira, Encida Lopes Pinheiro; Srs.: Cyrilo Brandão, Jorge Cesar Monteiro de Lima.

1 — Sra. Aida Lemos; Srs.: Dr. Artur Carvalho Azevedo, Dr. Alberto Reis, Enio de Mendonça Lima.

2 — Sra.: Judite da Rocha Freitas Rodrigues; Senhorinha: Lygia Santos; Srs.: Dr. Arnaldo Guinle, Manuel José Fernandes.

3 — Sras.: Heloisa de Figueiredo Cordovil, Rita Rodrigues Simplicio; Senhorinha Maria Madalena Barroso Barros; Sr. Mauricio Barros Barreto.

4 — Sra. Lucia Moura; Srs.: Luiz Felipe, Carlos Alberto d'Aragona; Abel

de Almeida, Dr. Tomé Reis, Dr. Eloy de Souza, Coronel Otavio Monteiro Aché, Luiz Blanco Hernandez, José de Silva Pereira, Dr. Antonio José da Silva Pereira, Dr. Antonio José Alves de Souza.

5 — Sra.: Anita Cunha Guimarães; Srs.: Dr. Gastão de Carvalho, Dr. Fernando de Azevedo Milneiz, Dr. José Antonio Flores da Cunha, Dr. Gustavo Lopes, Dr. Raul Penido, Oto Soares de Almeida.

6 — Sras. Iveta Ribeiro, Maria Bezerra da Silva, Dulce Pinto Dantas; Srs.: Dr. Porto d'Ave, Dr. Carlos Guinle, Desembargador Pires Sexto, Edmundo Siqueira, Professor José Marques de Azevedo, Capitão José Pereira Guimarães.



- 1 — Interessante costume de shantung, gola só na frente e dois laços no lugar dos botões.
 2 — Vestido de verão em algodão com la-badinhos plissados na gola, na manga e no petto do pano um corte, da frente da blusa.
 3 — Vestido em estilo chemisier, com tran-zidos nos ombros e saia; as pregas frontais são presas por fora.
 4 — Vestido de linho, com uma pala recortada na frente, terminando em bico pontuado e botões.
 5 — Vestido em linho azul, com pespontos de azul mais escuro, pala recortada e botões do mesmo tecido.
 6 — Vestido imitando casaco só na frente, o enfeite deste vestido são as tiras bordadas e aplicadas na gola e pala da blusa.

MESBLA

ARTIGOS DE VIAGEM

MALAS, VALISES
SACOS PARA ROUPA
ESTOJOS COMPLETOS

MALAS ESPECIAIS
PARA AVIAO

BOLSAS PARA PRAIA

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS



RUA DO PASSEIO, 48-54 — RIO
R. VISC. RIO BRANCO, 521 — NITERÓI



*Gloria Dickon
da "United"*

Para mudar o diapasão destas crônicas, vamos falar do que vai por trás dos bastidores desse teatro aberto e iluminado onde se exibem os últimos modelos. Pelos cronistas de modas sabemos aquilo que se usa e as ocasiões apropriadas a este ou àquele modelo, a cor, a forma, a fazenda; porém, quase nada se sabe sobre os problemas dos que fabricam a moda e sobre a matemática empregada para solucionar as questões; também desconhecemos quanto os círculos oficiais se interessam pelas questões da Moda e sua influência na economia do país.

O "Diário da Manhã", de Cuba, transcrevia há pouco esse telegrama da Reuter: "Londres — O presidente da Junta Comercial desta capital lançou nova ordem sobre a moda: "Vestir-se na moda este ano será vestir aquilo que já temos; comprar novos trajes é estar fora da moda. É necessário ser econômico para alcançar rapidamente a Vitória."

Uma escritora cubana, Ana Maria Barrero, escreveu: "Não podemos resistir ao Câmbio; de Oriente a Ocidente se realiza uma revisão de valores e só poderão ficar à tona os do espírito. Na vida material teremos de prescindir do que é supérfluo".

As mulheres da nobreza de Londres decidiram só usar meias de algodão para facilitar à classe média os meios da parcimônia necessária.

Os comentários dessa escritora se entrosam em qualquer lugar do orbe, onde latejam almas e corpos prontos ao holocausto da tragédia que envolve a humanidade, exigindo renúncias para a Vitória.

Nenhum cidadão pode exibir um luxo impróprio ao cenário de miséria e dor que a guerra armou no mundo inteiro.

A elegância sem preocupação de moda, e a beleza na simplicidade.

Nos hospitais de sangue onde chegam os homens jovens imolados ao deus da Guerra, as mulheres belas e boas que os recebem e os tratam é que nos podem dizer quanto é mais importante uma perna que uma meia.

A futilidade da mulher, até neste particular, ruiu; a moda, desde que rebentou a guerra, quase não se modificou; um vestido de 1939 ou 40, com alguns rápidos retoques, poderá ser usado como o último modelo de 44. Da moda masculina não poderemos dizer o mesmo porque existem inovações, e algumas aliás bem chocantes, como as cores vistosas e brilhantes das casemiras e tropicais, e o uso da "bata" e da gandola para qualquer ocasião. Será que o homem moderno está chamando a si prerrogativas femininas?

A mulher fina e inteligente, sem masculinizar-se, absolutamente feminina, tem-se emancipado da tirania da Moda, adquirindo uma personalidade que lhe vai criando um lugar de destaque no mundo.

Os problemas dos grandes costureiros Molyneux, Maguim, Bergdoff Goodman, é, hoje, criar uma moda dentro do sistema econômico ditado pela indústria. Tudo tem de ser simplificado; vestidos de poucos metros, chapéus de meia polegada, meias rendadas por serem mais duráveis.

De Hollywood, New-York, etc.

1 — JANET BLAIR apresenta um costume, onde se nota "economia" no comprimento. O casaco é bordado nos ombros descendo na frente. O decote é originalíssimo, com uma blusa de gola alta por baixo. Ela aparece assim em "Eterno Pretendente" (Columbia).
2 — MISS COLBY — Lindo vestido "tipo chinês", com a blusa em tom mais claro; uma ordem de argolas de cordão de seda prende a blusa que tem botões duplos de cima em baixo.
3 — ANN SAVAGE — tal como aparece em "Aventureira do Alaska". Um modelo pratico em xadrês, aberto na frente com uma gravata da mesma fazenda; manga $\frac{3}{4}$ (Columbia).



ALGUNS MODELOS DAS ESTRELAS DA COLUMBIA

— Com boa vontade, tudo se faz, e através desse gesto amável oferecemos às nossas leitoras algumas criações das mais belas mulheres do mundo as estrelas de Hollywood. Recentemente os grandes costureiros como Molynaux, Maguin, etc. bem pouco conseguiram modificar do traço feminino. Na racionamento de pano, Molynaux, em sua última remessa de modelos enviados de Londres, impôs a supressão do m por causa da escassez de metal, introduzindo a moda do botão para qualquer tipo de vestido. Constable renova a moda dos boleros. Berdoff introduz a saia curta para noite com a amplitude das saias para trazer formando as vezes lóque outras vezes franzidos ou godôs, mas tudo isso é feito dentro

das limitações pelas secções com a guerra. As mulheres tem protestado contra a estética, contra as saias curtas, não sentarem-se não conseguem, as magras ter graça na roupa, sugerem elas se criem as roupas de baixo. No caso, seria voltar a moda da vóvó, aliás os costureiros tem feito vestidos, chapéus e acessórios femininos. A moda também sofreu uma volta que tinha em Dalton, diretor de cinema que essa medida custou milhões de pés quadrados.

Observe como a moda vai sendo uma formiga horrenda vai



minando subterraneamente todos os alicerces desta confusa sociedade humana do século XX! A moda, a mais aparentemente inocente e banal das fragilidades, volúvel e sem-nexo, sofre pesadamente a influência da tragédia; cede seus direitos ao esforço de guerra, e paga seu tributo, sem perder seu encanto.

As estrelas de cinema, que ainda se conservam nos estúdios, procuram atingir as necessidades colaborando com os seus costureiros e figurinistas no afã de apresentar a mulher moderna a maneira de ser bela e elegante sem perturbar o ritmo natural da nova ordem criada pelas contingências.

Da terra do cinema elas enviam as mulheres de todas as latitudes os mais belos e os mais práticos modelos e para corresponder a essa gentileza estas, por sua vez, dão uma preferência marcante aos modelos apresentados por elas.

JANE MACKENZIE



4. LESLIE BROOKS acha que toda mulher "chic" deve vestir-se com elegância para o "cocktail", e apresenta um bonito modelo drapeado na saia com uma pala em crêpe rosa e bordados de vidrilho; mangas estreitas e longas.

Este é também um novo modelo para noite, conforme lançou Bergdorf (Columbia).

5. Muito "chic" e elegante este vestido; abotoa nos ombros; a saia tem pregas costuradas na frente; e botões do mesmo pano; duas fivelas forradas enfeitam o cinto. (Anita Colby, Columbia).

6. ANN MILLER — Em "O amor faz das sung"; blusa de seda azul-rei, estilo clássico, transpassa na frente; abotoada com um só botão dourado.

Saia do mesmo azul tom escuro; cinto de crocodilo com fivela e passadeiras douradas; luvas da cor da saia e do chapéu. (Columbia).

SAIAS E BLUSAS

A melhor *toilette* para a estação é sem dúvida a saia e blusa, por ser a mais pratica, dada a volubidade do tempo.

O costume de *faille* ou brim composto de tres peças: saia, blusa e casaco, resolve, em parte, o impasse do tempo, pois si o dia está fresco usa-se o costume completo, mas si de repente o calor se torna incomodo o casaco póde ser tirado, e uma blusa léve e fresca resolve a situação.

As blusas em estilo *chemisier* em seda são proprias tambem para os dias menos quentes.



1 Três saias de linho ou brim.

2 Gola alta fechada com o laço, pregas presas por um colar de flores aplicadas, da fazenda.

3 Blusa "chemisier" em "lingerie" de seda ou tricoline, com botões de fantasia; bolso embutido.

4 Blusa de mangas com punho, e "jabot" sob uma gola-colarinho.



UM ROUBO IMPOSSIVEL

(Continuação da página 20).

A porta da frente devia estar aberta. Pediu-lhe que subisse logo, porque uma coisa terrível acontecera. Não respondeu nada. Subiu. Examinou Seton. Era uma ferida na base do crânio e o estado do ferido não permitia remoção. Resolemos carregá-lo para a cama lá mesmo. Enquanto o fazíamos, começamos a cair objetos do bolso. Mas faltava a chave do cofre. Tinha sido arrancada da corrente que a prendia. O resto os senhores sabem. Roubaram não só o dinheiro como dois valiosíssimos "in folios". Aparentemente tudo era muito simples. Fô-a obra de um ladrão que encostara a escada na janela, saltara, atacara Seton e fugira antes que chegássemos. Mas TODAS AS JANELAS DO GABINETE ESTAVAM FECHADAS POR DENTRO.

Fell perguntou: "Está certa disso?"
Estou. Pausa. "Eles pensam que Harold e eu roubamos tudo."
Dr. Fell encarou-a: "Menina, eles podem pensar muita coisa mas não que

Estava de costas para as janelas que ele próprio afirma ter fechado, às cinco para as onze, mais ou menos. Parece, portanto, que a senhorita está falando a verdade e os passos, que ele ouviu, antes de ser golpeado, não poderiam ser seus porque, ao mesmo tempo, ele ouvia a senhorita conversando com Mills do outro lado da porta. Francamente, não sei como posso prender quem quer que seja. As janelas estavam fechadas, a porta vigiada. Não havia ninguém escendendo no quarto. Entretanto, alguém, segundo o testemunho da própria vítima, entrou e deu várias pancadas na cabeça dele. Parece até milagre. E, se não acredita, venha ver Seton."

O quarto de Seton era luxuosamente mobiliado no estilo pesado e escuro do segundo Império Francês. Estava deitado, com a cabeça coberta de ataduras.

PARATODOS



Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁTICO COM UMA CUTIS MACIA E SAUDÁVEL! SEJA UMA "LEMBRANÇA INESQUECÍVEL" NO SEU AMBIENTE, CORRIGINDO OS DEFEITOS DA SUA CUTIS COM O

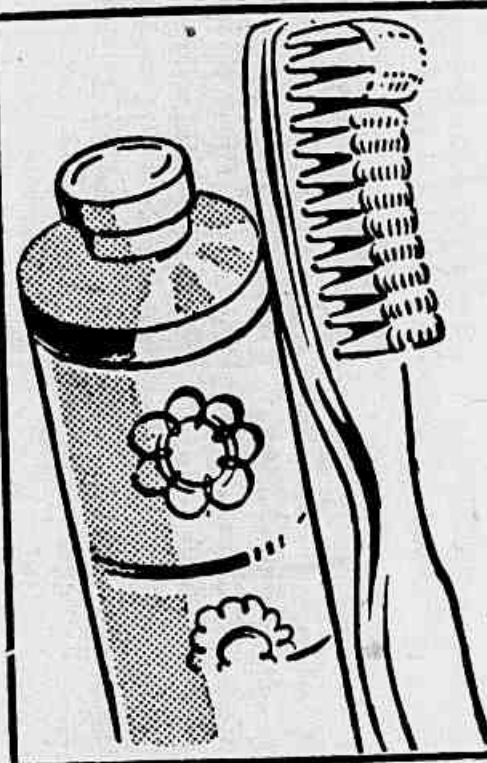


OLEO de VIOLETAS

de Mme. GRAÇA

DISTRIBUIDORA: ESPANA PARAMES & IRMAO RUA DA ALFANDEGA 184

TÔNICO PODEROSO, QUE DÁ À PELE AS VITAMINAS NECESSÁRIAS À SUA BELEZA.
CATALOGO GRATIS PELO CORREIO



Isto limpa os dentes, mas não elimina o
MAU HÁLITO

Para assepsia completa da boca, use Odorans — o dentífrico medicinal, que penetra em todos os interstícios dos dentes não atingidos pela escova, impedindo a fermentação de partículas alimentares — principal causa do mau hálito. O poder germicida de Odorans evita a piorria, gengivites, etc. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

o seja doida varrida. Admitamos que você seja a ladra, admitamos que tenha colocado a escada encostada na janela, é lógico que você e seu suposto cúmplice insistam e jurem que as janelas estavam fechadas, atraindo todas as suspeitas?

Hadley falou, por fim: "Vou ser franco, Srta. Iris. Antes da senhorita chegar eu estava contando ao Dr. Fell que Seton voltou a si e confirmou o seu depoimento. Além do mais ele conta que estava no gabinete, sentado de frente para a porta, que, de lá, ouvia a senhorita conversando com Harold Mills.

Woodhall, de pé, junto à cama, já avisara que o tempo estava quase exgotado. Seton precisava descansar.

Hadley fez novas tentativas: "O que eu quero saber, Sr. Seton, é isto: quando foi que o senhor fechou aquelas janelas?"

"Já lhe disse. Uns dez minutos antes de ser atacado."

"Outra coisa: Por que as fechou?"

"Por que notara que havia uma escada apoiada na janela."

"Não tentou descobrir quem a colocara ali?"

"Não."

"Mas o simples fato da presença dela ali o preocupou, não é verdade?"

"O sr. pensa que eu estava com medo? Medo? Eu não tenho medo de nada. Não tenho nervos. Sou calmo. Muito calmo." Apelou para Woodhall, e este respondeu com evasivas: "O sr. é excepcionalmente forte".

Mas Seton percebera que ele fugia à pergunta. Seus olhos injetados se dilataram de raiva. Foram de Woodhall a Mills, e voltaram a fixar-se no Superintendente.

"Vamos! Mais alguma coisa? Diga logo, que eu quero repousar."

"Uma ultima pergunta. O Sr. está seguro de que não havia ninguém escondido naquele quarto em que guardava chapéus e capas?"

O outro disse que não.

Woodhall exasperou-se: "Nesse caso, é só. Ninguém escondido nem antes nem depois do assalto. Não acredito em fantasmas. A coisa é impossível. Desculpe a pergunta, Sr. Seton.

(Continúa na pág. 42).

SABONETE



Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!
MELHOR PELO PRÊÇO E PELA
EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL



MODELOS DA SEMANA

Arnold Constable apresentou seu desfile de modelos no Waldorf-Astoria, dando preferencia aos boleros que, afirma ele, vão muito bem a qualquer tipo. A mulher nestes ultimos anos tem adotado com franca predileção o costume, mas é preciso economizar, dizem os coordenadores da industria, e daí a necessidade de transformar o casaco em bolero.

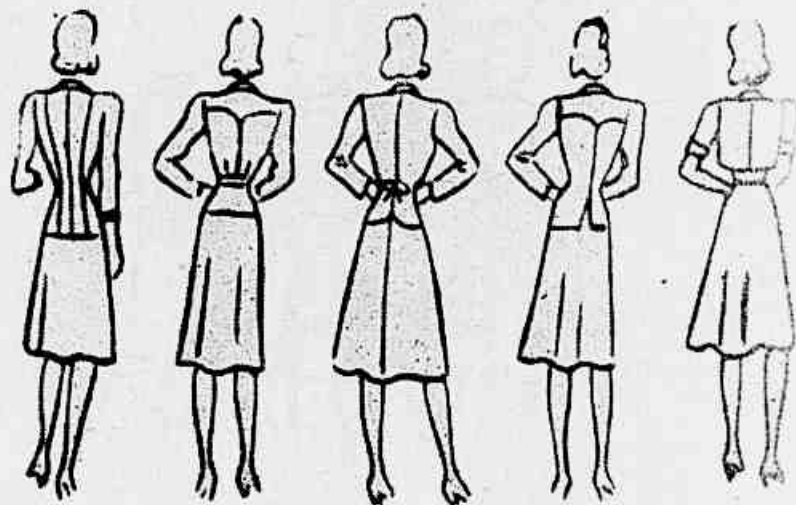
1 — Temos aqui um interessante modelo de bolero combinado com fazenda quadriculada e botões de fantasia.

2 — Costume em seda branca com motivo de folhas do mesmo tecido como enfeite.

3 — Bonito costume, bolsos em feitiço de bolsa, aplicados; tiras fingindo correias com fivelas dão-lhe uma nota original.

4 — Gracioso casaco recortado na frente e com laços nos lados.

5 — Alegre casaco de "pois" recorte liso dos lados do casaco, que franze na frente seguro pelo laço; bonito jabot de renda em forma de gravata.





6—Vestido em seda lisa com mangas, pala e enfeites de shantung estampado; bolsos aplicados com monograma da fazenda estampada.

7—Linho branco em corte reto, enfeites de tiras pespontadas e abotoadas com botões da mesma fazenda.

8—Vestido de cretone estampado; gola e enfeites de "pasa maneria" de piquê branco.

9—Vestido de seda lisa com incrustações de seda de cor viva; cinto largo e franzido na frente; puno godel.

10—Vestido de cretone estampado, com quatro bolsos pespontados e colocados em sentido vertical, abotoados.

11—Vestido em crêpe lavável, bolso de corte original, e enfeitado com um babadinho de bordado inglês.

12, 13 e 14—Três costumes juvenis em linho, brim, ou shantung, e um bolero com bordado aplicado da fazenda do vestido e cinto igual. O vestido é de linho. Este vestido é interessante para uma reforma.

PRACA SAENZ PEÑA, A CINELÂNDIA DA TIJUCA

Por um justificável equívoco, na reportagem publicada sob o título acima, em nosso número de 5 do corrente, citámos como um dos grandes melhoramentos levados a efeito na Praça Saenz Peña, a instalação da Sucursal das Casas Granado, declarando então que a firma proprietária do referido estabelecimento era Granado & Cia., quando o seu nome verdadeiro é, em verdade, CASAS GRANADO, LABORATÓRIOS, FARMÁCIAS E DROGARIAS LTDA.

Apressamo-nos pois em registrar esta retificação que se faz forçosa, deixando patente que o grande empório farmacêutico da maior praça da Tijuca é integrante da vasta cadeia de estabelecimentos congêneres que as CASAS GRANADO, LABORATÓRIOS, FARMÁCIAS E DROGARIAS LTDA. espalharam por todos os recantos do Rio de Janeiro.

Um roubo impossível

(Continuação na pág. 39)

mas o senhor está seguro de que foi mesmo atacado?"

"Eu também tenho alguma coisa a dizer," interrompeu uma voz que queria ser humilde, mas trovejava.

Dr. Fell, cuja presença chamaria pouco menos atenção do que um balão cativo dentro do quarto, não tinha tirado seu horrível chapéu um atentado às leis da polidez — de que era tão cioso — que, em ocasião comum, de maneira alguma teria cometido. Seu aspecto era o de um elefante imitan-

do um bebê. Iris tinha até esquecido dele. Entrou, arrastando seu peso com ajuda de uma bengala. Trazia na mão um objeto embrulhado num jornal.

"Meu caro senhor", disse com voz respeitosa, "eu ficaria muito penalizada se a falta de tato do nosso amigo Haddley o fizesse perder as estribeiras. Apres-so-me, portanto, a afirmar que o senhor tem toda a razão. Foi atacado — e exatamente como contou — por uma pessoa presente aqui nesse quarto.

"Foi uma grande coisa a polícia ter trancado o quarto, deixando-o como o encontrou."

Silêncio completo de expectativa.

(Continua na pag. 43)



Ouçá elogios
como esses,
dizendo adeus à

"Cutis Lustrosa"

Chama-se "Cutis Lustrosa" esse brilho que enfeia a pele. Evitá-la está no PÓ DE ARROZ ROYAL BRIAR. Ele crêa aquela fôscia tonalidade que seduz, graças à sua tênue textura. Além disso, suaviza e prolonga a fixação.



Complete a "maquillage" com ROUGE ROYAL BRIAR, de cores vivazes, que se harmonizam melhor com as tonalidades da cutis.

PÓ de ARROZ
Royal Briar
ATKINSONS



NÃO COMETA ESSE ÊRRO

Dra. SILVIA ROGER

Minha amiga H. O.

Transcrevo, na íntegra, a sua carta que revela uma alma inquieta, forçada de um nevoento país de sonho e lirismo e refugiada nesta labrusca paragem, na qual somos todos condenados a viver, com os olhos voltados para a mirífica visão da Felicidade perfeita. Miragem!

Eis a sua carta que se me afigura porta-voz de centenas de criaturas que esperam na fila da Vida, a vez de tirar a sorte.

"A sua frase — 'Lembre-se, querida, que o inverno é nevoento e triste, sobretudo quando irrefletidamente, destruimos tudo quanto poderia ser, segurança, consolo, compreensão...' Deixou-me uma nota tão triste na alma como se eu já sentisse mesmo esse inverno, com suas árvores despojadas de folhas e frutos, com seus ventos cortantes atravessando o coração... inverno, neve, gelo, chuva, crepúsculo, solidão... Minha querida amiga: E quando não contribuímos para que nos falte essa segurança, o doce consolo de que fala, quando não damos um passo para perder o companheiro de nossos dias e no entanto o inverno chega mesmo vazio, horrível, cheio de nostalgias. Sempre foi complexo o problema da união; às vezes chego a pensar que Deus se diverte no contraste e no choque da humanidade. E' tão difícil a harmonia completa.



E o inverno da vida chega nevoento e frio, quando ela não pôde recordar com emoção as alegrias do noivado e a compensação da maternidade. (EUGENIE LEONTOVICH — COLUMBIA)

Você repare que, quando se vê um casal de velhinhos unidos, raramente é essa união o epílogo de um romance perfeito. Quasi sempre o velho, tem para recordar episódios galantes; a velhinha guarda as emoções do noivado, da maternidade e com amargura todos os erros causados pelas infidelidades do marido e despesa a vida. Talvez ambos não temam a morte melhor que a solidão que os cerca no meio dos netos e bisnetos. Raríssimas casais de velhos sintetizam uma aliança feliz baseada na tolerância de parte a parte. Para que perdure a afeição é preciso que não seja destruída a admiração e que fique o respeito.

Por que só a mulher se aconselha tolerância? Por que só ela deve sopitar sentimentos de egoísmo amoroso? Por que as falhas do casamento?

Não se desenvolve a estética cultivando os dotes artísticos? Não se cultiva a inteligência penetrando nas ciências e letras? Porque então, no período do noivado, não se estudam os caracteres e sentimentos mútuos?

Por que nesse período se escondem os defeitos? Porque apenas os sentidos físicos não acha você?

Vem daí a separação inevitável e depois: — "O inverno nevoento e triste..." Sem ao menos as doces recordações, das macieiras em flôr da primavera da vida.

Não é isso mesmo minha amiga? E' uma infelicidade nascer com a alma predisposta ao sonho e com uma sensibilidade aguda, porque a vida é um campo de árida vastidão, e raras as árvores que podem dar sombra.

Gostaria que me respondesse; acho um doce consólio ouvir outra alma falar à minha. Sinceramente sua.

H. O.

No próximo número responderei a esta sua carta, minha amiga, e neste nosso encontro será sempre bem vinda, depois, o anonimato é uma espécie de grade de coexistência; dá mais coragem à confidência; também uma troca de opiniões, traz sempre algum esclarecimento a alguma pergunta renitente de nossa consciência ou do nosso espírito. Receba, pois, toda a minha simpatia.

MODELOS PARA CRIANÇAS



- 1 — Vestido de lã ou linho escuro, sem pregueira; as tiras do blusa em azul ou vermelho.
2 — Vestido de linho ou fustão vermelho, com gola de fustão branco.
3 — Vestido de lã ou linho verde escuro com vizes branco.

MODELO 1944!

Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL

DURMA
MELHOR...

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009

RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

UM ROUBO IMPOSSIVEL

(Continuação da pag. 42)

Dr. Fell desembrolhou o objeto que trazia. Era um sifão de soda! Colocou-o sobre a mesa. Todos observavam seus movimentos com curiosidade.

Nova pausa. Dr. Fell tinha uma desculpável queda pelos efeitos teatrais.

Olhou para o objeto que colocara sobre a mesa e disse: "Aí está a solução do mistério."

Nova pausa.

"Hadley você devia ter chamado a minha atenção para o sifão. Há dez dias que nós quebramos a cabeça com problema tão simples, só por causa do sifão. Foi preciso que a senhorita Iris falasse nele..."

"Mas eu lhe falei no sifão; várias vezes", protestou Hadley.

"Não, você falou num sifão, logo um sifão comum. Você não falou nessa qualidade especialíssima de sifão."

"Mas que diabo tem isso a ver com portas trancadas e janelas fechadas?"

"O sifão comum é só de vidro. Não tem essa capa de metal ou essa cápsula niquelada em cima. Este sifão é daqueles que a pessoa pode encher com água potável e fazer soda com essas cápsulas de ar comprimido. Compreendeu, por fim. A polícia examinaria de qualquer maneira o que sobrasse num copo de whiskey, mas nunca se daria ao trabalho de abrir um sifão porque o sifão comum não pode ser violado. Entretanto este foi violado!"

Dr. Fell mostrou os dentes num sorriso, apanhou um copo e derramou um pouco da soda do sifão. Molhou nela o dedo, que levou à língua. Cuspiu logo.

Por fim, falou: "HAROLD MILLS, EM NOME DA LEI, CONSIDERE-SE PRESO POR LATROCÍNIO!"

Dr. Fell ainda estava cheio de satisfação ao sentar-se na sua biblioteca, em Chelsea.

"Ainda não compreenderam?"

"Sim," respondeu Dr. Woodhall.

"Não," exclamou Iris.

A ignorância da moça agradou ao velho, que se dispôs a explicar.

"Há uma droga muito conhecida que se chama Mickey Finn e proporciona àquele que a ingere a sensação de que levou uma pancada na cabeça: subita dor na base do crânio, um zumbido nos ouvidos e a pessoa desmaia quase que imediatamente."

"Mills teve muitas oportunidades de encher a cápsula do sifão com a droga. Ele sabia, como todos nós sabemos, a hora exata em que Seton beberia seu whiskey. Roubou o que queria do cofre cuja combinação conhecia. A chave estivera em suas mãos durante o dia. Finalmente, colocou uma escada do lado de fora da janela do gabinete para fazer com que parecesse obra de um ladrão. Feito isto, aguardou as onze horas."

"Depois de beber seu whiskey, Seton gritou e caiu, derrubando vários objetos. A droga produz afluência su-

bita de sangue à cabeça e, sendo Seton cardíaco, houve sangria."

Fell ficou muito sério para tirar o máximo efeito possível das suas próximas palavras. Encarou Iris.

"Mills fingiu que a porta estava emperrada para dar tempo ao ladrão imaginário de fugir. Depois entrou com a senhorita. Quando virou o corpo de Seton, tirou o cabo de vassoura cheio de chumbo do bolso e jogou-o debaixo do corpo."

"Depois, deve estar lembrada, ele apalpou a cabeça de Seton e fingiu encontrar uma fratura. Mandou a senhorita telefonar para o médico. Ficou, portanto, vários minutos a sós no estúdio. Iris estremeceu ao lembrar-se de tudo."

"E, enquanto a srta. foi procurar o médico, ele deu vários golpes na cabeça de Seton, desmaiado, para completar seu plano."

"Tirou a chave da corrente de Seton e, para evitar suspeitas, limpou o copo e deixou no fundo dele algumas gotas de whiskey puro. Não teve tempo de esvasiar o sifão antes da senhorita e do dr. Woodhall chegarem."

Usou um lenço para não deixar impressões digitais.

"A sorte foi contra ele. Deixara as janelas abertas para fazer crer que se tratava de um roubo comum, mas Seton fechou-as e ele só notou isso quan-

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos

A VENDA EM TODA A PARTE

do era tarde demais. Resolveu então confirmar sua história, afastando assim as suspeitas. A polícia trancou o gabinete e ele não pôde mais apanhar o sifão."

"Uma coisa o favoreceu. Seton nunca ouviu passos atrás de si, mas, sendo muito nervoso, imaginou que estava ouvindo. Tudo isso por causa da escada que descobrira. Um ano na Califórnia só pode lhe fazer bem mesmo."

Iris perguntou: "Eu — eu não queria falar nisso, mas..."

"Refere-se ao pedido de casamento de Mills?"

"E..."

"Minha querida menina, começou Dr. Fell, em tom de galanteio (imaginem um hipopótamo fazendo reverência à moda antiga). "Minha querida menina, essa proposta absurda de Mills, pois ele não era digno de casar-se com a srta., não deixa, por isso, de provar que ele tinha muito bom gosto. Além do mais, ocorreu-lhe, sem dúvida, que, segundo as leis inglesas, a esposa não pode prestar testemunho contra o marido. Mas diga-me uma coisa: sente compaixão por Mills?"

A resposta ficou para depois, porque naquele instante ela estava muito ocupada, trocando olhares com Woodhall.

Fell contemplava o idílio, enternecido. Suspirou. Como é um suspiro de Fells? Bem, imaginem uma nota bem grave sustentada num contrabaixo!



Ponha os dedos juntos no centro da testa e vá seguindo a direção das flexas, figura 2. De dentro para fora. Ao redor das pálpebras partindo do canto dos olhos junto ao nariz, vá até o meio da testa por cima das sobrancelhas, figura 3.

NÃO É DIFÍCIL SÊR BELA



Em cima: Agora é a vez da máscara, como já foi explicado nas primeiras figuras. Em baixo: E' assim que se começa aplicando o creme de limpeza. Tenha o cuidado de isolar o rosto dos cabelos, com uma faixa, posta bem justa.



De base do nariz para as fontes; até o meio do queixo, descendo das fontes pelos lados do rosto, fig. 4. Com os polegares vá fazendo um movimento como se abrisse rugas verticais da testa, fig. 5. Depois limpe o creme observando ainda os mesmos movimentos de massagem.

MASCARAS E LIMPEZA DA PELE

O ilustre professor Thune afirma que é erro supor que só nos Institutos de Beleza é possível obter a limpeza de pele com a aplicação de máscaras de beleza, tratamento que costuma custar caro, não estando, portanto, ao alcance de todas as bolsas. A máscara de beleza, diz ainda o mesmo doutor Thune, é um motivo supremo de rejuvenescimento, que nenhuma mulher pôde dispensar. A seguir o benemerito mestre da beleza feminina passa a ensinar às gentis leitoras a maneira prática e eficiente de um tratamento de beleza feito em casa sem grandes gastos.

— Em que consiste a máscara de beleza?

É apenas uma *cataplasma* suave e tónica que se aplica sobre o rosto durante 30 a 40 minutos. Durante este espaço de tempo o rosto deve conservar-se sereno, nada de caretas ou riso.

A epiderme absorve os produtos favoráveis que contém a máscara e fica descansada e fresca. Certas máscaras muito aglutinantes fazem uma verdadeira "desoxidação" da pele. Todo o pó e impureza contidos na película córnea da epiderme são incorporados nos folículos do derma são absorvidos pela substância elástica da máscara e assim eliminados por ela.

É tão prodigioso o fomento embelezador humido, mantido durante certo tempo sobre a pele, que se uma máscara não tiver mais do que óleo de amêndoas doce e água de rosas teria o suficiente para restaurar uma epiderme cansada, e dar bom aspecto e frescura ao rosto.

Poucos rostos femininos podem ficar em completa calma e não é possível haver pureza nos traços e na pele se os músculos não estiverem afrouxados e calmos. As máscaras de beleza obrigam o rosto a ficar sereno durante uma meia hora que lhe é de incalculável benefício. Uma boa máscara de beleza é também fazer uma mistura de lanolina, algumas gotas de limão e uma clara de ovo; passa-se no rosto e deixa-se secar, tendo o cuidado especial de conservar-se séria e serena para não repuxar.

Sumo de maçã, limão e a clara, eis outra boa fórmula. Como vemos tudo é mais simples do que parece. A clara de ovo serve como base para a elasticidade plástica.

Limpeza de pele. — Também não é coisa muito difícil fazer uma boa limpeza de pele por suas próprias mãos. Comece por passar sobre o rosto um creme de massagem, fazendo a massagem com a ponta dos dedos, conforme ensinamos nas *Figuras de 1 a 9*. Dez minutos de massagem; limpe com um algodão embebido no tónico, e aplique então a máscara de beleza deixando-a ficar o tempo necessário. Lave o rosto com algodão até remover toda a máscara, empregue para isso água pura.

Depois do tratamento, pôde aplicar uma loção adstringente, mas se não tiver deixe a pele descansar uns 15 minutos sem *maquillage*. Um bom tónico adstringente pôde ser água de rosas com algumas gotas de essência de benjoin.

Este eficaz tratamento de beleza, pouco dispendioso, pôde, como vemos, ser feito pessoalmente, com um pouco de atenção e cuidado.

Desde tempos imemoriais as mulheres bonitas e faceiras usaram máscaras de beleza à base de matérias vegetais, animais ou minerais, em harmonia de composições químicas com a pele humana; hoje tais matérias são ainda as aproveitadas pelos alquimistas modernos da beleza feminina.

Um conselho queremos dar às nossas queridas leitoras antes de terminar: *é que observem com o máximo cuidado os movimentos da massagem facial*, pois se ela for feita atrabiliariamente, para trás e para a frente, esfregando ou amassando o rosto, pode prejudicar muito a beleza concorrendo para criar rugas ou amolecer os músculos. Todo labor, por fácil que seja, precisa de ser feito com cuidado e paciência, sobretudo observar-lhe a técnica indispensável. Está por tanto em suas mãos ostentar um dos atributos maiores da beleza da mulher: um belo e fresco e esbelta cutis.



E depois de tudo temos o rosto formoso e fresco, descansado e com epiderme de setim e rosas.



Agora vemos já a máscara cobrindo o rosto, depois de removido o creme. Depois um pedaço de algodão molhado para remover a máscara.

Verão



1. Duas peças bastante juvenis, feitas em quadriculado e branco.
2. Vestido de praia de linho com o viés de côr, monograma nas alças.
3. Banho de sol; em listas de côres vivas.

4. Vestido de praia estampado, abotoado na frente; bolsos golets.

5. Linho branco com viéses de cordonet e pespontos.

Ao despertar...

TOME 'SALDEFRACTA'
ENO

que lhe dará bem estar todo o dia e saúde toda vida!



Vendido em
3 tamanhos
GIGANTE
GRANDE
PEQUENO

**Que Dôres
De Cabeça!**

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a testa com Mentholatum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM

"Lingerie" elegante



BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

NAÇÃO ARMADA

Recebemos o numero de Fevereiro de Nação Armada, revista civil e militar dedicada à Segurança Nacional. É o numero 51 do 5.º ano e traz, como sempre, materia subscrita por civis e militares a proposito de assuntos tecnicos, uns e outros de interesse geral.

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observa como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e as asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimento-o.

BRINDE

Recebemos de T. Janer & Cia., firma importadora de papel, com sede nesta praça, interessante folhinha para o ano de 1944.

Agradecemos a gentileza da mencionada firma.

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

A *Lingerie* elegante é absolutamente indispensável ao enxoval da mulher fina. As belas camisolas e as escolhe com o mesmo cuidado com que escolhe os seus vestidos. As combinações também lhe merecem cuidados, como os robes elegantes.

A classica renda *racine* desapareceu do mercado; com a queda da França por isso as roupas de interior apresentam hoje, uma grande variedade de motivos de enfeite, desde a *Valenciennes* e outras imitações, até o *georgette* e a gaze bordada; as applicações em seda estampada também estão sendo usadas com exito na confecção das peças de *lingerie* fina.

Pregas, fransidos, applicados, e rendas temos nesta pagina em belos jogos para a nossa elegante leitora.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

TRABALHOS MANUAIS

Roupinha de tricot de lã

Para uma criança de 3 a 3 anos e meio, são necessárias 200 grs. de lã de grossura média no tom vermelho e 50 grs. de lã branca, dois jogos de duas agulhas longas n. 2 e n. 3, 1 agulha de *crochet* n. 2. Oito botões de madrepérola branca, dos quais seis de 1 centímetro de diâmetro e os outros dois menores.

Pontos empregados: — Ponto de gaita simples, alternando sempre 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. Listas de fantasia, tricotar pelo direito alternando sempre 3 malhas pelo direito, duas vezes 2 malhas cruzadas, quer dizer tricotar pelo direito a 2.ª malha passando por cima da primeira, depois tricotar também pelo direito a primeira malha. Examinar o molde do ponto.

Um quadrado de cinco centímetros no ponto de listas, tricotado com as agulhas n. 3 apresenta 17 malhas de largura e 23 carreiras de altura. Tricotar seguindo o molde.

Execução — Frente: — Começa-se pela parte de baixo das pernas em duas peças. — Para a primeira pôr na agulha de n. 2 com a lã vermelha 55 malhas e tricotar dois centímetros e meio no ponto de gaita simples. Depois juntar uma carreira pelo avesso tricotando 2 malhas em cada 2 malhas (largura 82 malhas). Continuar a trabalhar mas com as agulhas n. 3 no ponto de listas, fazer 23 carreiras (5 centímetros) diminuindo de um 1 do de 1 malha na 5.ª e na 10.ª carreiras. O outro pedaço é trabalhado em sentido inverso. Em seguida reunir as malhas das duas peças numa só agulha, as orelhas rétas

3 — 24 malhas com a lã vermelha (7 centímetros) e tricotar 6 centímetros e meio no ponto de listas e um centímetro e meio com a lã branca.

Gola: — Começar pela parte de cima pondo na agulha n. 2 — 66 malhas com a lã branca. Tricotar 1 centímetro no ponto de gaita simples, depois continuar com as agulhas n. 3 no ponto de listas.

Cinto: — Pôr na agulha n. 3 — 270 malhas com a lã branca e tricotar 2 centímetros no ponto de listas. Para o lacinho, pôr na agulha com a lã branca as malhas necessárias para 1 centímetro e tricotar 2 centímetros no ponto de listas.

Fazer uma carreira de pontos simples com a agulha de *crochet* com a lã branca nas beiradas da pala, voltar do cinto e rodeando a parte superior da gola. Rodear também os bolsos com uma carreira de pontos simples, mas no mesmo tom da lã. Reunir a frente e a parte de trás da peça deixando na parte de cima uma costura uma fenda de 11 centímetros. Colocando o quadrado entre as partes, examinar o sinal que mostra o ponto de ser pregado, marcado no molde. Executando as costuras laterais, o cinto, a parte de trás deve passar de 3 centí-



Tricot com algodão. Lindo casaco de tricot ou crochet

Damos de preferência peças para os *babies*, porque durante o ano inteiro, estão eles precisando de roupa agasalhante. Com o período de férias, nas serras ou fazendas, a roupa de *tricot* de lã ou algodão é sempre indispensável. Além o próprio *tricot* ou *crochet* de linha de algodão mercerizada agasalha bem nos dias mais temperados, e é sempre de bonito efeito e prática. Na América durante o período da primavera, no norte, as roupas tecidas em algodão, são preferidas, as *camperas* são usadas em todas as idades por homens e mulheres. Entre nós quando se fala em *tricot* é sempre de lã, o que lhe dá uma utilidade restrita, si bem que o nosso verão anda bastante incerto e tenha favorecido o uso da lã.

Está também em voga o uso do linho combinado com *tricot* de lã ou algodão.

Casacos com frente ou costa em *tricot* e o resto em linho ou brim de seda.

T A L H E 4 2

Material — Mil cento e quarenta grammas de lã cinza-prateada, de dois fios. Agulhas n. 2½. Oitenta centímetros de cintura.

Pontos empregados — 1.ª fileira, 2 direito, 2 avesso, segue do mesmo modo na carreira seguinte. 3.ª carreira 2 avesso 2 direito fazer o mesmo na carreira seguinte. Estas quatro carreiras se repetem constantemente.

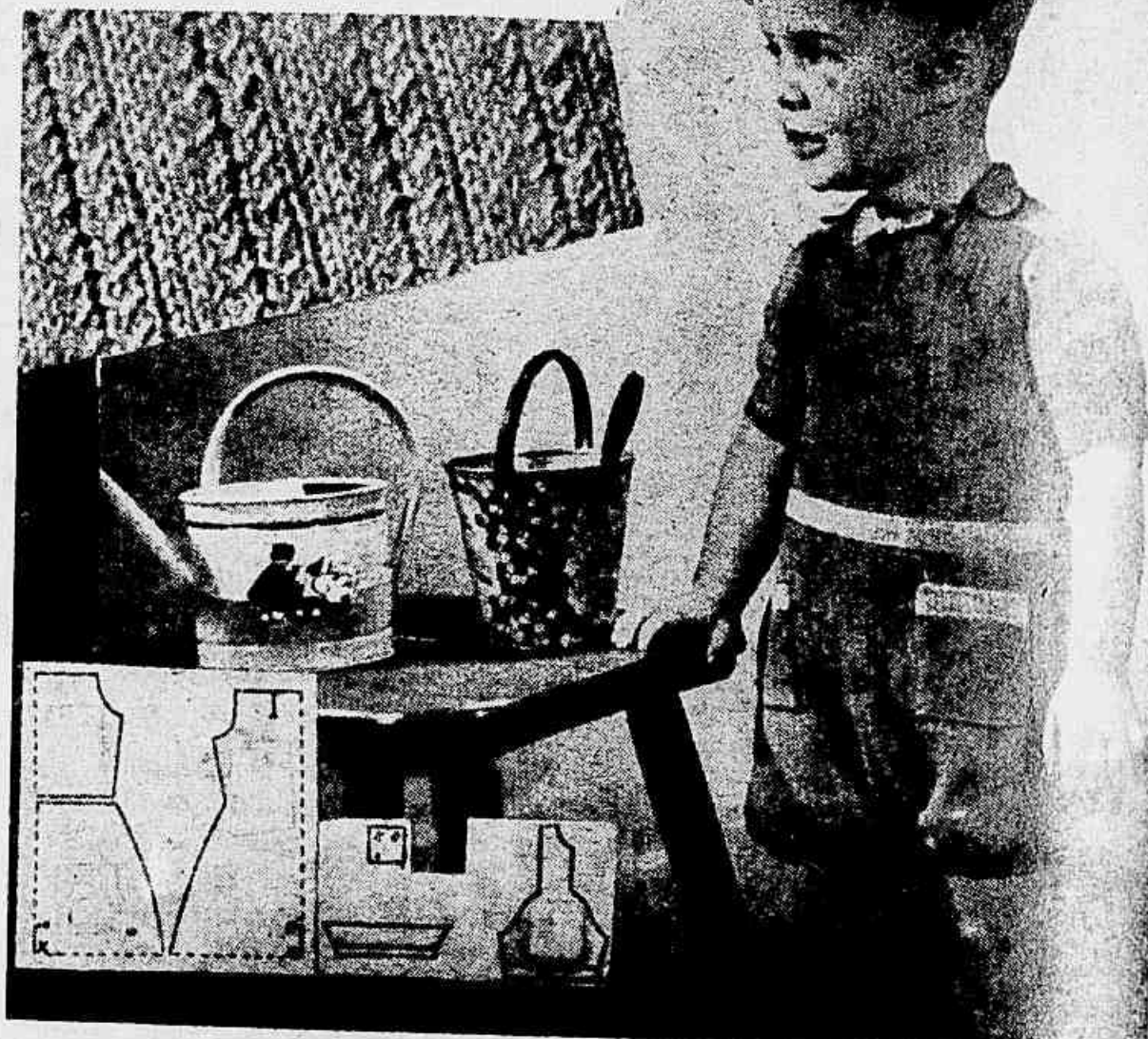
Ponto de arroz — 1 direito, 1 avesso, em cada carreira muda fazendo o contrário, 1 avesso, 1 direito, etc...

Costas do casaco — Sobre 115 pontos se tecem 72 carreiras, tomando 2 pontos juntos de cada lado, em cada 8 carreiras. Dos 96 que ficam, se deixam os 44 do centro à espera. Separadamente se toma cada lado fechando em direção ao centro atrás carreira por meio tres vezes 8 pontos.

Frente lado direito — Sobre 10 pontos se tecem 44 fileiras, aumentando à direita em 4 vezes diferentes e carreiras, por meio, 10 pontos cada vez, 6 x 3 e 6 x 2.

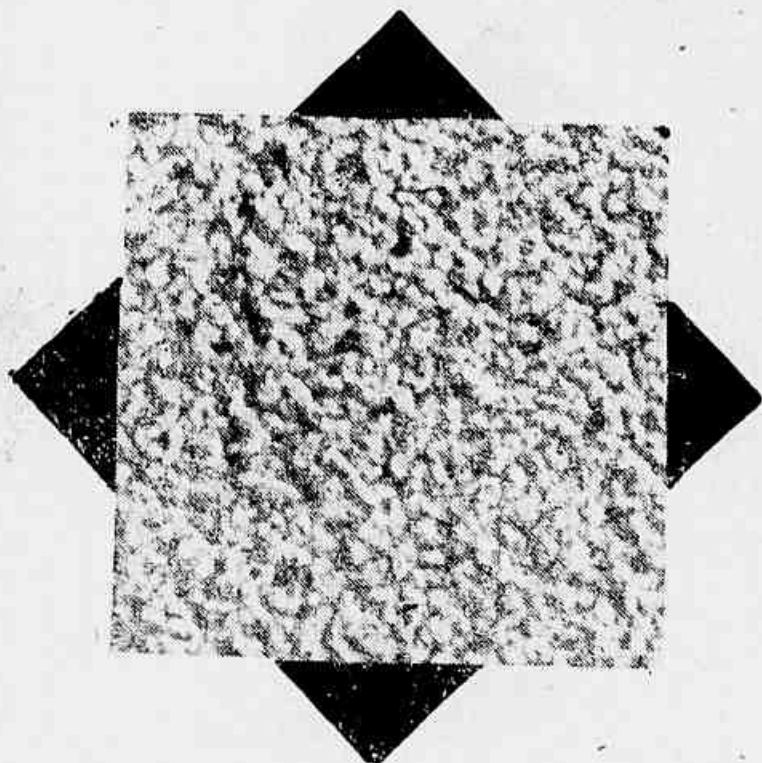
Vai seguindo assim a marcha do *tricot*.

Para o *crochet* damos uma amostra do ponto na figura 1. O *crochet* gasta mais lã.



encontram-se no meio, depois continuar a trabalhar sobre as duas peças em carreiras seguindo o molde. Quando medir 43 centímetros de altura, separar o trabalho em três partes (ver as indicações no molde, e terminar cada uma separadamente. A parte de trás das calças é tricotada como a frente. A parte de cima das costas é trabalhada no ponto de listas com as agulhas n. 3 com a lã vermelha, pôr na agulha 112 malhas (53 centímetros). As mangas com hombrinhas são trabalhadas em uma só peça. Manga direita — começar pela parte de baixo pondo na agulha n. 2 — 72 malhas com a lã branca e tricotar dois centímetros no ponto de gaita simples. Depois tomar as agulhas n. 3 e tricotar no ponto de listas com a lã vermelha, primeiro até o meio de trás da pala. Trabalhar em sentido inverso a segunda metade da pala e, em seguida, a manga esquerda. Para o quadrado entre as pernas pôr na agulha n. 3 com a lã vermelha 17 malhas (5 centímetros) e tricotar 5 centímetros no ponto de listas. Para o bolso, pôr na agulha n.

metros. Fazer com a agulha de *crochet* sobre as orelhas laterais e sobre a pala superior da parte mediana das três partes de cima da frente, 1 carreira de pontos simples. Quanto às partes laterais, fazer 2 carreiras no ponto simples sobre as orelhas para a parte mediana, e 1 carreira sobre as partes superiores. Pregar a parte de trás da pala assim com a parte da frente com a orelha destacada. Fechar a segunda beirada da frente por meio de pontos de pressão. Pregar como em 1.º botão pequeno e uma alça de cada lado da parte de cima da pala. Fazer 7 carreiras de pontos simples sobre as calças. Fenda da frente da calça e 5 carreiras sobre as da parte de trás. Terminar a parte de cima do lado de trás da calça por 4 carreiras de pontos simples, mas fazendo na segunda carreira 6 casas, de 1 centímetro de largura, a primeira a meio centímetro da orelha laterais outras com 5 centímetros de intervalo. Enfiar a tira para a gravatinha por entre as malhas e dar uma laçada.



A Moda do Crochet

As prendas de *tricot* vão se tornando cada vez mais indispensáveis, pois o nosso clima anda realmente muito instável, parecendo que ha tendencia para se prolongar o inverno; os dias de temperatura mais agradável, são sempre mais frios à noite.

Este ano também o *crochet* está em grande moda para prendas femininas.

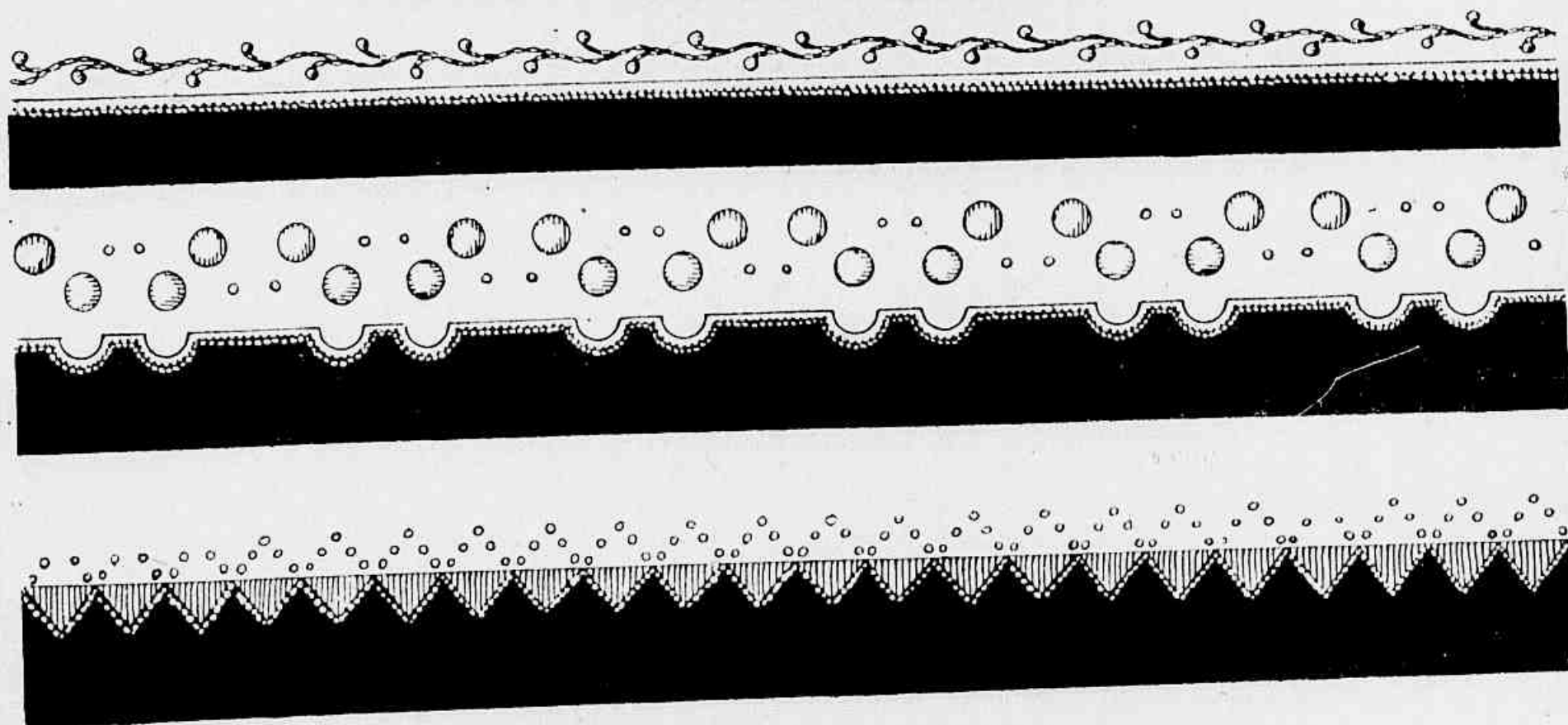
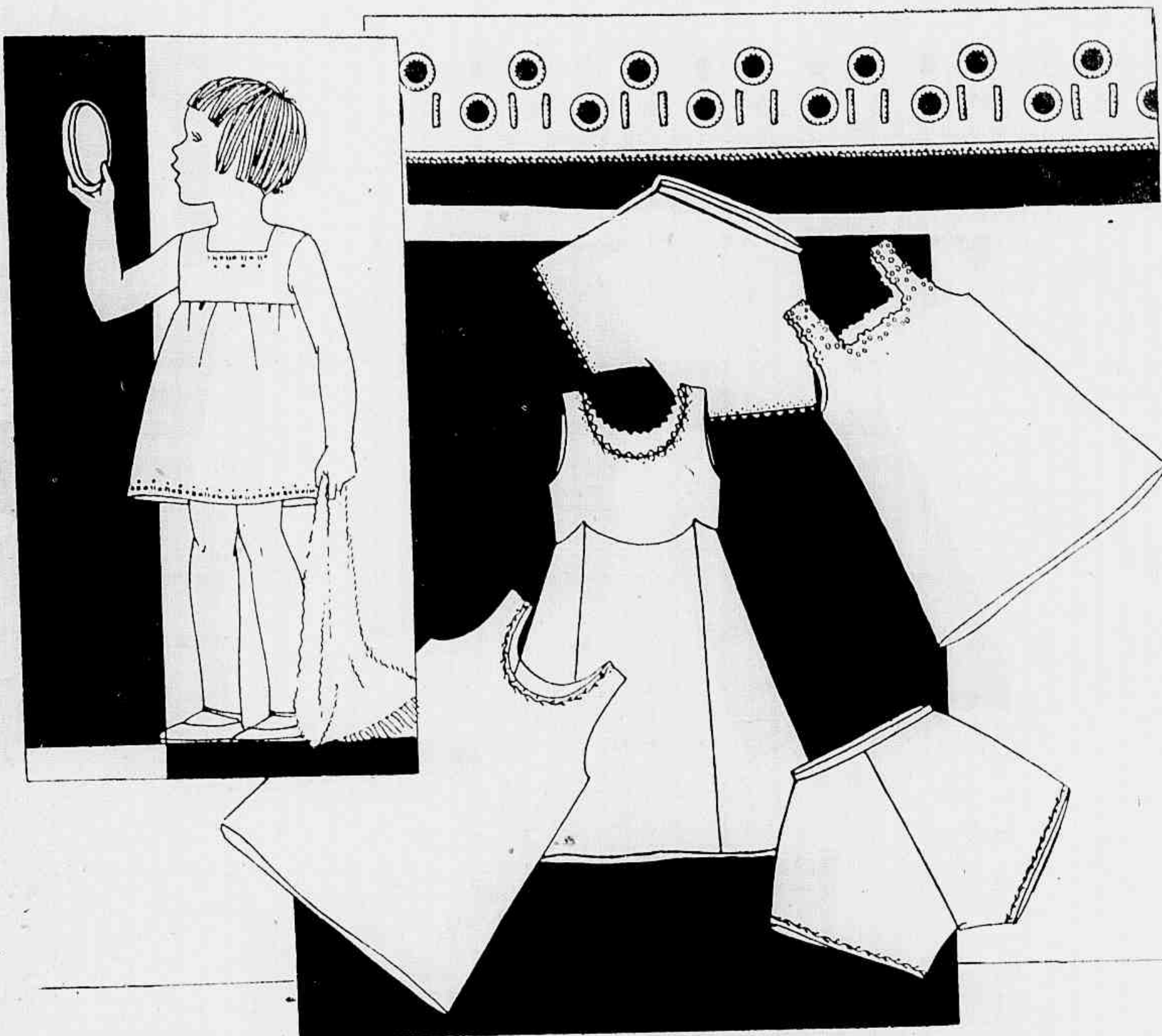
O *Crochet* — está sendo, com efeito, muito empregado na confecção de chapéus, tanto os classicos *canotier*, como as camélias e os outros de fantasia.

O *jabot* de linha fina, tecido em *crochet*, como ainda flores e luvas. E' uma moda própria para a guerra, pois toda mulher elegante sendo habilidosa, pôde confeccionar essas prendas, que de resto são muito *chic*. Ha muita gente ganhando dinheiro, aproveitando-se da delicada situação universal, mas mesmo a isso aconselhamos que se lembrem do amanhã. E' dever da mulher economizar em tudo quanto puder.

Tudo quanto ficar obscuro em nossas aplicações, poderá ser repellido. Tudo quanto desejarem as leitoras, escrevam para esta secção — REVISTA DA SEMANA.



BORDADOS PARA GUARNECER AS ROUPAS DE BAIXO DAS CRIANÇAS



COLLERETTE-JABOT DE CROCHET DE LINHA

Estamos na época dos *jabots* para enfeitar as roupas de verão, as blusas de *jabot* são as preferidas. Damos aqui um feito de linha fina simplissimo e de muito efeito tanto para uma blusa como para um vestido estampado leve.

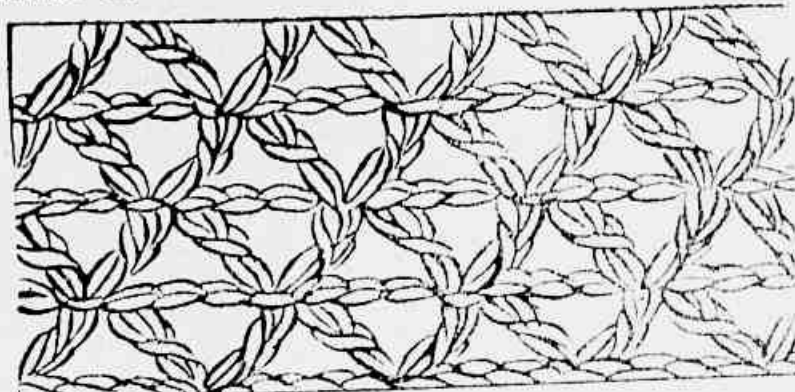
EXECUÇÃO E MATERIAL

São necessários 2 novelos de linha brilhante 'A la Croix' n. 14, em branco ou tom suave.

Ponto empregado: — 1.ª carreira: 1 ponto alto, 2 malhas de trancinha, 1 ponto alto na mesma malha, saltar 2 malhas da trancinha e recommençar. 2.ª carreira: como a primeira, mas fazendo os grupos de 2 pontos altos sobre o primeiro ponto alto da carreira precedente.

E execução — Fazer uma trancinha 105 centímetros de comprimento depois fazer 7 carreiras no ponto indicado. Na ultima carreira fazer 1 *picot* de 3 malhas de

trancinha, sobre o segundo ponto alto de cada grupo. Executar em seguida uma segunda tira igual à primeira. Colocar uma contra a outra e fazer um ponto de franzido na parte de baixo, e pregar em volta da gola e acompanhando as frentes até um certo ponto.

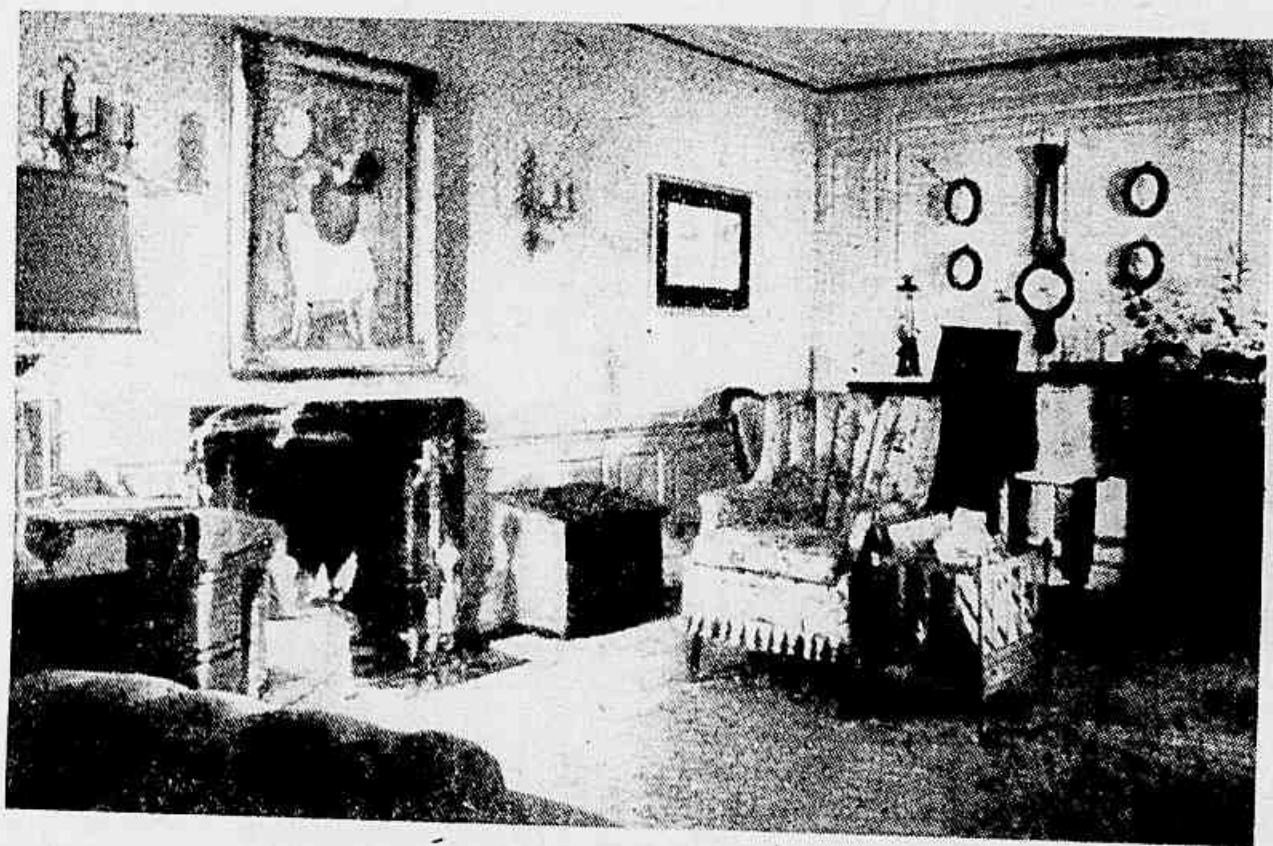




Uma secretária com a estante, a mesa para o "breakfast" e a poltrona predileta para a leitura; os livros preferidos ficam sobre a mesa, á mão.



Uma original combinação de mesas e poltronas confortáveis junto á lareira e á estante.



O recanto para música com um interessante lugar para jornaes e revistas ao lado da poltrona.

O Lar

UM CANTINHO PARA ESTAR

O LAR, nos dias de hoje, e para a maioria das creaturas, não passa de um cantinho onde ficar. Realmente, com a exiguidade de espaço da moradia em apartamentos, o mobiliário vai adquirindo um sentido mais pratico. O trabalho diário de manhã á tarde afasta a mulher do seu lar e ela naturalmente, vai procurando arranjar o ambiente apropriado ao seu repouso de algumas horas. Nada de superfluo; até os quadros e algum objeto de arte fazem parte do sentimento de bem estar e alegria que ela deseja ter; assim acontece com os jarros, as flores, as cortinas e tapetes meigos. As cadeiras, poltronas e sofás são confortáveis e convidam á intimidade e ao descanso. As estantes de livros são as férias do espírito; a musica, a fuga da alma para lugares mais leves e translucidos; lugares onde se póde sonhar.

Ha ambientes arranjados com tanta arte e tal sentido de conforto, que a gente sente perpassar por tudo o espírito familiar. Há um lugar para as fotos; é um recanto mais intimo onde um convidativo divan tem ao lado uma estantesinha para os livros favoritos, umas revistas, um bibelot de porcelana ou de cristal, e o indefectível vaso com flores frescas. Os jarros floridos são como o sorriso acolhedor de uma anfitriã e



Um confortável e bonito recanto para a conversa e para o chá das 5, com as amigas.





Confortável e bonito ambiente para quem não dispõe de muito espaço. Os móveis são claros, os estofos amarelo-verde listados nos tons combinando com o resto: é a cadeira da escrivaninha; cortina amarelo-verde; sofá azul-cinza; tapete marrom-vermelho.

simples dona de casa: eles não devem faltar nunca no seu cantinho para descanso; as flores dão uma nota de vida ao ambiente por demais fictício dos apartamentos.

Aqui oferecemos aos nossos leitores algumas sugestões para recantos de repouso ou de trabalho. São eles criações de afamados decoradores; mas é preciso dizer que eles obedecem ao gosto pessoal dos donos e a mulher americana lhe imprime o toque de sua personalidade, nos menores detalhes, como na escolha de tapetes, cortinas, flores e bilhete, harmonizando cores e dando ao seu lar todo o encanto de expressão agradável e saudável. As moradias luxuosas têm geralmente uma fisionomia inexpressiva que pode ser de um hall de cinema, como de uma exposição de casa de móveis caros.

A preocupação de seguir a moda, escolhendo móveis *velhos* e objetos também *velhos*, vai despersonalizando os ambientes, tornando-os todos iguais e parecidos com antessalas de *belchior*.

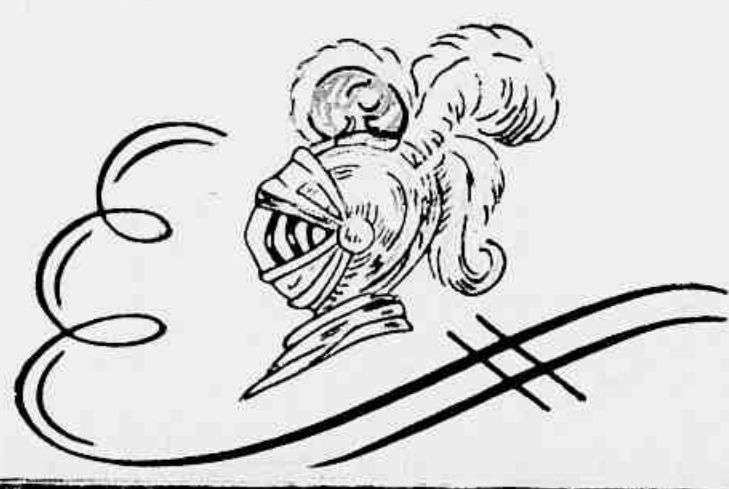
Não queremos dizer que não haja, entre esses, os que podem reunir um estilo e o fazem de coisas preciosas *antigas* mas não *velhas* isto é avariadas. Contudo achamos que devemos dar preferência a ambientes mais familiares, mais confortáveis e acolhedores, porque isso será uma compensação à luta diária que se tem fora de casa. Nada, neste mundo, vale o seu *Cantinho para estar*, onde a espera na poltrona reconfortante, o livro predileto e o sorriso das flores.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



ELMO



PARA UM BOM FUMANTE...
UM BOM CIGARRO

Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ



Record